



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS –GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

JAMILE OLIVEIRA ALMEIDA

**REESCRITURA FEMINISTA NEGRA COMO ATO POLÍTICO DE  
RESISTÊNCIA: TRADUÇÃO DO PRIMEIRO CAPÍTULO DE  
*POSSESSING THE SECRET OF JOY* (1992), DE ALICE WALKER**

Salvador  
2022

**JAMILE OLIVEIRA ALMEIDA**

**REESCRITURA FEMINISTA NEGRA COMO ATO POLÍTICO DE  
RESISTÊNCIA: TRADUÇÃO DO PRIMEIRO CAPÍTULO DE  
*POSSESSING THE SECRET OF JOY* (1992), DE ALICE WALKER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade  
Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de  
Mestre em Letras.

Orientador(a): Profa. Dra. Eliza Mitiyo Morinaka  
Coorientador (a): Profa. Dra. Denise Carrascosa França

Salvador  
2022

Almeida, Jamile Oliveira.

Reescritura feminista negra como ato político de resistência: tradução do primeiro capítulo de Possessing the secret of Joy (1992), de Alice Walker / Jamile Oliveira Almeida. - 2022.  
129 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Eliza Mitiyo Morinaka.

Coorientadora: Profa. Dra. Denise Carrascosa França.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2022.

1. Literatura americana - Influências africanas. 2. Tradução e interpretação na literatura. 3. Características nacionais africanas na literatura. 4. Walker, Alice, 1944- - Crítica e interpretação. 5. Walker, Alice, 1944- - Estilo literário. 6. Walker, Alice, 1944- . Possessing the secret of Joy - Traduções para o português. 7. Negras na literatura. 8. Feminismo e literatura. 9. Circuncisão feminina. I. Morinaka, Eliza Mitiyo. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 418.02

CDU - 81'255.4

A

Todas as mulheres que lutam pelo direito de permanecerem inteiras.

Hildenir e Jaime, pais queridos, pelo apoio e incentivo.

Talita, irmã querida, companheira e inspiradora.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado força e determinação para chegar até aqui.

Aos meus pais pelo amor e incentivo

À minha irmã pelo apoio e indicações relacionadas à minha pesquisa.

À minha orientadora, professora Eliza Morinaka, pela competência, compreensão e paciência no processo de construção da dissertação. Suas orientações foram imprescindíveis na consolidação dos meus conhecimentos. Obrigada por tudo!

À professora Denise Carrascosa França, uma grande inspiradora, que me apresentou as escritoras Alice Walker e Toni Morrison, despertando em mim o desejo de estudar e conhecer a literatura afrodiáspórica.

Ao Grupo Traduzindo no Atlântico Negro, um espaço de acolhimento, pelos momentos de trocas e pelo pensar em conjunto a construção de uma epistemologia negra tradutória.

À Universidade do Estado da Bahia por conceder dois anos de licença para cursar o mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia pelo apoio institucional.

À força dos meus ancestrais. Axé!

*Há quem acredite que os negros possuem o segredo da alegria e é ele que os sustentará em qualquer devastação espiritual, moral ou física.*

*Alice Walker, 2008*

## RESUMO

O objetivo dessa dissertação é realizar uma tradução inédita, ética e engajada do prefácio e do primeiro capítulo do romance *Possessing the Secret of joy* (1992), de Alice Walker, que ressalte a oralidade presente na dicção da autora e os demais traços afrodiáspóricos do texto. O romance trata da mutilação genital e dos efeitos nocivos desta prática na vida da personagem africana Tashi. Para que a prática dessa tradução fosse possível, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: realizar um estudo sobre a mutilação genital feminina, analisar a narrativa para identificar os traços afrodiáspóricos do texto e investigar os fatores sociais que motivaram a escrita da autora. Nesta dissertação, a tradução é pensada como reescritura e o(a) tradutor(a) como um(a) mediador(a), destacando também a importância da cultura como elemento que reflete aspectos identitários importantes da comunidade que se deseja representar. Além disso, abordamos o engajamento que os Estudos Culturais e Pós-coloniais tiveram no sentido de deslocar o espaço de enunciação monolítico avaliado pelo cânone para outros lugares de fala. Nesse sentido, a obra de Walker baseada numa epistemologia feminista negra empodera mulheres negras e confronta os padrões hegemônicos que durante muito tempo prevaleceram no campo literário e da tradução; trazendo um conjunto de experiências diversificadas que enriquecem o repertório da cultura de chegada por meio de um trabalho performático tradutório que envolve subjetividade negra, ativismo, ancestralidade e experiências que se comunicam em diferentes pontos da diáspora.

Palavras-chave: Tradução densa. Reescritura. Feminismo negro. Mutilação genital.

## ABSTRACT

The goal of this dissertation is to make an ethical and engaged translation of the preface and the first chapter of the novel *Possessing the Secret of joy* (1992), by Alice Walker, which highlights the orality present in the author's speech and other afrodiasporic elements of the text. The novel deals with female genital mutilation and the harmful effects of this practice in the life of the African character Tashi. To accomplish this translation, we established the following specific objectives: to study female genital mutilation, to analyze the narrative to identify the afrodiasporic traits of the text and to investigate the social factors that motivated the author's writing. In this dissertation, translation is thought as a rewriting and the translator as a mediator, also highlighting the importance of culture as an element that reflects important identity aspects of the community that one wants to represent. In addition, we believe that Cultural and Post-colonial Studies displaced the monolithic enunciation to other places of speech. In this sense, Walker's work that is based on a black feminist epistemology empowers black women and confronts the hegemonic patterns that have long prevailed in the literary and translation fields. It brings diverse experiences that enrich the repertoire of the target culture through a translator's performative work that involves black subjectivity, activism, ancestry and experiences that communicate in different parts of the diaspora.

Keywords: Thick translation. Rewriting. Black feminism. Genital mutilation.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>O CÂNONE COMO FERRAMENTA DE INVISIBILIDADE DE GRUPOS MINORITÁRIOS</b> .....	13
2.1	ABORDAGEM DESCONSTRUCIONISTA APLICADA À TRADUÇÃO E TRADUÇÃO CULTURAL.....	18
2.2	TRADUÇÃO, IDENTIDADE E PODER .....	23
2.3	REESCRITURA COMO ATO POLÍTICO DE RESISTÊNCIA.....	29
<b>3</b>	<b>PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO AMERICANO E WOMANISM</b> .....	36
3.1	ALICE WALKER: UMA NARRATIVA DE RESISTÊNCIA.....	44
3.2	UM ESTUDO SOBRE A MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA.....	48
<b>4</b>	<b>PROJETO TRADUTÓRIO</b> .....	56
4.1	ANÁLISE DO PRIMEIRO CAPÍTULO.....	59
4.2	DECISÕES TRADUTÓRIAS .....	64
4.3	TRADUÇÃO DO PREFÁCIO: ASSUNTOS DE MÃE .....	68
4.4	TRADUÇÃO: POSSUINDO O SEGREDO DA ALEGRIA.....	80
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	122
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	126

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é fruto de uma longa trajetória iniciada durante a graduação. Os primeiros contatos com a literatura negra afro-americana e a tradução desses textos chegaram até a mim por meio das disciplinas ministradas pela professora Denise Carrascosa que me apresentou diversos autores (as), despertando em mim o interesse em estudar e refletir a respeito da importância de uma literatura negra para a representação e a identidade de um povo.

Através desses textos foi possível estabelecer um elo de empatia, identificação, pois como mulher negra me senti representada nesse espaço literário; o que é muito válido, considerando que academia ainda é um ambiente tradicional que reflete padrões hegemônicos, sobretudo no tocante aos autores que são escolhidos para serem trabalhados em salas de aula. Assim, a escolha do objeto de pesquisa foi motivada pela experiência que obtive durante a graduação ao trabalhar com textos de autores(as) negros(as) e temáticas relacionadas.

Segundo Dennys Silva-Reis e Lauro Maia Amorim (2016), quando se pensa sobre tradução de textos para o português ainda são poucos os autores negros traduzidos para o Brasil. Mesmo considerando os afro-americanos, esse número é reduzido a alguns cânones, na maior parte por homens dos Estados Unidos e da Inglaterra. A afirmação evidencia a escassez de autores negros principalmente do universo feminino traduzidos para o português.

Pensando em dar voz e visibilidade à autora afro-americana Alice Walker, a presente pesquisa tem como objetivo fazer uma tradução inédita, ética e engajada do primeiro capítulo e do prefácio do romance *Possessing the Secret of Joy* (1992) que ressalte a oralidade presente na dicção da autora e os demais traços afrodiaspóricos do texto. Paralelamente, os objetivos específicos são: realizar um estudo da prática da mutilação genital feminina; analisar a narrativa para identificar os traços afrodiaspóricos do texto e investigar os fatores sociais que motivaram a escrita da autora.

A tradução realizada do romance não tem a intenção de ser um ato de decodificação. Como tradutora, afetivamente envolvida com a temática do texto, adoto também o conceito de Umberto Eco de tradução como uma negociação.

[...] a ideia de que a tradução se apoia em alguns processos de negociação, sendo a negociação, justamente, um processo com base no qual se renuncia alguma coisa para obter outra- e no fim as partes em jogo deveriam experimentar uma sensação de razoável e recíproca satisfação a luz do áureo princípio de não se pode ter tudo. (ECO, 2007, p.19)

Todo texto a ser traduzido exige do(a) tradutor (a) tomada de decisões, sendo que cada decisão pode refletir em outros aspectos do texto. Por isso, o(a) tradutor(a) deve ponderar as decisões e ver a que melhor se adapta ao seu projeto tradutório. É realmente um processo que

envolve perdas e ganhos — porque o(a) tradutor(a) está em contato com outra cultura — não é possível reproduzir o texto completamente, como propunha a tradição logocêntrica, mas é possível um diálogo, uma aproximação e uma reescritura. Paulo Britto (2020) propõe que observemos quais as características mais importantes do texto que poderão ser recriadas e quais devemos recriar, já que não podemos recriar todas as características do texto de partida. Assim “ao traduzir um texto universalmente elogiado pela sua capacidade de fazer rir, é preciso privilegiar as passagens que contêm piadas, jogos de palavras, mal-entendidos, paródias ou quaisquer que sejam as fontes de humor do original” (BRITTO, 2020, p.54). Nesse caso, a avaliação criteriosa norteará o trabalho do(a) tradutor(a).

O livro *Possessing the Secret of Joy* é um romance que conta a história de Tashi, personagem africana, que se submete à prática da mutilação genital feminina na comunidade africana de Olinka. A narrativa não é linear e os eventos se movem no tempo e nos espaços geográficos com uma multiplicidade de vozes numa narrativa fragmentada. Para destacar os traços afrodiaspóricos que aparecem no romance utilizaremos a tradução densa — conceito abordado pelo teórico e filósofo ganês Kwame Anthony Appiah — que será adotada para facilitar a compreensão do(a) leitor(a) de chegada no que diz respeito aos aspectos sociais, linguísticos e culturais do texto, assemelhando-se a um processo pedagógico. O estranhamento causado por causa das diferenças culturais será esclarecido através das notas da tradutor(a) inseridas na tradução e comentários sobre minhas decisões tradutórias. A tradução realizada tem como público as pessoas que não conhecem a prática da mutilação, as que já conheçam ou se interessem pelo assunto. Normalmente quem já conhece a prática tem maior interesse em se aprofundar na temática, o que não significa que isso não cause interesse, curiosidade, do público que a desconhece.

Para aprofundar os conhecimentos no campo dos Estudos da Tradução, a pesquisa bibliográfica foi fundamental principalmente no que se refere à abordagem pós-estruturalista, perspectiva na qual fundamento este trabalho. A pesquisa também ofereceu suporte teórico para conhecer a narrativa ficcional da autora, investigar sobre a epistemologia feminista negra e a prática da mutilação genital — o que é, como ocorre, por que ocorre e quais são seus efeitos.

A decisão de traduzir uma escritora afro-americana me incentivou a pensar a tradução como ato político e engajado, no sentido de enfatizar os traços afrodiaspóricos, destacando também as marcas de oralidade presentes no texto. Pude perceber ainda a tradução como um ato escreviente que não se desvincula da minha subjetividade de mulher negra principalmente pela força ancestral que move meu corpo através de uma identificação histórica, que é capaz de

mobilizar e traduzir relatos e experiências em outros pontos da diáspora negra, atravessando espaços geográficos e formando uma rede de produção de conhecimento, ativismo e resistência. Dessa forma, segundo a doutora e pesquisadora Denise Carrascosa (2017), no livro *Traduzindo no Atlântico Negro*, a tradução afrodiáspórica pode ser pensada como uma função articulada à existência da tradutora negra independente do lugar em que ela se encontre.

A dissertação foi intitulada de Reescritura feminista negra como ato político de resistência, porque a tradução realizada aborda a obra de uma autora que parte de uma epistemologia feminista negra para contar histórias principalmente de mulheres negras, tratando também das tradições africanas e da resistência dessas mulheres para lutar contra a violência, o sexismo e o racismo estrutural.

A primeira seção da dissertação está dividida nas seguintes subseções: o cânone como ferramenta de invisibilidade de grupos minoritários, abordagem desconstrucionista aplicada à tradução e tradução cultural, tradução, identidade e poder, e reescritura como ato político de resistência. Essa seção traz o referencial teórico usado para pensar a tradução, concebida neste trabalho como uma reescritura. O cânone como ferramenta de invisibilidade de grupos minoritários possui o intuito de mostrar como a sua influência difundiu e visibilizou certas identidades em detrimentos de outras, o que repercutiu no campo da tradução, contribuindo para que textos de autores negros e temáticas relacionadas fossem pouco visibilizados e traduzidos. Levando isso em conta, trato da tradução relacionando-a com a identidade e o poder. O poder está concretizado nas questões ideológicas e de mercado que mobilizam as traduções. Já a identidade refere-se à instância da tradução em representar uma cultura estrangeira. Por último, abordo a tradução como um ato político de resistência que destaca por meio da linguagem os traços culturais de grupos que foram invisibilizados no campo literário e da tradução. Essa atitude pressiona e abre espaço para discutir a necessidade de incluir na literatura a produção de epistemologias associadas aos grupos minoritários que por meio do seu espaço de enunciação marca também seu lugar de existência na história.

A segunda seção é composta das seguintes subseções: pensamento feminista negro americano e *womanism*, Alice Walker: uma narrativa de resistência, e um estudo sobre a mutilação genital feminina. No geral, essa parte está direcionada para a vida e obra da autora traduzida, relacionando sua narrativa com a epistemologia feminista negra, já que é visível em suas obras, até mesmo em *Possessing the Secret of Joy*, características desse estudo. Assim questões como subalternidade, exploração, imagens de controle e interseccionalidade, que, segundo Carla Akotirene (2019), nos mostram como mulheres negras são discriminadas e encontram-se com frequência em avenidas identitárias que evidenciam suas vulnerabilidades,

serão discutidas nesta dissertação para dimensionar a realidade de opressão e todo o conjunto de simbologia que exerceu forte pressão na construção do que é ser mulher negra, estabelecendo-se assim um contexto histórico diferente quando comparado à realidade de mulheres não negras. Tais questões estão presentes na narrativa de Walker que, ao dar voz às mulheres negras, contribui para sua representação e afirmação positiva, sem deixar de tratar das dificuldades, explorações e violências a que estão submetidas. A autora considera a escrita como um lugar de prática social. Visão que é bem parecida com o conceito de escrevivência pensado pela escritora Conceição de Evaristo. Mesmo em contextos diferentes, as duas autoras são fortes representantes de uma narrativa de resistência, pois descentralizam o espaço de poder normatizador. A última seção apresenta um estudo sobre a mutilação genital feminina, pesquisa que foi fundamental para conhecer a temática e otimizar o processo tradutório.

Na seção intitulada de projeto tradutório constam a explicação do projeto, seguida da análise do primeiro capítulo, das decisões tradutórias, da tradução do prefácio e a tradução do primeiro capítulo do romance. O prefácio intitulado “assuntos de mãe” trata da temática referente à mutilação genital, época em que Walker era ativista da causa. No prefácio, ela explica como conheceu a mutilação genital, iniciou o ativismo e desenvolveu sua escrita, além de narrar as perseguições sofridas em virtude de sua posição contrária à prática, já que muitos achavam que ela estava difamando a África. Nas considerações finais, apresento o resultado de todo um processo tradutório, juntamente com o aprendizado alcançado e as dificuldades encontradas, mas superadas. Enfim, como fui atravessada pelo processo de tradução.

## 2 O CÂNONE COMO FERRAMENTA DE INVISIBILIDADE DE GRUPOS MINORITÁRIOS

É importante salientar que por ter escolhido uma obra que se insere no campo minoritário serão abordadas aqui questões que dizem respeito à institucionalização do cânone como medida de valoração literária; pois ele estabelecia uma divisão entre baixa e alta cultura, impedindo que outros espaços de enunciação — fora da visão monolítica ocidentalizada — fossem valorados positivamente.

Nesse sentido, o estabelecimento do cânone também influenciou a tradução, visto que os textos canônicos — por uma questão ideológica de hegemonia cultural — eram comumente mais traduzidos, já que estavam de acordo com os valores que deveriam ser difundidos e preservados. Além disso, os efeitos da colonização na sociedade ocidental também foram preponderantes na disseminação do conhecimento sobre tradução, pois estabeleceram relações de poder assimétricas entre as culturas do colonizador e colonizado, impedindo assim que a produção literária dos subalternizados fosse valorada positivamente.

Segundo Renan Mazzola (2015), o procedimento de avaliar textos de autores consagrados é observado desde a Antiguidade Clássica, adentrando na Idade Média — período no qual a hegemonia ideológica da Igreja Católica foi a responsável por excluir textos considerados perniciosos e que fossem contra a sua cosmovisão. Com o passar do tempo, a palavra cânone passou a ter a acepção de um conjunto de textos autorizados, exatos e modeladores. Mazzola, no texto *A Formação do Cânone Literário e Visual*, afirma que:

Esse tipo de cânone não surgiu tal como compreendemos hoje: atualmente, os críticos são os responsáveis por fazer a leitura de uma obra e a ela atribuir o seu peso e valor de modo que, após isso, ela possa ser incluída ou excluída do rol das melhores. Deve-se considerar também que se pode demorar um tempo indeterminado até que haja outra reavaliação (MAZZOLA, 2015, p. 30)

Conforme a citação, os julgamentos das obras literárias ainda são baseados em uma autoridade discursiva e em poder de instituições que têm interesse em preservar o cânone como ferramenta crítica literária. Por ter origem ocidental, o cânone difundiu valores desta matriz cultural como: patriarcalismo, etnocentrismo, heteronormatividade e Cristianismo. As obras que entrassem em confronto com ele seriam excluídas e marginalizadas, pois não dialogavam com as regras pactuadas. O cânone ainda, segundo Mazzola (2015), se constituiu em uma ferramenta de controle discursivo, visto que ajudou a difundir a cultura hegemônica em detrimento de outras identidades. Isso estabeleceu hierarquia do que deveria ser lido e propagado em função do seu valor literário. Uma evidência na defesa da preservação do cânone

pode ser constatada no livro de Harold Bloom, *O Cânone Ocidental* (1995), em que ele define quais são os autores que compõem o cânone, reduzindo-os a apenas 26 escritores. Essa classificação demonstra o caráter elitista, reducionista e subjetivo do cânone pautado em valores criados fora da nossa cultura, porém validado pela cultura eurocêntrica. Fato verificado pela própria escolha de Bloom: a maioria dos homens do cânone era europeu e norte-americano.

Sandra Job (2015) no artigo: *Cânone, Feminismo, Literatura: Relações e Implicações*, afirma que devido à influência que o cânone exerceu no âmbito da literatura, em nome de uma identidade específica, incorporando determinadas obras literárias e excluindo outras, é que obras de grupos minoritários foram marginalizadas desse cenário. Como representantes da minoria, esses grupos não tinham autoridade discursiva — pois as narrativas e os conhecimentos produzidos por eles não eram legitimados como saber teórico — sendo assim eles não tinham espaço de enunciação.

Em alusão ao pensamento de Stuart Hall (2003, p.131), no qual ele esclarece que “o que importa são as rupturas significativas – em que velhas correntes de pensamentos são rompidas, velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas”; destacamos a importância dos Estudos Culturais, surgido em meados da década de 1950, para desestabilizar o pensamento que estabelecia a distinção entre alta cultura, incluindo aí as produções elitistas e eruditas, e a cultura popular que era vista como menor. O método de trabalho dos Estudos Culturais partiu da análise literária para a cultural. Nesse caso, o texto deixa de ser analisado apenas por seus valores estéticos, de forma, linguagem, repetição, omissão, personagens, enredo e tema e será avaliado na sua relação com a cultura na qual é produzido. Outros fatores fundamentais citados por Job para a desestabilização do cânone foram o revisionismo feminista, dos anos 70 e 80, e as reivindicações do movimento negro surgidas no decorrer dos anos de 1980, que também contribuíram para que o campo literário se tornasse mais plural, representado por outras identidades.

A cultura na atualidade não é um espaço homogêneo, pois ela se configura num conceito que abarca a diferença, a alteridade e a pluralidade de identidades estabelecendo uma relação dialógica com o outro. Diante disso, Hall (2013, p. 133) destaca:

A concepção de cultura é, em si mesma, socializada e democratizada. Não consiste mais na soma de “o melhor que foi pensado e dito”, considerado como os ápices de uma civilização plenamente realizada – aquele ideal de perfeição para o qual, num sentido antigo, todos aspiravam. Mesmo a “arte” – designada anteriormente como uma posição de privilégio, uma pedra de toque dos mais altos valores da civilização – é agora redefinida como apenas uma forma especial de processo social geral: o dar

e tomar significados e o lento desenvolvimento do significado comum; isto é uma cultura comum: a “cultura”, neste sentido especial é ordinária (HALL, 2003, p.135)

Essa nova forma de pensar a cultura possibilitou o diálogo transcultural — sustentado pela aceitação das diferenças, das pluralidades e das singularidades — favorecendo a inclusão no campo literário de narrativas que antes eram marginalizadas por serem classificadas como uma literatura menor. Assim negros, mulheres e povos autóctones entraram em debate reivindicando espaço, autonomia e questionando os valores impostos; buscando seu lugar de enunciação. Não é por acaso que Hall (2003, p. 200-201) afirma: “os estudos culturais abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formações, com suas diferentes conjunturas e momentos no passado”.

A abordagem deste assunto é tratada aqui para refletirmos sobre a invisibilidade da literatura e da tradução relacionadas aos grupos minoritários. Em um passado não muito distante, eles não eram representados nesse espaço ou eram vistos pela perspectiva da classe dominante. Atualmente a literatura que aborda as temáticas desses grupos costuma ser classificada dentro de um campo específico como: literatura feminista, negra, marginal e popular. Essas classificações são resquícios da tendência valorativa do cânone que, ainda no século XXI, tende a enquadrar e catalogar as obras para inseri-las em um determinado tipo de literatura. Embora o cânone seja questionado, ele não deixou de servir como parâmetro classificatório.

De modo geral, nota-se que a desestabilização contribui para democratização dos espaços de representações, impedindo o controle dos discursos pela classe dominante que se posicionou como autoridade para falar do outro. Regina Dalcastagnè afirma:

Ler Carolina Maria de Jesus como literatura, colocá-la ao lado de nomes consagrados, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, em vez de relegá-la ao limbo do “testemunho” e do “documento”, significa aceitar como legítima sua dicção, que é capaz de criar envolvimento e beleza, por mais que se afaste do padrão estabelecido pelos escritores da elite. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 21)

Homi. K. Bhabha (1998) aborda a importância das narrativas de sujeitos marginalizados e oprimidos para a constituição e desenvolvimento da nossa experiência humana, uma vez que elas são deslocamentos da ideologia eurocêntrica que tenta uniformizar as experiências a partir do eixo ocidental, trazendo conhecimentos hibridizados e deslocados; partindo de um lugar de marginalidade e de países subdesenvolvidos para compartilhar com o mundo também suas vivências.



Nesse sentido salutar, toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história –subjugação, dominação, diáspora, deslocamento- que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social- como ela emerge em formas culturais não-canônicas – transforma nossas estratégias críticas (BHABHA, 1998, p. 240)

Muitos desses autores(as) partem de uma abordagem escreviente, utilizando suas experiências como arcabouço teórico para criar histórias relacionadas ao seu contexto social, tais quais discriminação, racismo, violência de gênero, entre outros. Carolina Maria de Jesus é um exemplo disso, no livro *Quarto de Despejo* (1960), ela aborda sua experiência ficcional de mulher que viveu em uma favela, narrando as dificuldades enfrentadas por ser uma mulher pobre e negra. De modo semelhante, Walker apresenta em suas obras característica escreviente. Por exemplo, a construção do livro *Possessing the Secret of Joy* foi inspirada em uma viagem feita ao Quênia, em 1966, onde ela teve contato a primeira vez com a prática da mutilação genital feminina, tema central do livro. No Brasil, a representante maior da escrevivência é a doutora em literatura comparada e escritora mineira Conceição de Evaristo. De acordo com a pesquisadora doutora Luciana Reis:

[...] Conceição de Evaristo, de maneira análoga a Janus Adams, aborda em sua produção bibliográfica, temáticas que estão diretamente relacionadas ao seu contexto de fala, ou seja, aquele de uma mulher negra que vive em uma sociedade racista e sexista. Fazendo emergir em seus trabalhos as questões que estão entrelaçadas a sua condição social e racial, sem no entanto, perder a legitimidade destes trabalhos. (REIS, 2017, p. 88).

A tradução, por abranger mecanismos de poder, pode impulsionar a circulação de certos textos em detrimento de outros. O próprio epistemicídio — que é o apagamento de referenciais de teóricos africanos e afro-brasileiros — demonstra isso. Tais referenciais costumavam não ser valorizados, sendo pouco conhecidos e divulgados; conseqüentemente sua produção no mercado editorial era menor e, no tocante a isso, essas obras não seriam frequentemente escolhidas para tradução, pois não se enquadravam na lógica central de mercado, do lucro e do interesse maior. No contexto atual, essa realidade vem apresentando mudanças, com a entrada de estudantes negros nas universidades e a atuação do movimento negro, tanto a escrita e a tradução com este foco apresentaram desenvolvimento. Fato também intensificado pelo âmbito universitário com pesquisas e produções direcionadas às teorias e aos conhecimentos afrodiáspóricos, ajudando assim a movimentar o mercado para essa nova demanda.

Segundo Adélia Mathias<sup>1</sup>, a editora Ática traduziu obras de autorias negras dos anos de 1979 até o início de 1990; e a editora Nova Fronteira traduziu alguns dos romances de Toni Morrison e até mesmo os romances de autoria mais popular, como os de Chimamanda Adichie e Uzodinma Iweala; ou obras teóricas como *O Atlântico Negro*, de Paul Gilroy, e *Os Condenados da Terra e Pele Negra e Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon. Apesar de existirem iniciativas que mobilizam a produção no mercado de uma tradução negra, na opinião de Mathias, elas são consideradas pontuais no tocante à diversidade na qual é composta a população brasileira, uma vez que as traduções ainda estão centradas no eixo do poder hegemônico. Para Mathias (2017) essas poucas traduções servem para mascarar o cenário deficiente com relação às traduções de textos afrodiáspóricos; pois não se mantêm as atualizações para que elas tenham forças suficientes para modificar o modo como conduzem o mercado de produção e disseminação de saberes no Brasil. Daí a importância de continuar trabalhando a leitura e a tradução no âmbito universitário de textos que se afastam do padrão hegemônico, pois, isso ajuda criar uma demanda crescente de pessoas que se interessam por outros tipos de narrativas, o que mobiliza o mercado a pensar nessa nova demanda.

---

<sup>1</sup> Mestra em Literatura e graduada em Letras, pesquisa a Literatura Afro-Brasileira contemporânea e trabalha especialmente com a autoria de mulheres. Membro do Grupo de Estudos Calundu sobre religiões afro-brasileiras e do Grupo de Pesquisa Vozes Femininas UnB/CNPq.

## 2.1 ABORDAGEM DESCONSTRUCIONISTA APLICADA À TRADUÇÃO E TRADUÇÃO CULTURAL

As teorias filiadas ao logocentrismo consideravam que as palavras guardavam um significado intrínseco em si. Essa ideia relacionava-se com a ideologia racionalista, a qual era possível determinar verdades transcendentais (RODRIGUES, 2000). Por causa dessa realidade, as teorias linguísticas tradicionais viam o texto como um objeto estático, onde as palavras carregariam significados estáveis independente do contexto, circunstância ou tempo. O tradutor então recuperaria esses significados, objetivamente, sem interagir com o texto ou tirar suas próprias conclusões.

No entanto, é importante salientar que o(a) tradutor(a) quando interpreta não escapa do sistema de linguagem, mas contextualiza os significantes em uma rede de diferenças e remissões. Por meio da interpretação não é possível o(a) tradutor(a) ser fiel — no sentido tradicional da palavra de recuperar o sentido do texto na íntegra — porque o ato de traduzir envolve culturas diferentes e cada uma delas possui seus sistemas de significações. Por tanto, uma das competências do(a) tradutor (a) é conhecer aspectos da cultura do texto de partida e de chegada. Com base nesses conhecimentos, ele está mais preparado para realizar a tradução e definir suas estratégias.

Para abordar uma nova forma de compreender a tradução, fora do âmbito da abordagem tradicional de correspondência e fidelidade, é importante falar da desconstrução que é uma abordagem indeterminista — pensada pelo filósofo Jacques Derrida — que tem como proposta questionar a estabilidade de conceitos e a noção de verdade absoluta, cuja abordagem “propõe que o modo de conviver com a linguagem é aceitá-la como não transparente às intenções, aos referentes e aos valores”. (PYM, 2017, p.210). De acordo com as abordagens tradicionais, era possível transportar as palavras de uma língua para outra sem haver perdas dos significados e não se pensava em outras possibilidades de interferências no texto de partida e no seu contexto de chegada.

A desconstrução, entretanto, abala a concepção de uma origem plena, de um “significado transcendental”, inscrito no texto, imune à diferença e ao adiamento, ou seja, à mudança espacial e temporal. Põe em xeque, assim, a validade ou a legitimidade do pensamento tradicional que considera a leitura como a preservação de significados, assim como o que julga que a tradução seja sua reprodução ou seu transporte para outra língua. (RODRIGUES, 2000, p. 201)

Os teóricos estruturalistas acreditavam que os elementos de uma língua poderiam compartilhar funções e significados com outras línguas. Esses significados compartilhados

seriam denominados de “significado transcendental” que “remeteria a uma pretensa substância e admitiria pensar na fixidez dos sentidos e dos valores, não na multiplicidade de relações diferenciais que se estabelece entre signos” (RODRIGUES, 2000, p. 191). Devido a esse pensamento, a tradução era vista como uma questão de equivalência entre elementos de diferentes línguas. Para Rodrigues (2000), a equivalência só seria possível se existisse um sistema onde houvesse um centro estático, no qual teríamos acesso ao verdadeiro valor dos elementos, das palavras. A equivalência impossibilitava a interpretação do texto e a criatividade do tradutor, já que não se pensava na leitura como um processo produtor de significados, mas de preservação desses significados.

Considerando atualmente que a leitura pode sofrer uma variação de acordo com o tempo, as circunstâncias e objetivos do(a) leitor(a), Rosemary Arrojo faz a seguinte afirmação sobre a tradução:

Qualquer tradução, por mais simples e despreziosa que seja, traz consigo marcas de sua realização: o tempo, a história, as circunstâncias, os objetivos e a perspectiva de seu realizador. Qualquer tradução denuncia sua origem numa interpretação, ainda que seu realizador não a assuma como tal. Nenhuma tradução será, portanto, “neutra” ou “literal”; será, sempre e inescapavelmente, uma leitura. O fato de ser sempre e inevitavelmente uma leitura ou uma interpretação não constitui, entretanto, uma característica peculiar de atividade do tradutor; revela, sim, um traço essencial de toda e qualquer atividade linguística a até mesmo de qualquer atividade humana. Toda tradução revela sua origem numa interpretação exatamente porque o texto de que parte, o chamado “original”, somente vive através de uma leitura que será – sempre e necessariamente – também produto da perspectiva e das circunstâncias em que ocorre. (ARROJO, 2003, p. 77)

Por ser um(a) mediador(a), o(a) tradutor(a) deve ter cuidado ao representar o outro, pois através da tradução trazemos o estrangeiro mais para perto de nós. Se fizermos uma leitura sem considerarmos as diferenças identitárias e a alteridade, corremos o risco de interpretar a cultura a partir de nossa própria perspectiva, fazendo um julgamento com base nos nossos parâmetros do que é certo e errado, bom ou ruim. Apesar de sermos atravessados por nossas experiências culturais, históricas e sociais, devemos aprender sobre o outro tendo consciência de que ele é parte de outro universo cultural, ou seja, suas representações, seus valores e costumes possuem conteúdos simbólicos diferentes dos nossos. Então para compreendê-los é necessário nos deslocarmos, sairmos de nós, desse lugar de conforto que é a nossa cultura para adentrar na cultura do outro. É um despir de si mesmo, para vestir-se do outro, no sentido de procurar compreender a cultura sem julgamentos.

Para entendermos o que é cultura e falar sobre sua influência no texto, veremos uma definição proposta por Muniz Sodré:

Para as modernas sociedades ocidentais, a cultura implica, portanto, uma prática diferenciada regida por um sistema, que se entende como conceito das relações internas típicas da realidade de produção, pelos indivíduos, do sentido que organiza sua condição de coexistência com a natureza, com os próprios membros de seu grupo e com outros grupos humanos (SODRÉ, 2005, p. 110)

A autora ao escrever um texto é movida por um interesse; pode ser de ordem social, histórica ou política. Ela quer retratar fatos de uma época, contar histórias, ensinar e trazer narrativas de vários sujeitos para o espaço de sua escrita. Quando a autora escreve, necessariamente, ela está inserida em um contexto social e cultural; logo sua escrita refletirá normas, valores e padrões dessa época, pois ela não passa ilesa a essas circunstâncias. Segundo Rodrigues (2000) cabia ao tradutor descobrir as intenções do autor (considerado um gênio criador) que seriam recuperáveis pela leitura — vista como um processo neutro que deveria eliminar as interferências do leitor/tradutor e de seu contexto sociocultural e histórico. No entanto, Hall contradiz essa afirmação, pois

O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado pela diferença. Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis (HALL, 2006, p.41)

A partir da citação acima, compreendemos que o significado é constantemente perturbado pela diferença, por isso a tarefa de traduzir não pode ser vista como um ato mecânico de decodificação de palavras — vai muito além disto. É preciso que o(a) tradutor(a) esteja ciente de sua tarefa e do seu lugar de mediador entre culturas, entendendo que a sua relação com o texto é de troca; uma negociação, com perdas e ganhos. Tudo depende também do objetivo da tradução. Se o(a) tradutor(a) tem como meta uma tradução que valorize aspectos do texto de partida, o texto será estrangeirizado na cultura de chegada para mostrar ao(à) leitor(a) as suas diferenças culturais. No entanto, ele pode optar por uma tradução domesticadora, adequando o texto à cultura de chegada e invisibilizando as marcas culturais de origem para que o texto se torne inteligível na cultura receptora. A tradução domesticadora de acordo com Lawrence Venuti (1993), é vista como um ato de transgressão, pois subverte a cultura do texto de partida para adequá-lo à cultura de chegada.

Devido à violência que o texto sofre para se adequar à cultura de chegada, Antoine Berman (1984/1992) deixa claro sua preferência por uma tradução estrangeirizadora, ética, pois é possível nesse tipo de tradução ver a manifestação do outro, da alteridade, sem mascarar sua originalidade. Sobre a postura adotada por Berman, Anthony Pym pontua que: “Antoine Berman de forma otimista propõe que o tradutor treinado hermeneuticamente respeite o autor

estrangeiro como o “outro”, resistindo à tentação de domesticar as marcas da estrangeiridade (domesticação seria tradução ‘etnocêntrica’ e antiética)” (PYM, 2017, p.215).

A globalização, a evolução da tecnologia e o deslocamento de pessoas da periferia para países do norte colaboraram para que se diluíssem as fronteiras entre países, ocorrendo assim uma aproximação entre as culturas. Acrescentando a isso, podemos afirmar que o processo diaspórico decorrente da colonização favoreceu também ao que denominamos de tradução cultural. A colonização, como processo imposto, visava destruir a cultura do colonizado, no entanto, os nativos souberam ressignificar sua cultura, moldando suas práticas ao novo, mantendo muitos dos traços culturais de origem. Os povos originários, por conta da submissão ao poder hegemônico, foram representados e traduzidos a partir da perspectiva do homem branco colonizador. Kanavillil Rajagopalan afirma que:

No que diz respeito à tradução propriamente dita, também não resta dúvida de que os colonizadores sempre se valeram consciente ou inconscientemente da sua prerrogativa de representar os colonizados, de traduzir e tornar compreensíveis suas reivindicações, de, enfim, tornar visíveis para o resto do mundo os povos sob seu domínio. (RAJAGOPALAN, 2000, p.125)

Com a crítica Pós-colonial, as narrativas e traduções de pessoas que se encontravam à margem do centro de poder — que eram subjugadas, vistas como periféricas, vindas de países subdesenvolvidos ou colonizados — encontram-se no eixo das discussões e de um reposicionamento. Hoje a partir do lugar de fala da minoria e tendo em vista uma tradução consciente que respeite os aspectos culturais desses grupos, sem tentar invisibilizá-los, aprendemos sobre as narrativas que abordam sua condição histórica, suas tradições e as experiências dolorosas como pessoas sujeitadas a um poder central imperialista. Tal fato é relevante, pois não correremos o risco de termos acesso a uma visão preconceituosa e estereotipada desses sujeitos, já que essas pessoas partem de seu lugar de fala para narrar suas próprias experiências sem serem representados por terceiros.

As perspectivas pós-coloniais emergem do testemunho colonial dos países do Terceiro mundo e dos discursos das “minorias” dentro das divisões geopolíticas de Leste e Oeste, Norte e Sul. Elas intervêm naqueles discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma “normalidade” hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos. Elas formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das “racionalizações” da modernidade. (BHABHA, 1998, p.239)

A tradução é uma criação — nossa visão do que poderia ter sido e, por isso, ela é original a si mesmo — porque é autêntica, produto do trabalho de um(a) tradutor(a). A tradutor(a), que também é um(a) leitor(a), irá percorrer a narrativa com a finalidade de conhecer seus

personagens, o local onde ocorre, o tempo, espaço e a cultura; apropriando-se da obra. A partir dessa interação, nasce o novo texto que é o produto de uma transformação que se efetua em uma nova língua. Um texto nunca se manterá na mesmice de sua origem, ele sobrevive modificando-se, pois a tradução é o lugar da diferença. Devemos considerar que as leituras não são livres, pois não podemos atribuir às palavras e aos textos qualquer significados arbitrariamente — já que o significado é comunitário e convencional — e faz parte do que Stanley Fish (1980), crítico da tradição logocêntrica, define de comunidade interpretativa. Vejamos o caso do texto de partida, sua importância na tradução foi definida por uma comunidade interpretativa, institucionalmente estabelecida, que o via como portador de significados estáveis.

Em suma, a abordagem desconstrucionista foi importante pois definiu um novo modo de pensar a tradução, desestabilizando o conceito de significado transcendental, aquele que se mantém intacto através das línguas e que não sofre influência de um contexto. Na realidade, o(a) tradutor(a) em sua tarefa tradutória — que não é algo que se dar objetivamente — relaciona-se com o texto subjetivamente para construir as redes de significações, que não são fixas; elas se transformam ao tocar uma outra língua, por isso a tradução não pode ser vista como mera cópia do texto ou simulacro.

## 2.2 TRADUÇÃO, IDENTIDADE E PODER

Mesmo trabalhando no campo da diferença, em território alheio, o(a) tradutor(a) utilizará de seus meios e estratégias para traduzir e entender o outro. Dessa forma, de acordo com Dennys Silva-Reis e Cibele de Guadalupe Sousa Araújo (2017, p. 6), no texto *Tradução e Diásporas Negras: O Percurso da Graúna Metafísica*, “a tradução constitui um importante instrumento diaspórico. Mais do que conexões linguísticas, fazem-se, via tradução, conexões culturais, alianças de ideias e de práticas, interações internacionais e acolhida”. Apesar dessa atuação da tradutor(a), é preciso entender que ela está submetida às normas e leis vigentes do mercado, isso faz com que sua atividade não seja tão autônoma, já que depende da avaliação de um editor que estabelecerá as fronteiras do que pode ou não ser publicado, seguindo o gosto e aceitação do mercado.

A tradução então como um meio de comunicação e conexão cultural é uma prática que engloba mecanismos de poder. André Lefevere (2007) afirma que ela ocupa uma posição central entre fatores como poder, ideologia, instituição e manipulação. Os fatores ideológicos fortemente relacionados com o poder instituído circulam muitas vezes discretamente pela sociedade, agindo sobre nós e constituindo os nossos discursos sem, no entanto, percebermos. Lefevere afirma como os tradutores agem para adequar as traduções à ideologia vigente:

Produzindo traduções, histórias da literatura ou suas próprias compilações mais compactas, obras de referência, antologias, críticas ou edições, reescretores adaptam, manipulam até um certo ponto os originais com quais eles trabalham, normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológicas ou poetológicas dominante de sua época. (LEFEVERE, 2007, p. 23)

A tradutor(a) pode ser motivada pelas questões de ordem ideológicas e poetológicas do seu tempo e lugar, podendo manipular uma obra, para que ela atenda as expectativas da ordem vigente. Por outro lado, ela pode escolher não seguir o fluxo das convenções estabelecidas; nesse caso, sua tradução pode adquirir um caráter desviante e dissidente, sendo colocada fora do sistema literário e considerada uma obra de caráter menor.

O mecenato é o fator mercadológico que opera fora do sistema literário. Ele é representado por grandes grupos de empresários que atuam nessa área e observam as tendências do mercado e o gosto dos consumidores, baseando-se nisso para tomar decisões. “A mudança ocorre devido a uma necessidade sentida no ambiente de um sistema literário, no sentido de que



para permanecer funcional é preciso mudar” (LEFEVERE, 2007, p. 45). Tal condição é proposta para não perder a audiência, seguindo assim a lógica do mercado.

Os fatores ideológicos atuam em conjunto com os mercadológicos, motivando a escolha dos textos que serão traduzidos, assim como definem a forma que eles serão vertidos para outro idioma. O campo literário repercute tendências que estão em vigor no mercado e que são dominantes em certa época. Essas tendências são os valores e ideias que circulam socialmente e mobilizam as pessoas a pensarem, comprarem, lerem e a reproduzir discursos sobre essas ideias. Em decorrência disso, as obras ou traduções que estejam fora desta esfera não serão alvo de interesse para o mercado, pois não correspondem aos discursos e ao padrão ideológico correntes.

Sabemos que “a tradução exerce um poder enorme na construção de representação de culturas estrangeiras” (VENUTI, 2002, p. 130). Venuti evidencia aqui o poder e a responsabilidade que estão nas mãos do(a) tradutor(a) de representar o outro. Esse poder se reverbera de diferentes formas — uma vez que o(a) tradutor(a) pode representar uma cultura estrangeira, ressaltando seus aspectos linguísticos, sociológicos e culturais — dando a entender ao(à) leitor(a) que o texto se trata de uma tradução por apresentar características culturais diferentes que estão bem marcadas no texto. Em contrapartida, o texto pode sofrer um processo de homogeneização na cultura de chegada, ou seja, moldar-se às suas tradições, valores e as expectativas dos(as) leitores(as) que esperam ler uma tradução que não lhe cause estranhamento ou que corresponda aquilo que seu imaginário já está acostumado a consumir, perpetuando assim o narcisismo cultural.

As traduções destinadas às comunidades culturais específicas iniciam um processo ambíguo de construção de identidade porque não aborda o estrangeiro como ele se apresenta. Tal construção é inteligível, pois trata de um sujeito doméstico, conhecido, excluindo interesses que estão fora da sua agenda. O sujeito construído pela agenda doméstica, não é o sujeito estrangeiro; mas uma adaptação que se faz, para que ele se ajuste dentro de uma cultura e do objetivo pretendido pela tradução. Para exemplificar isso, abordaremos o trabalho de Lauro Maia Amorim: *O Papel da Tradução na Construção da Identidade da Literatura Afro-americana no Brasil*, no qual ele faz uma análise crítica da recepção no Brasil da literatura afro-americana, realizado pelo renomado crítico, ensaísta e tradutor Sérgio Milliet (1898-1966) e tece algumas considerações sobre o contexto racial do Brasil e Estados Unidos.

Para entendermos os resultados decorrentes das escolhas tradutórias domesticadoras ou estrangeirizadoras é necessário abordar como a cultura afro-brasileira era pensada no passado, comparando-a com a realidade estadunidense.

Conforme Amorim (2012), a sociedade brasileira diferentemente da americana foi construída com base no “mito da democracia racial<sup>2</sup>”. No Brasil, não havia uma separação estabelecida entre brancos e negros. No entanto nos Estados Unidos, bastava a pessoa ter uma gota de sangue negro, noção conhecida como *one drop rule*, para ser considerado negro, estabelecendo assim uma linha divisória entre negros e brancos. Na sociedade estadunidense a relação inter-racial era proibida por lei, o que reafirmava o ideário raciológico.

O “mito da democracia racial”, entre outras coisas, favorecia a falsa idealização da boa relação entre brancos e negros, a aproximação remetia à ideia de um espaço de familiaridade, enquanto as diferenças estruturais entre eles estavam presentes socialmente. Esse mito não colaborou para a formação de uma consciência racial referente aos negros, e ao mesmo tempo dificultou o embate contra o racismo. O crítico brasileiro Sérgio Milliet, (1981, p. 100 apud Amorim, 2012, p. 122), afirma que “embora reconheça a existência do preconceito de cor no solo brasileiro, ele seria “um preconceito muito atenuado” “que não mata a planta humana como na América do Norte”, de modo que também “não estrutura minoria conscientes”.

No contexto americano devido ao sistema segregacionista, com a institucionalização da lei “*Jim Crow*”, que vigorou entre 1877 até meados da década de 1960, os negros desenvolveram previamente uma consciência de raça na luta pelos seus direitos e inserção na sociedade americana, uma vez que eles viviam em situação de marginalização. Para Amorim o termo raça<sup>3</sup> assume também um papel de demarcação discursiva, pois grupos marginalizados se unem solidariamente incorporando uma identidade para lutar contra a opressão imposta por grupos dominantes. Assim a noção de raça passa a integrar o discurso de autodefesa da minoria, não como relação de subespeciação genética, mas correlacionando-se com a história, tradições, aspectos físicos e culturais compartilhados identitariamente por um povo. A luta pelos direitos

---

<sup>2</sup> O mito da democracia racial já foi derrubado pelas estatísticas de genocídio, encarceramento e feminicídio da população negra no Brasil. A população brasileira hoje é declarada pelo IBGE como maioria negra. Não existe categoria “mestiço” nos campos de preenchimento. Preto e pardo são subcategorias para a condição legal de ser negro conforme a legislação vigente.

<sup>3</sup> Amorim argumenta que a noção de “raça” foi inicialmente pensada por cientistas europeus do século XIX para determinar as condições físicos-anatômicas que classificariam os seres humanos em grupos raciais considerados “superiores” e “inferiores” do ponto de vista moral e intelectual, o que justificou a colonização e exploração do grupo considerado inferior.

civis americanos é um exemplo de como a comunidade negra se articulou para lutar pelos seus direitos.

Esses dois contextos antagônicos contribuíram para pensar como era a recepção da literatura afro-americana no Brasil, já que a mesma não dialogava como a questão da democracia racial, pois não era uma realidade vivida pela sociedade estadunidense. Para tal reflexão, Amorim propõe como análise a recepção da coletânea *Obras Primas da Poesia Universal*, organizada por Milliet, crítico e pioneiro a escrever sobre a literatura afro-americana e a traduzir a poesia de Langston Hughes para o português.

A coletânea organizada por Milliet é uma obra monolíngue que contém poemas de 122 poetas de diferentes nacionalidades. Amorim observa que nela existe uma diferença com relação à questão racial, quando comparada com os ensaios de Hughes de 1943 e 1966. Ocorre que na referida antologia, Milliet representa a cultura afro-americana de forma universal nos quatro poemas de Hughes ali incluídos: *O Poeta*, *Canto da Terra*, *Rio Amargo* e *Ku Klux*. Nos ensaios, no entanto, Milliet prefere destacar a diferença entre a cultura/literatura americana racializada e o Brasil “miscigenado”, demarcando as diferenças entre os dois contextos.

Langston Hughes é o único poeta afro-americano da antologia. Nela consta uma pequena introdução descritiva da obra do poeta que não faz menção ao caráter racial e nem ao ressentimento que seriam característicos da obra do autor devido ao contexto estadunidense. A estratégia adotada pela antologia foi universalizar as temáticas para superar as questões de ordem regionais e nacionais que poderiam ser abordadas de forma diferenciada. Amorim (2012) esclarece que essa era uma estratégia utilizada no Brasil entre as décadas de 30 e 50, pois a classificação mais genérica aliada a universalidade era uma forma de simplificar a heterogeneidade constitutiva da obra literária para público leitor em ascensão econômica, que via nos títulos sintetizados a possibilidade de se tornar cidadão do mundo sem sair de casa. Podemos visualizar nessa estratégia de escolha de textos para a tradução a necessidade de atender a uma demanda do mercado. Por isso, não foi possível refletir sobre os aspectos da cultura afro-americana de maneira autêntica e racializada, como é observado nos ensaios de Hughes. Assim o trabalho do autor foi homogeneizado, domesticado, aproximando-se do contexto social brasileiro, porque não refletiu sobre aspectos importantes dos conflitos raciais estadunidenses, o que poderia ter ecoado e levado as pessoas a pensarem o contexto racial do Brasil.

Milliet ao mostrar a cultura afro-americana pelo viés da universalidade focou no interesse de uma comunidade doméstica específica e na representação de um sujeito doméstico: o homem

negro que é representado de forma inteligível, sem causar estranhamento ou choque no(a) leitor(a) que estão acostumados com tais representações, pois condizem com a realidade percebida.

Nesse sentido, a questão racial, na antologia, é de certa forma mitigada não porque Milliet teria entendido que ela não seria importante, mas porque, de um ponto de vista estratégico de divulgação, ela deve se apresentar apenas pela sugestão de alguns dos poemas de Hughes. Pode-se levantar a hipótese de que Milliet, com isso, estaria buscando ao mesmo tempo introduzir a poesia afro-americana traduzida, em grande medida desconhecida do público brasileiro à época, por um viés menos diretamente atrelado à questão racial, como forma de tornar compatível essa poesia tanto com um gosto estético mais universalista quanto com um público leitor que o antologista poderia julgar como pouco familiarizado, ou mesmo pouco receptivo à problemática racial norte-americana em face de uma realidade brasileira sem formas de segregação. É uma estratégia que também pode ser lida como uma tentativa de alçar a poesia de Hughes a uma condição de universalidade para além da especificidade da problemática racial atribuída ao seu trabalho estético. (AMORIM, 2012, p. 126)

Antologias como essas, que foram organizadas na primeira metade do século 20, diminuíram o poder das obras com conteúdos políticos e engajado de influenciar culturas, reverter estruturas de poder e repensar posicionamentos. Esse exemplo serve para demonstrar as ambiguidades que a tradução domesticadora coloca em jogo, além de deixar claro as estratégias de escolhas de textos para que a tradução se adeque ao contexto de recepção e não se posicione contra a ordem ideológica vigente.

As questões de ordem ideológica e de poder que exercem influências no âmbito da literatura e da tradução ajudam-nos a entender por que durante séculos houve a obliteração de textos escritos por sujeitos negros e com temáticas relacionadas à diáspora africana. A literatura, bem como a tradução, foi mediada pela voz do homem branco colonizador que movido pela ideologia etnocêntrica e da superioridade universal criou um lugar, um campo simbólico e imaginário, para as culturas que foram subjugadas por eles. Esse campo simbólico era formado por representações negativas e estereótipos que se deslocavam da realidade desses nativos porque eram produzidos por terceiros que não reconheciam a humanidade desses povos e nem sua história cultural. Tal visão gerou uma representação coletiva e ruim concernentes aos negros, o que dificultou sua presença e representação em diversos campos de estudos, inclusive no literário e da tradução.

Os Estudos Pós-coloniais possibilitaram analisar e retraduzir os textos de grupos minoritários, intervindo na visão etnocêntrica de forma a não mais desvalorizar essas culturas, mas de mostrar as narrativas como produto de suas realidades culturais. Isso se deu pelo fato de que “as perspectivas pós-colonial formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos

antagônicos e ambivalentes no interior das “racionalizações” da modernidade” (BHABHA,1998, p. 239). Um exemplo prático de como atua a crítica Pós-colonial pode ser observado no trabalho da tradutora Klondy Agra que parte desse estudo para analisar textos produzidos por povos que foram colonizados pelas potências europeias entre o século XV e XX, destacando os aspectos culturais dos colonizados por meio da tradução que visa a educação e o esclarecimento do(a) leitor(a).

Com os conhecimentos pós-coloniais voltados a tradução, acredito que o tradutor possa desvendar questões que lhe permitam esclarecer pontos obscuros e errôneos no texto de origem, como observações de ponto de vista colonizadores e/ou preconceituosos, corrigindo-os através de nota de rodapé e observações. (AGRA, 2013, p. 5)

Atualmente a presença de pesquisadores(as) negros(as) nos espaços de produção de conhecimento é fundamental para se questionar valores etnocêntricos, sendo possível trabalhar com essas identidades em uma tentativa de resgate e autoestima. A literatura que representa as minorias, numa sociedade machista e racista como a brasileira, é essencial para conscientizar a sociedade sobre valores como respeito as diferenças, valorização da mulher e a importância de se ter uma atitude antirracista. A tradução servirá também de interlocução entre culturas, pois os conhecimentos e discursos que estão sendo produzidos, bem como as histórias que estão sendo contadas e discutidas em certos lugares, poderão ser compartilhadas com outras culturas enriquecendo assim o repertório da cultura de chegada.

### 2.3 REESCRITURA COMO ATO POLÍTICO DE RESISTÊNCIA

É possível falar de tradução e ao mesmo tempo relacioná-la a um ato político de resistência. Como um campo de representação da linguagem, a literatura exerceu forte poder na construção do imaginário popular. Qualquer literatura ou tradução que retratassem os grupos minoritários de forma diferente da representação padrão ou fossem uma literatura de resistência eram restringidos pela ordem vigente.

Assim, textos de autoria de escritores (as) negros (as), ou textos que trouxessem personagens negros e outros grupos subalternizados, em situações outras que não a de subalternidade, ou textos que insuflassem a reflexão crítica dos leitores, demoraram muito tempo a ter espaço na cena literária nacional. De maneira semelhante, textos de línguas estrangeiras que não estivessem de acordo com os pressupostos ideológicos das classes dominantes demoraram a ser traduzidos e circular no Brasil. (REIS, 2017, p. 84)

Assim, fica evidente a força ideológica que exerceu poder no campo literário e na tradução. É por isso que na atualidade a tradução pode ser vista também como um ato político de resistência. No sentido de um trabalho forte e engajado com a linguagem que traz para o campo literário e tradutório experiências de povos subalternizados e marginalizados; descentralizando a identidade ocidental homogeneizante que excluiu o Outro. A pesquisadora doutora Denise Carrascosa analisa a importância da função do(a) tradutor(a) para subverter essa lógica epistemicida. Vejamos:

A função-tradutor – o mecanismo de funcionamento de produção de discursos em desvio e diferença pensada como inseminação capaz de curar/envenenar as relações de força agenciadas pelos regimes de signos violentamente subalternizantes ( nesta discussão, o racismo etnocida e epistemicida) – pode ser compreendida como agência de sujeitos que, por força de sua intimidade com a dor e a potência subversiva que tais regimes engendram, movimentam um repertório de traços afrodiáspóricos e se deixam afetar amorosamente pelas vozes e textualidades de escritoras e escritores do Atlântico Negro. Seu exercício tradutório não configura apenas um trabalho instrumental comunicativo de ampliar acessibilidade e o diálogo entre escrita e leitura nesse outro espaço-tempo imaginado; mas, suplementarmente, produz uma performatividade na linguagem capaz de deslocar, descentrar e rearticular possibilidades de sentidos reversores das forças etnoepistemicidas. (CARRASCOSA, 2017, p.73)

Com base na função que tem o(a) tradutor(a) de subverter as forças epistemicidas e o conceito de lugar de fala de Djamila Ribeiro (2019) que discute a necessidade de interromper discursos hegemônicos, dando a oportunidade a outras vozes historicamente silenciadas a se manifestar, ressalto a importância do meu lugar de fala, como tradutora negra, para mobilizar e destacar elementos da cultura afrodiáspórica no romance *Possessing the Secret of Joy*. Esses elementos, segundo Carrascosa (2017), são traços culturais que aparecem em textos negros e

exercem poder na cultura ocidental, manifestando-se através da síncopa musical, o jogo de corpo, o feitiço e o mistério, opulência e explosão de formas e economia linguística. Traduções assim podem ser vistas como um ato político de marcação de território, contrapondo-se à invisibilidade que ocorreu na linguagem e na cultura do colonizado. Não é por acaso que Frantz Fanon (2008, p.34) diz que “um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito. Já se vê onde queremos chegar: existe na posse da linguagem uma extraordinária potência”. Infelizmente, os africanos não desfrutaram dessa potência linguística devidamente, já que a linguagem do colonizador lhe foi imposta.

Para falar de tradução como ato de resistência é importante pensar também na noção de escrevivência. Segundo Reis (2017), o(a) tradutor(a) imprime no novo texto sua subjetividade juntamente com atributos linguísticos, culturais, psicológicos e identitários, e, ao mesmo tempo, esse ato se constitui em uma atitude interpretativa de resistência. Assim a tradução não é um ato neutro, pois as escolhas tradutórias perpassam a memória escreviente do(a) tradutor(a), ou seja, todo seu repertório de experiências influenciará no processo de traduzir e na escolha do texto a ser traduzido.

O corpo, a condição e as experiências vivenciadas pela tradutora/autora são cruciais na definição de quais soluções tradutórias serão acionadas pelo gesto tradutório. Independentemente do caráter profissional e/ou comercial que a tradução possa ter, o seu processo nunca será considerado totalmente imparcial; em outras palavras, a tradução é um ato de *escrevivência*. (REIS, 2017, p. 87- 88)

Portanto, ao traduzir a obra de uma autora afro-americana a minha identidade de mulher negra perpassa a tradução num ato performático, que, segundo Carrascosa (2017, p. 28-29), “envolve organicamente corpo, discurso e memória do(a) tradutor(a) e sua inscrição localizada no espaço histórico e geopolítico como ponto de partida para a projeção de diálogos com outras subjetividades interculturalmente inscritas em outros pontos da afrodiáspora.”

Mesmo sem defender um projeto ético-político com relação à cultura negra, o(a) tradutor(a) pode contribuir para a representatividade desse grupo e sua visibilidade. Vejamos o que afirmam Dennys Silva-Reis e Cibele Guadalupe Sousa de Araújo no texto: *Tradução e Diásporas negras: O Percurso da Graúna Metafísica*<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> O texto *Tradução e diásporas Negras: percurso da Graúna Metafísica*, de Dennys Silva-Reis e Cibele de Guadalupe Sousa Araújo, assim como o texto de Lauro Maia Amorim *O (não) engajamento em traduções da literatura afro-americana no Brasil: o caso do filho Nativo*, de Richard Wright, são textos que abordam a importância do engajamento do tradutor para uma tradução significativa. Eles divergem apenas quanto ao fato de Silva-Reis e Araújo (2017) afirmarem que mesmo sem haver um engajamento do tradutor é possível a tradução

Em termos de cultura negra, o fato de uma obra ter sido traduzida no Brasil de forma não-engajada ou com ausência de amorosidade não significa necessariamente que ela não dê a conhecer ou que não represente o Outro. Um dos exemplos mais interessantes disso é o do tradutor Cid Knipel Moreira. Dois textos considerados fundamentais da cultura negra têm tradução de sua lavra: o ensaio *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla consciência*, de Paul Gilroy (tradução brasileira de 2012), e o romance *Malícia negra*, de Evelyn Waugh (tradução brasileira de 2003). Até onde se sabe, esse tradutor não defende um projeto ético-político como profissional, no que concerne à questão das culturas e das diásporas negras. No entanto, suas duas traduções são respeitadas (não se encontrou qualquer crítica a essas traduções, do ponto de vista comparativo entre as línguas e culturas) e consideradas grandes contribuições para (e pela) comunidade negra brasileira. (ARAÚJO; REIS, 2017, p. 10)

Percebemos que é possível a tradução, sem apresentar um projeto ético-político, enriquecer e trazer contribuições para o repertório da cultura de chegada. Apesar disso, a pesquisadora Carrascosa ressalta também a importância da ancestralidade negra para o entendimento aprofundado e interpretativo dos textos afrodiaspóricos, que são textos que carregam consigo a noção de “afrodiáspora”. Vejamos o que ela diz:

Para que alguém se possa investir nessa tarefa intensamente mobilizadora, não é difícil entender que precise estar fortemente afetado pelo vetor da força da afrodiasporicidade em sua experiência subjetiva; seja em seu próprio corpo, que carrega nas cores e nos traços a forma e a força da negritude; seja em seu desejo de uma experiência ética do social, que passe necessariamente pelo diálogo amoroso com um “eu” da cultura que se apresenta como força constitutiva de seu próprio outro. (CARRASCOSA, 2017, p. 72)

Diante do exposto, observamos que Carrascosa relaciona a experiência da negritude com a tradução de textos afrodiaspóricos. Essa experiência une as pessoas que compartilham de uma origem que se remete à África, e que seus ancestrais passaram por processos semelhantes de dor, ausência de direitos e perda da identidade, em um ato performático da linguagem que é a tradução. A pesquisadora legitima as pessoas negras e aquelas que estabeleçam um diálogo ético e amoroso para realizar a tradução desses textos. Quando se fala no diálogo ético e amoroso é preciso entender que esse(a) tradutor(a), quando não é negro(a), desenvolve uma relação de empatia e respeito com a cultura negra, podendo descentrar e rearticular os discursos etnoepistemicidas e ao mesmo tempo se abrir para alteridade. Já nos casos das pessoas negras, essa relação se estabelece por meio de uma afinidade histórica, um reconhecimento e identificação com um repertório de narrativas que se assemelham com o passado e o presente dessas pessoas. Traduções realizadas por quem não tem conhecimento da cultura negra pode levar ao apagamento de traços culturais representativos para esse grupo ou à reprodução de estereótipos. Por exemplo, a pesquisadora Ana Farani do grupo Traduzindo no Atlântico Negro

---

trazer uma contribuição para cultura negra local. As duas autoras têm consciência de que a tradução pode servir também para deturpar, caricaturar e estereotipar tanto a cultura negra quanto os negros no contexto de recepção.



concluiu que nas traduções da escritora afro-americana Toni Morrison para o português houve o apagamento do *Black English*. Em sua tese: *Traduzindo a Comunidade Afro-Americana de Toni Morrison em Sula* (2016), ela optou por traduzir o *Black English* para o português afro-brasileiro como forma de dar destaque a esse dialeto ao invés de apagá-lo. Ademais por ser uma tradutora não negra, ela aborda a importância da ética e da afetividade em Spinoza (2009) para se identificar com o outro, ou seja, criar uma relação de empatia.

Ao se trabalhar com textos afrodiaspóricos temos que ter consciência da importância do ato tradutório como projeto ético-político que fortalece a atuação da cultura negra numa sociedade ainda com valores ocidentais. Com essa postura, é possível disseminar a cultura afrodiaspórica na cultura receptora, evitando que as traduções sofram manipulações. No entanto é importante salientar que o trabalho do(a) tradutor(a) — ético-político — passará pela avaliação de um editor que irá autorizar ou não o texto de acordo com o gosto da audiência e perfil do consumidor.

Para demonstrar as prováveis consequências que uma tradução sofre quando não é realizada de forma engajada, utilizaremos como exemplo o texto de Lauro Maia Amorim: *O (Não) Engajamento em Traduções da Literatura Afro-Americana no Brasil: O Caso do Filho Nativo, de Richard Wright* (2014), em que ele analisa a tradução realizada por Monteiro Lobato (Companhia Editora Nacional, 1944) do romance *Native Son (Filho Nativo)*, do escritor afro-americano Richard Wright.

O romance de Wright traz um prefácio assinado pelo próprio autor, explicando a construção do personagem Bigger Thomas, um jovem negro da periferia de Chicago, que vai trabalhar como chofer na casa de uma família branca muito rica. Acidentalmente esse jovem mata a filha do casal e passa a ser perseguido pela polícia por ser considerado o principal suspeito, além de ser acusado também de estupro. Bigger, através de sua personalidade forte e insubmissa, expressa sua revolta contra a sociedade racista na qual ele vive com sua família em condições precárias. O objetivo desse prefácio é justificar os atos violentos do personagem, não como atos inerentes aos homens negros como a sociedade de fato previa, mas como resultado de um conjunto de opressão advinda de uma sociedade excludente e racista que nega a esse homem uma vida digna. Amorim (2014) afirma que o autor pretendeu demonstrar com isso que a violência cometida por Bigger é fruto da própria violência perpetrada contra ele pela sociedade americana.

Apesar desse prefácio ser importante para o esclarecimento da obra e para explicação da trajetória do personagem, Amorim (2014) observa que na tradução de Lobato, ele foi excluído e substituído por uma breve “introdução” da obra publicada em 1940, e assinada pela escritora

norte-americana Dorothy Canfield Fisher. O prefácio de Fisher não é muito diferente de Wright. Entretanto, ela não relacionou a violência e a opressão sofrida pelo negro como uma condição inerente à sociedade capitalista como fez Wright. Ademais, o autor fundamentou-se na ideologia comunista para refletir sobre a condição social do negro.

Segundo Amorim, este posicionamento de Wright referente à ideologia comunista presente no prefácio não era condizente com os princípios ideológicos que se queria mostrar por meio da obra traduzida. Fato que ficou evidente através de uma carta que Anísio Teixeira, importante educador da época, escreveu para Lobato dizendo que gostaria de produzir uma coleção que nutrisse a sociedade com os valores democráticos americanos, afastando as pessoas de valores e ideais comunistas. Assim a coleção intitulada: “*Biblioteca do Espírito Moderno*”, onde constaria a tradução de Lobato, deveria estar de acordo com esses princípios. Por causa disso, o prefácio de Wright foi excluído da coleção uma vez que abordava o comunismo, ideologia da qual a coleção deveria se afastar.

A tradução de Lobato acabou fugindo um pouco da proposta do autor, pois ele associou a violência do negro mais a um complexo de inferioridade do que aos fatores sociais de marginalidade. Além disso, seguindo as normas da coleção *Biblioteca do Espírito Moderno*, Lobato universalizou aspectos democráticos da cultura ocidental para o público elitizado da época, em vez de dar ênfase ao caráter étnico e estético da obra. Dessa forma a tradução não repercutiu o trabalho engajado de Wright; pois não relacionou a ação violenta de Bigger às condições difíceis de sobrevivência dos afro-americanos na sociedade capitalista americana. Vejamos o posicionamento de Amorim sobre isto:

Pode-se argumentar, é claro, que a noção de “literatura afro-americana” ainda não havia encontrado um espaço discursivo consolidado àquela época, sendo mais fácil situá-la, simplesmente, como produto da literatura norte-americana. Embora essa seja uma hipótese válida, a associação mais direta entre Filho Nativo e a modernidade literária norte-americana torna a obra mais atraente aos olhos do leitor, pela via do projeto modernizante da coleção *Biblioteca do Espírito Moderno*. Além disso, identificar a obra de Wright apenas como “literatura americana”, sem qualquer outra relação com a dimensão discursiva de etnicidade a qual ela se filia, torna seu trabalho mais acessível e mais facilmente enquadrado na perspectiva identitária da nacionalidade, algo que é mais familiar ao modo como o próprio brasileiro tende a se identificar, já que, no Brasil, ela é um paradigma de identificação mais enraizado do que etnicidade, que se traduz pelo uso, mais recente, por exemplo, de hifenizações, como em “afro-americano” e “afro-brasileiro”. (AMORIM, 2014, p. 247-248)

Amorim afirma que Lobato imprimiu outras marcas no texto que denunciam sua postura pouco engajada com a tradução da obra em questão. Uma delas é sempre se referir a Bigger e aos seus familiares como negros e pretos, sendo que nesse contexto não aparecem pessoas brancas, caso ele quisesse demarcar a diferença. Essa postura pode ser vista como um gesto discriminatório a depender do(a) leitor(a), já que não se encontram referências a tais

vocabulários no texto. Outro fato em questão, é que o texto de partida apresenta marcas do inglês não padrão, falado por Bigger e seus familiares, que é o inglês vernacular afro-americano (IVAA, conhecido como *Black English*). Segundo Amorim, na tradução de Lobato não houve marca de diferenciação nas falas dos personagens, ou seja, não houve a preocupação em destacar o *Black English* como uma linguagem mais informal utilizada pelos negros.

Para contrapor a tradução de Lobato, existe a tradução realizada pela doutora Aurora Neiva<sup>5</sup>, que muito difere da tradução desse autor, uma vez que ela “recria as características que marcam a origem socioeconômica dos personagens negros, chamando a atenção para o lugar discursivo que ocupam”. (AMORIM, 2014, p. 256). Nessa tradução, há a devida representação dos personagens através de palavras e frases que demarcam sua condição social como: “craro que tinha”, “notiça”, “esses branco”, “corage”, “andaro dano porrada” entre outros. A tradução apresentada faz parte de sua tese de doutorado e visa dar visibilidade à minoria oprimida, demonstrando o seu engajamento social em representar a cultura negra.

Muito pelo contrário, [essa opção] ajuda a destacar a interpretação à qual prometo fidelidade: a dimensão universal e atemporal da advertência feita por Wright contra os efeitos da opressão social, econômica, racial e cultural vividos pelas minorias afro-americanas dos anos 30. Embora associados principalmente com a classe social e com a formação educacional dos personagens, os aspectos linguísticos pelos quais optei deliberadamente apontam para a questão racial focalizada na narrativa, possibilitando sua repercussão junto à comunidade interpretativa brasileira como um problema que também concerne à experiência brasileira. Ao conceber Bigger Thomas e todos os demais personagens negros, expressando-se na língua falada pela grande maioria dos afro-brasileiros, o segmento da sociedade brasileira que mais tem sofrido intensamente privações de todo tipo e que, portanto, não domina o dialeto social de prestígio, eu pretendo fornecer os meios pelos quais os leitores de minha tradução possam ouvir a si mesmos, permitindo, assim, que desnudem o preconceito e a discriminação ocultados sob o mito brasileiro da democracia racial. (NEIVA, 1995, p. 88 apud AMORIM, 2014, p.257)

A tradução realizada por Neiva repercute o seu engajamento com relação às questões étnicas que aparecem na obra de Wright e que não foram destacadas por Lobato. Neiva faz questão de destacar o lugar social do negro oprimido e o faz através da linguagem que indica um pertencimento social. Isso nos impulsiona a refletir — apesar de termos consciência de que nem todas as pessoas negras e de classes sociais mais baixas falam dessa forma — sobre como a desigualdade do sistema capitalista atua fortemente sobre os corpos negros marginalizando-os.

Concluimos então que a reescritura como ato de resistência é capacidade do(a) tradutor(a) de reverter as práticas epistemicidas em prol de uma tradução que valorize os aspectos étnicos

---

<sup>5</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1977) e doutorado em inglês – Northern Illinois University (1995).

dos textos afrodiaspóricos passando para cultura de recepção esses traços, resultando assim em uma tradução respeitosa e consciente das diferenças. A tradução como resistência pode estar associada também com a tradução pautada na ética da diferença, defendida por Venuti, que visa limitar o etnocentrismo e estabelece novos critérios tradutórios. A tradução baseada na ética da diferença não se direciona apenas para os interesses de comunidades domésticas específicas, pois ressalta os diferentes aspectos das comunidades culturais. “Um projeto tradutório motivado por uma ética da diferença altera assim a reprodução das ideologias e instituições domésticas dominantes que proporcionam uma representação parcial das culturas estrangeiras e marginalizam outras comunidades domésticas” (VENUTI, 2002, p.158).

O engajamento é responsável por dar voz a uma minoria silenciada. Por causa desse silenciamento, esse grupo exerce seu protagonismo na atualidade, rompendo com o discurso hegemônico para falar de si e de sua cultura a partir de sua própria perspectiva. Assim, reconhecendo a importância de colocar em pauta o discurso contra-hegemônico, a reescritura como ato de resistência tem um papel central no meu trabalho no sentido de dar visibilidade a um romance de uma autora negra, de mobilizar e trazer para discussão temáticas referentes às experiências de mulheres negras em outros territórios e de destacar a oralidade e outros elementos afrodiaspóricos, tudo isso agrega valor ao repertório de conhecimento relacionado à cultura negra no contexto de chegada.

### 3 PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO AMERICANO E WOMANISM

O movimento feminista negro americano surgiu como força mobilizadora durante os anos de 1960 e 1970, visando lutar contra o sexismo e reivindicando justiça social no âmbito econômico, social e do trabalho para as mulheres afro-americanas, marginalizadas destes espaços por conta do processo histórico de escravização. Tal processo, por meio da objetificação e exploração dos seus corpos, engendrou um conjunto de ideias e concepções no qual a mulher negra foi fixada em uma posição de subalternidade, constituindo-se em um grupo fortemente oprimido pela sociedade dominante.

Segundo Angela Davis (2016, p.17), “o sistema escravista definia o povo negro como propriedade”. Nesse sentido, em termos de trabalho, as mulheres negras não se diferenciavam dos homens, sendo para os proprietários de escravos desprovidas de gênero, pois trabalhavam em pé de igualdade com eles, sem direito ao descanso até no período de amamentação. Essa situação demonstra as condições de exploração e vulnerabilidades relegadas às mulheres negras que perduram até os dias atuais de formas diferentes, motivando a atuação do movimento feminista que se organiza como teoria social crítica.

O movimento feminista negro — como teoria social crítica, para Patricia Hill Collins (2019), no livro *Pensamento Feminista Negro* — trata de questões centrais para afro-americanas, inseridas em um grupo com experiências diversas no tocante às vivências com as injustiças sociais. Esse grupo tem o objetivo de superar o racismo e lutar contra as opressões, influenciando também outras mulheres negras na luta global por emancipação. Nas palavras de Collins (2019, p.33) “opressão é um termo que descreve qualquer situação injusta em que, sistematicamente e por um longo período, um grupo nega a outro grupo o acesso aos recursos da sociedade. Raça, classe, gênero, sexualidade, nação, idade e etnia, entre outras, constituem as principais formas de opressão nos Estados Unidos”.

A opressão racializada —quando um grupo é dominado pelo outro com base em características raciais consideradas inferiores— tende a moldar o sistema ideológico vigente por meio de imagens de controle que afirmam positivamente uma identidade e negam outras por meio de um discurso de reiteração. Tais imagens formam um corpo de ideias que repercutem o interesse de um grupo social dominante o qual costuma preponderar, caso não haja uma força contrária à sua dominação. Para Collins, as imagens de controle repercutem uma identidade negativa da população feminina afro-americana:

Desde as *mammies*, as jezebéis e as procriadoras do tempo da escravidão até as sorridentes tias Jemimas das embalagens de massa para panqueca, passando pelas onipresentes prostitutas negras e pelas mães que dependem das políticas de assistência social para sobreviver, sempre presentes na cultura popular contemporânea, os estereótipos negativos aplicados às afro-americanas têm sido fundamentais para sua opressão. (COLLINS, 2019, p. 35)

As imagens de controle — difundidas principalmente pela televisão, rádio, cinema e internet — são responsáveis por estigmatizar não só as afro-americanas, mas todas as mulheres negras em papéis estáticos que moldam toda uma visão social em torno delas. Não é por acaso que Lélia Gonzalez, intelectual e feminista negra brasileira, já refletia na década de 70 sobre o conceito de interseccionalidade e a realidade de exclusão de mulheres negras no Brasil, analisando também os estereótipos que estavam associados a essas mulheres, definidas e enquadradas como: a “mulata” ( termo considerado pejorativo que vem de mula – animal híbrido, produto do acasalamento de um jumento (macho ou fêmea) e um cavalo ou égua), doméstica e a mãe preta; estereótipos que serviam para marcar um lugar de diferença e subordinação a partir do controle dos seus corpos.

No ensaio *A Mulher Negra no Brasil* presente no livro *Por um Feminismo Afro-Latino Americano* (2020), Gonzalez mostra como as diferenças interseccionais de sexo e raça atuavam socialmente. Através de uma pesquisa foi observado um aumento da população feminina no mercado de trabalho, entre 1970 e 1976. Apesar dessa expansão a maior parte das mulheres negras trabalhava em atividades manuais (agricultura e indústria) e em áreas de serviços, sendo que a absorção da mão de obra negra era bem menor em setores referentes ao nível superior. Segundo Gonzalez, a proporção era 8,8% para mulheres brancas e 2,5% para negras. Esses dados revelam como o racismo estrutural atuava sobre os corpos das mulheres negras enquadrando-as em atividades consideradas “apropriadas” para elas. Nessa época era muito frequente os anúncios de emprego exigirem ‘boa aparência’, referindo-se às características físicas do grupo dominante. Tudo isso dificultava a ascensão social da mulher negra e limitava sua atuação à condição de subalternidade. Outro fator muito frequente era a evasão escolar dos filhos e das filhas dessas mulheres que começavam a trabalhar muito cedo para complementar a renda em casa, o que aumentava ainda mais o abismo social e perpetuava a situação de vulnerabilidades dessas famílias. Logo, com intuito de desenvolver uma reflexão e um debate sobre as condições as quais estavam subordinadas, as mulheres negras reforçavam a importância de incluir o racismo na agenda feminista, pois assim como o sexismo, ele era uma forma estrutural de opressão e exploração. Vemos que, apesar de alguns avanços, as questões discutidas por Gonzalez na década de 70 ainda são atuais para a realidade vivenciada por mulheres negras.

Nota-se que a sociedade se estabeleceu fixando uma identidade como norma, neste caso, o homem branco, que se sobrepôs e exerceu seu poder sobre outras identidades, subordinando-as. Para Tomaz Tadeu da Silva (2014, p.83) “normalizar significa eleger — arbitrariamente — uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas”. Nesse sentido, as mulheres negras, por não serem brancas e nem do sexo masculino, foram situadas nas escalas mais baixas da pirâmide social, sendo consideradas pela escritora Grada Kilomba, citada por Ribeiro (2019), o Outro do Outro por serem os alvos principais das desigualdades sociais, racismo e violência de gênero. Diante dessa realidade, o pensamento feminista negro surgiu sendo uma vertente importante para questionar as estruturas racistas e sexistas que impediam a emancipação e o avanço dessas mulheres nas esferas sociais, além de contestar as imagens de controle que desvalorizavam a identidade feminina negra por fixá-las sempre em papéis de subalternidade ou de objetificação.

A mulher negra, conforme Davis (2016), foi responsável pela sustentação da sociedade escravocrata por gerar filhos que, conseqüentemente, serviriam para continuação do sistema. Ao nascerem, os filhos herdavam a condição de escravo das mães. Da mesma forma, essas mulheres auxiliavam o sistema através da exploração dos seus corpos — pois trabalhavam excessivamente sem receber salários — vivendo em condições precárias e sem o conforto de um lar, realidade restrita às mulheres brancas de classe média. Por causa dessa exploração, Collins questiona a desigualdade do sistema, pois se as mulheres são supostamente passivas e frágeis, segundo o mito da feminilidade, por que as mulheres negras são tratadas como mulas, cabendo-lhes o trabalho doméstico e pesado? Tal questionamento norteou a base do pensamento feminista, levando em conta as diferenças interseccionais entre as mulheres como a raça, classe e gênero. A interseccionalidade é um termo cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, em Durban, na África do Sul, em 2001. Vejamos como o conceito de interseccionalidade é definido pela intelectual Carla Akotirene:

A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas. Trata-se de experiência racializada, de modo a requerer sairmos das caixinhas particulares que obstaculizam as lutas de modo global e vão servir às diretrizes heterogêneas do Ocidente, dando lugar à solidão política da mulher negra, pois que são grupos marcados pela sobreposição dinâmica identitária. É imprescindível, insisto, utilizar analiticamente todos os sentidos para compreendermos as mulheres negras e “mulheres de cor” na diversidade de gênero, sexualidade, classe, geografias corporificadas e marcações subjetivas” (AKOTIRENE, 2019, p.48)

A ex-escravizada e ativista do século XIX, Sojourner Truth (1797-1883), também colocou em pauta sua condição vulnerável de mulher negra com a seguinte pergunta: “eu não sou uma mulher”? Truth ainda denunciou: “ninguém nunca me ajudou a subir nas carruagens, nem pular poças de lama [...], eu tive treze filhos e vi a maioria ser vendida para escravização” (AKOTIRENE, 2019, p. 25). Percebemos nesse trecho, a articulação entre classe, raça e gênero. Truth como uma mulher negra e pobre teve seus filhos tomados para servir ao sistema, enquanto as mulheres brancas de classe média ficavam em casa para cuidar da família.

As experiências, que se constituem no âmbito do individual, são fundamentais para a formação do pensamento feminista. Cada mulher negra vivencia e experimenta o racismo e a desigualdade de formas diferentes, logo a partir da consciência e da reflexão dessa situação enquanto grupo, elas vão buscando estratégias para combater o racismo e superar as dificuldades que estão atreladas a sua condição de mulher negra. A coletividade dessas experiências, portanto, embora possua similaridades, é heterogênea. Por essa razão cabe à perspectiva interseccional entender as especificidades dessas mulheres, ajudando a elaborar políticas públicas que dialoguem com suas realidades. O pensamento coletivo formado pelas diversas experiências e pelos conhecimentos teóricos especializados dar forma ao ponto de vista das mulheres negras, que é fundamental, segundo Collins, para consciência coletiva de grupo e para sua autodefinição.

A autodefinição empondera e fortalece o grupo de mulheres negras, pois elas tomam consciência que seu valor não se restringe às condições delimitadas pela sociedade racista, embora tenham consciência que é preciso lutar coletivamente para desconstruir esses valores. Assim, elas estabelecem uma rede de forças e compartilham ideias de resistência, o que contribui para o fortalecimento do grupo que busca soluções conjuntas para pensar o racismo institucionalizado. As narrativas ficcionais contemporâneas de autoras negras são fundamentais para pensar o papel dessas mulheres deslocado dos estereótipos que foram construídos e para contestar as estruturas sociais, uma vez que incentivam a atitude de resistência.

A ficção contemporânea de mulheres negras focada na construção da identidade e do self abre um novo território em que são claramente nomeadas as maneiras como as estruturas de dominação, racismo, sexismo e exploração de classe oprimem e tornam praticamente impossível que as mulheres negras sobrevivam se não se comprometerem com uma resistência em algum nível. Nomeando corajosamente as condições da opressão e as estratégias pessoais de resistência, tal escrita possibilita que a mulher negra leitora que ainda não o fez se questione, ou reforça criticamente os esforços daqueles leitores que já estão envolvidos na resistência. (HOOKS, 2019, p. 112)

Tais narrativas são consideradas contra-hegemônicas, pois desestabilizam o lugar de fala centralizado na figura do homem branco, trazendo para o campo narrativo as histórias que



dialogam com a realidades de outras culturas, como a africana. Ao ler essas histórias, as mulheres sentem-se representadas por uma realidade que se comunica com seu cotidiano de restrição, luta, pobreza e desigualdade. Concomitantemente, elas refletem sobre as estruturas dominantes que priorizam uma identidade em detrimento de outra, como no caso da masculina que é sobreposta à feminina, garantindo seu lugar de poder e privilégio através de imagens de controles positivas que reforçam sua autoridade. Alice Walker, como escritora feminista, é atuante em desestabilizar o lugar da masculinidade e os conhecimentos eurocentrados, fortalecendo a identidade negra por meio dos conhecimentos ancestrais. Assim a mulher negra ganha voz:

Estou preocupada com a sobrevivência espiritual de todas as pessoas negras. Além disso, comprometo-me em explorar as opressões, as insanidades, as lealdades e os triunfos das mulheres negras. Em *The Third Life of Grange Copeland*, aparentemente uma história sobre um homem e seu filho, na realidade é o tratamento dado às mulheres negras que colore tudo. Em meu novo livro, *In Love and Trouble: stories of Black Women*, treze mulheres – loucas, furiosas, apaixonadas, ressentidas, irritadas, fortes, feias, fracas, melancólicas e maravilhosas - tentam viver a lealdade com os homens negros, o que marca suas trajetórias. Para mim, a mulher negra é a criação mais fascinante do mundo. (WALKER, 1983, p. 251, tradução nossa)<sup>6</sup>

O pensamento feminista negro por está intimamente relacionando às experiências de mulheres negras não pode ser baseado apenas no conhecimento formal e acadêmico. Apesar da importância desse na sua formação, ele tem como base a dialética entre a opressão e ativismo negro para pensar e combater as estruturas dominantes de poder. Seguindo esta linha intelectual, todas afro-americanas ativistas podem ser vistas como intelectuais por estimular a mobilização das estruturas sociais. Por exemplo, Truth, embora não seja vista como intelectual pela sociedade da época, pois não sabia ler, cultivou ideias crucias para a formação do pensamento feminista negro uma vez que questionava os males do sistema escravocrata e as desigualdades entre as mulheres. Por causa de sua postura, Truth pode ser vista atualmente como uma intelectual orgânica, já que contestava as instituições dominantes, corroborando e incentivando as mudanças nas estruturas sociais. Assim, para Collins, o reconhecimento da força do pensamento feminista negro está em saber interpretar e analisar essas obras de ativismos, muitas vezes esparsas, desconhecidas e não divulgadas; fato evidenciado através do trabalho feito por Walker para o reconhecimento do túmulo sem identificação de Zora Neale

---

<sup>6</sup> I am preoccupied with the spiritual survival, the survival whole of my people. But beyond that, I am committed to exploring the oppressions, the insanities, the loyalties and the triumphs of black women. In *The Third Life of Grange Copeland*, ostensibly about a man and his son, it is women and how they are treated that colors everything. In my new book, *In Love and Trouble: Stories of Black Women*, thirteen women - mad, ranging , loving, resentful, hateful, strong, ugly, weak, pitiful, and magnificent – try to live with the loyalty to black men that characterizes all of their lives. For me, black women are the most fascinating creations in the world.

Hurston, honrando dessa forma as contribuições de Hurston para as tradições literárias feministas negras.

Collins também afirma que as mulheres negras — como uma identidade subordinada às estruturas de poder — não deveriam esperar que as mulheres brancas submetidas às realidades diferentes tomassem as causas feministas negras como delas. A supressão do pensamento feminista negro pelo feminismo ocidental é esperada se pensarmos que as mulheres negras estariam disputando espaço com as identidades femininas brancas que para afirmar seu valor, reduzido pelo patriarcado, se sobrepunham a elas. Assim, as mulheres brancas delimitavam seu lugar mais elevado nas estruturas sociais, fazendo oposição às mulheres negras que eram colocadas em posição inferior. Na realidade, o pensamento feminista negro e a sua difusão, como ocorreu, deveriam partir das mulheres negras, pois elas tinham consciência das diversas formas de opressão que as restringiam e empurravam sobre elas os vícios de uma sociedade pós-colonialista, escravagista e machista. Para Collins o cerne do pensamento feminista negro foi construído diariamente nas experiências com o racismo e o próprio patriarcado. Ademais, esse pensamento é parte de um projeto social de justiça mais amplo que se conecta com outras identidades em situação de opressão.

Saber das diferenças que constituem esse grupo é fundamental para se pensar em políticas específicas para enfrentar o racismo que impede o avanço dessas mulheres. Mais do que debates sobre quais as devidas denominações do movimento como: mulherismo (*womanism*), feminismo afrocêntrico, mulherismo africano ou afins; precisamos ter consciência da nossa força enquanto grupo e da importância da nossa autodefinição. Considerando então que o feminismo negro possui outras denominações que abrangem semelhanças e diferenças, iremos resumir aqui o *womanism* (mulherismo) de Walker. Inicialmente, em uma das suas definições de *womanism*, no livro *In Search of Our Mothers' Gardens* (1983), a autora afirma que *womanist* (mulherista) é uma mulher que tem afeição por outra, sexualmente ou não, e que valoriza a cultura mulherista. Do mesmo modo, essa mulher está comprometida com a sobrevivência e integridade de homens e mulheres negras. A primeira definição da autora traz algumas divergências na comunidade afro-americana, já que algumas mulheres negras têm que lidar com a homofobia e nem todas aceitam o lesbianismo.

Walker (1983) constrói o conceito de mulherista em oposição ao feminismo tradicional e esclarece que as experiências das mulheres negras promovem uma visão de mundo mulherista, que não pode ser comparada à realidade de mulheres brancas. A teórica define também mulherista como o oposto de frívola, irresponsável e não séria. Para a autora, as mulheres

brancas são feministas e as negras permanecem como mulheristas. No artigo *O Que é o Nome? Mulherismo, Feminismo Negro e Além Disso*, Collins aborda também as diferenças entre as duas correntes, ressaltando a ligação do mulherismo com a corrente nacionalista, uma vertente negra que compreende que as pessoas brancas enquanto grupo não têm interesse em acabar com sua supremacia, ou seja, os negros continuam oprimidos, sendo inevitável a separação. Em decorrência disso, o mulherismo mantém uma certa distância de todas as pessoas brancas. Collins afirma que esse distanciamento prejudica a cooperação inter-racial entre as mulheres, pois as afro-americanas que abraçam o nacionalismo não gostam de trabalhar com as mulheres brancas, já que as consideram parte do problema.

Uma das premissas do mulherismo é promover a integridade e a sobrevivência entre homens e mulheres, o que incentiva uma forte ligação entre a comunidade negra. Por causa dessa visão, *o womanism* não é tão criticado quanto o feminismo, pois não promove uma separação acirrada entre os gêneros. “Muitas mulheres negras veem o feminismo como um movimento que, na melhor das hipóteses, é exclusivamente para as mulheres e, na pior das hipóteses, dedicado a atacar ou eliminar os homens” (COLLINS, 2017, p.8). Segundo a autora fica compreendido que o mulherismo consegue abordar a questão de gênero sem “atacar” os homens.

Walker também confere um sentido visionário e universal ao mulherismo, ao estabelecer uma associação com a metáfora do jardim citada em seu livro *In Search of Our Mothers' Gardens*. Neste trecho a imagem de cada flor representa a cor e a singularidade de uma pessoa, sendo possível a união entre homens e mulheres de todas as cores mantendo a integridade cultural. Tal metáfora vincula-se, da mesma forma, com a filosofia pluralista do empoderamento negro, que prevê uma integração racial e ética que não seja baseada na assimilação dos negros, pois a assimilação é uma característica projetada pelo feminismo branco estadunidense.

Em suma, o importante na luta das mulheres negras é reconhecer a existência dos diferentes grupos e respeitá-los considerando os objetivos que cada um propõe. A luta maior dessas mulheres é contra o racismo e o sexismo, pois elas vivem e sentem na pele a realidade dessas opressões. Às vezes, as mulheres negras podem silenciar diante das opressões, no entanto sua consciência está trabalhando e sendo formada. O silêncio é a voz interna da mulher negra que traz uma reflexão consciente mesmo quando ela não se manifesta. Tal consciência em conjunto com estratégias pensadas e bem organizadas formarão o ponto de vista das mulheres negras, produzindo força para pensar em políticas públicas que irão proteger seus direitos e

diminuir as desigualdades. Essas pautas poderão ser levadas para serem discutidas no âmbito acadêmico com obras de autoras negras.

### 3.1 ALICE WALKER: UMA NARRATIVA DE RESISTÊNCIA

Alice Malsenior Walker é uma escritora afro-americana, feminista e ativista; nascida em 9 de fevereiro de 1944, na cidade de Eatonton, interior do estado da Geórgia, sendo a mais nova de oito filhos de agricultores. Aos oito anos de idade, Walker perdeu a visão do olho direito em um acidente doméstico, depois disso ela passou a se dedicar à leitura e à escrita. Durante o colegial, destacou-se como aluna, recebendo uma bolsa de estudo integral para estudar na faculdade de Spelman College, em Atlanta, onde iniciou os seus estudos em 1961. Foi nesse contexto que ela se envolveu no movimento pelos direitos civis americanos (1961-1963), começando também sua trajetória como escritora com a produção do primeiro livro de poesias *Once* (1968). Em seu livro *In Search of Our Mothers' Gardens* (1983), Walker afirma que a sua ficção é fortemente influenciada pelas histórias de vidas contadas pela sua mãe e pelo espírito de comunidade experimentados pelos negros do Sul.

Walker ficou conhecida internacionalmente pelo sucesso do livro *The Color Purple* (1982), que ganhou o prêmio *National Book Award* e o *Pulitzer* de Ficção. O mesmo livro foi transformado em filme por Steven Spielberg em 1985. No Brasil, embora não seja tão conhecida, algumas de suas obras foram traduzidas para o português, são elas: *De Amor e Desespero* (1973), *A Cor Púrpura* (1982), *Ninguém Segura essa Mulher* (1987), *Vivendo pela Palavra* (1988), *Templo dos meus Familiares* (1989) e *Rompendo o Silêncio* (2011). A autora apresenta um conjunto de obras diversificadas que se insere nas modalidades de romances e contos, poesias e não ficção.

A narrativa de Walker destaca-se por conta do seu trabalho forte com a linguagem em revelar as desigualdades sociais, constituindo-se sobretudo num espaço de resistência. Seu engajamento está relacionado ao movimento de valorização da cultura negra que ocorreu nos Estados Unidos, em 1920, conhecido como *Harlem Renaissance*. Para ela, a literatura é também um espaço no qual se pode exercer a prática social. Seus textos trazem questões que se referem à realidade de pessoas negras como: o racismo, questões de gênero, desigualdade social, intolerância religiosa, sexismo e violência; sendo a mulher negra sua principal protagonista. Em uma entrevista disponível na página Geledés — instituto da mulher negra, que discute temáticas raciais e questões de gênero — ela afirma que “a ideia de que você possa fazer arte sem mensagem política ou social é absurda, mas querem nos dizer isso, porque sabem que os povos do terceiro mundo, especialmente mulheres, terão algo crítico a dizer”. Walker

não concebe a literatura apenas como um lugar de escape e de fruição como define Roland Barthes (1987) no livro *O Prazer do Texto*, mas como uma recriação pessoal da realidade vivida. Assim, toda a experiência obtida durante a luta a favor dos direitos civis americanos, contra a mutilação genital feminina em países da África, como uma viajante em Ruanda e mulher militante atravessa sua escrita e rasura o espaço construído pela concepção ocidentalizada monolítica. Além de ser uma forma de desconstruir a violência epistêmica que confere o título de não produtora de conhecimento intelectual à mulher negra. Fato reforçado por bell hooks no seu artigo *Intelectuais Negras* (1995):

E o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda cultura atua para negar as mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente torna o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossos ancestrais do século XIX, só através da resistência ativa exigimos o nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. (HOOKS, 1995, p.468)

O posicionamento de Walker dialoga muito com o conceito de escrevivência da escritora Conceição Evaristo que conhece a atuação das forças de poder quando se é mulher, negra e pobre. Evaristo desenvolve suas narrativas e sua voz ressoa como uma crítica ao sistema social capitalista que marginaliza o negro. A escrevivência engloba o próprio ato de resistência, no sentido de afirmar uma identidade com a intenção de potencializá-la, de torná-la conhecida para desconstruir falsos estereótipos que nortearam o campo imagético da nossa sociedade. Em seu artigo “*Literatura Negra: Uma Poética de nossa Afro-Brasilidade*” (2009), ela fala sobre a trajetória escrevivente que produz o ponto de vista da mulher negra.

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influi em minha subjetividade (EVARISTO, 2009, p. 18).

Ficcionalizando a história e memória africana, Walker também confronta espaços de poder, denunciando os males de uma sociedade patriarcal e as opressões enfrentadas pelas

mulheres negras. A autora tenta reconstruir essa mulher fragmentada, muitas vezes destruída pela articulação entre as forças do patriarcado e do racismo. Na dissertação: *Tradução, Transcrição e Feminismo Negro em Alice Walker (2017)*, Camila Bastos fala como a personagem Celie, do livro *A Cor Púrpura*, é reconstruída a partir de uma multiplicidade de vozes femininas que a interpelam num movimento de reconstrução do seu ser mulher, empoderando-a. Considerando que Celie sofreu com as opressões do seu padrasto e depois do seu esposo, tornando-se assim uma mulher muito submissa, esse empoderamento pode ser visto como ponto crucial da sua libertação; evidenciando também a perspectiva mulherista (*womanist*) que aparece aí, já que afetividade e sororidade das mulheres foram fundamentais para o empoderamento de Celie. *A Cor Púrpura* foi criticado devido à forma negativa como abordou o homem negro, ressaltando a atuação de uma sociedade patriarcal e racista na construção de sua personalidade.

No livro *Possessing the Secret of Joy*, a autora trata do poder que a cultura exerce em uma comunidade e do conflito identitário. Tashi, personagem principal, busca a marca do seu povo— marca facial e corporal—após tal realização, ela sofre com os efeitos que a marca (mutilação) provoca em seu corpo. É possível inferir que o contato com a cultura americana fez com que Tashi percebesse a circuncisão como uma mutilação, levando-a a questionar e refletir sobre aspectos de sua cultura. Para Stuart Hall (1995, apud SILVA, 1994, p. 112) “as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”. Por ser a identidade uma posição, ela pode ser perturbada pela presença do outro, o que pode motivar mudanças de posturas.

Percebemos a potência da escrita de Walker, já que ela nos leva a refletir sobre a condição da mulher negra considerando a influência das estruturas de poder sexistas e racistas. No livro *Olhares Negros, Raça e Representação (2019)*, bell hooks também afirma que as estruturas de poder por meio das imagens de controle são responsáveis ainda hoje por manter a opressão de pessoas negras em diversos sentidos. Franz Fanon em *Pele Negra e Máscaras Brancas* descreve a experiência de ser definido pelo olhar do outro:

Nessa época, desorientado, incapaz de estar no espaço aberto com o outro, com o branco que impiedosamente me aprisionava, eu me distanciei para longe, para muito longe do meu estar-aqui, constituindo-me como objeto. O que isso significava para mim, senão um desalojamento, uma extirpação, uma hemorragia que coagulava sangue negro sobre todo meu corpo? No entanto, eu não queria esta reconsideração, esta esquematização. Queria simplesmente ser um homem entre outros homens. Gostaria de ter chegado puro e jovem em um mundo nosso, ajudando a edificá-lo conjuntamente. (FANON, 2008, p.106)

Embora o trabalho de Walker seja passível de críticas por parte daqueles que têm uma visão mais conservadora sobre a literatura, ela é importante e significativa para a maioria das mulheres negras. Afirmo isso porque a articulista Marilene Felinto, na *Folha de São Paulo*, em 1998, declarou que o texto de Walker não era literatura, pois ele possuía mais de engajamento contra o racismo e feminismo negro, do que lirismo. Felinto definiu a ficção de Walker como entediante, difícil de engolir, sem um fundamento mais aprofundado que justificasse em termos literários as teses antirracistas e anti-homem. É notável que a visão da articulista, mesmo sendo uma escritora negra, é bastante conservadora. Sua visão parece adequar-se aos valores canônicos, pois apresenta uma visão hostil a uma literatura que se distancia do lirismo. Felinto, segundo Eduardo de Assis Duarte, no artigo *Por um Conceito de Literatura Afro-Brasileira*, não reivindica para si um projeto literário engajado com as causas negras.

Enfim, a narrativa de Walker abre espaço para outros lugares de enunciação, pois traz para o embate discursivo narrativas que foram silenciadas. Sabemos que as críticas sempre vão existir, entretanto é preciso entender que suas narrativas dialogam com a realidade de pessoas que antes eram excluídas ou representadas pela perspectiva dominante. Além de ser uma vertente importante para desarticular os discursos epistemicidas que invisibiliza a mulher negra como produtora de conhecimento. Assim, usando do seu poder de interlocução, Walker divulga a cultura negra, suas tradições, costumes e linguagens, abrindo espaço para a alteridade. As vozes minoritárias não visam criar uma visão monolítica da realidade; a intenção é se unir para reivindicar uma causa, um espaço, que deixa de ser homogêneo para se tornar heterogêneo e múltiplo.



### 3.2 UM ESTUDO SOBRE A MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA

A mutilação genital feminina é uma prática milenar que não tem uma origem bem definida. No artigo *Vítimas da Mutilação Genital* (1993), a articulista Marilene Felinto afirma que segundo a “estudiosa inglesa Geraldine Brooks, o costume se originou na África Central, na Idade da Pedra, seguindo para o norte, pelo Nilo, até o antigo Egito”. A mutilação genital ocorre na África, no Oriente Médio e em países da Ásia e América Latina, porém vou me limitar a falar sobre essa prática no continente africano.

Na África, a prática da mutilação genital ainda é comum em 29 países, com procedimentos diferentes de uma região para outra. A prevalência da mutilação genital é observável na Somália com taxa de 98%, seguida de Guiné (96%), Djibouti (93%) e Egito (91%) de acordo com o Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF). No artigo: *As Mutilações Genitais Femininas: Estado Atual na África* (2004), Fatou Sow, socióloga feminista senegalesa, declara que desde 1970, organismos locais e regionais tomam consciência dos males desse procedimento. É o caso, por exemplo, da atuação do Comitê Interafricano (CIAF) criado em 1984, em Dakar, que lutou contra esta prática alegando prejuízos à saúde da mulher e da criança. Desde então, várias estratégias, planos e ações foram feitos durante as Conferências maiores da década das Nações Unidas para a mulher entre 1975 e 1985, no México, Copenhague, Nairobi e Beijing, em 1995, buscando assim soluções para abolição dessa prática.

Na atualidade, conforme relatório divulgado em 2011, quase duas mil comunidades africanas abandonaram o procedimento, segundo o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e a UNICEF. Países como a Uganda, Quênia e Guiné-Bissau adotaram leis para acabar com a circuncisão, o que demonstra um avanço nas práticas sociais e culturais desses países que tendem a mudar de postura em benefícios à proteção e aos direitos das mulheres. A dificuldade em abolir completamente a prática está associada à sua vinculação à tradição, mesmo a legislação sendo contrária à sua permanência.

Uma decisão importante tomada, em julho de 2003, foi a criação do Protocolo sobre os direitos das mulheres na África. Em um dos seus artigos, o protocolo condena as práticas nocivas que atentam contra os direitos humanos e das mulheres, responsabilizando o Estado pela extinção dessas práticas. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), com a adoção a esse protocolo houve uma redução na mutilação, embora ainda lenta devido à visão que se

tem de que essa prática é necessária a mulher. Em 2012, a Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) reconheceu a mutilação genital como uma violação aos direitos humanos e votou de forma majoritária para sua abolição até 2030. Além de exigir que os Estados tomem medidas para proteger as mulheres e as meninas, acabando com a impunidade desta prática. O dia seis de fevereiro foi definido como o dia internacional de tolerância zero contra a mutilação genital feminina.

A circuncisão, como também é conhecida, consiste numa prática ritualística realizada por uma anciã, parteira ou curandeira, que remove parcial ou totalmente o órgão sexual feminino externo com o uso de uma lâmina cortante. As mães e as avós são responsáveis por introduzir as meninas nessa tradição. Apesar de ser cultural, esta prática é considerada nefasta, pois provoca sérios males à saúde da mulher devido à falta de assepsia, os instrumentos não são descartáveis e nem esterilizados, e ao despreparo da excisadora. Além disso, as meninas realizam o procedimento ainda muito jovem, entre quatro a sete anos de idade ou na puberdade.

A mutilação genital, por sua vez, apresenta três tipos de cirurgias (clitoridectomia, excisão e infibulação), classificadas pela Organização Mundial de Saúde. A depender da cirurgia, a mulher pode desenvolver sérios problemas de saúde pelo resto de sua vida, como: infecções urinárias, dificuldade de urinar ou escoar fluxo menstrual, dor ao coito, cistos, impossibilidade de engravidar, dificuldade no parto, infecção ou hemorragia que pode culminar em sua morte, além das consequências psicológicas. A infibulação é o procedimento mais grave, pois todas as partes da vagina (clitóris, pequenos e grandes lábios) são retiradas, ocasionando o encerramento da vulva que desaparece completamente, o que resta é um orifício por onde sai a urina e a menstruação. A vagina é aberta para relações sexuais —frequentemente com uma faca— pelo marido e na hora do parto.

No tocante aos estudos relacionados à circuncisão não foram evidenciados nenhum benefício à mulher. Ao contrário, ela é uma prática muito prejudicial a sua saúde e ocorre porque é legitimada por sociedades patriarcais que justificam o ato com razões culturais, sendo que o objetivo maior é aumentar o prazer masculino e controlar o corpo feminino, impedindo comportamentos promíscuos por parte da mulher. Tais sociedades alegam que com a prática a mulher é purificada, pois o clitóris — órgão comparado ao falo masculino—considerado “sujo” é retirado. Caso a mulher se recuse a realizar a cirurgia, passa a ser vista pela comunidade como uma pessoa impura e até mesmo como uma prostituta, sendo considerada inapropriada para o casamento. Muitas mulheres também são expulsas de sua comunidade.

A circuncisão, como um ritual de passagem, prepara a menina para a vida adulta e para o casamento, preservando a virgindade e assegurando ao marido uma suposta fidelidade, pois sem o órgão a mulher tem a libido reduzida, o que a impede, segundo a visão masculina, de comportamentos sexuais inadequados. Essa prática anda em conjunto com o casamento precoce, pois as meninas circuncidadas se casam entre 13 a 15 anos, com homens escolhidos pela sua família e bem mais velhos. Atitudes como essas manifestam as desigualdades de gêneros e o poder da figura masculina nessas sociedades.

O filme africano *Moolaadé* (2004), de Ousmane Sembène, demonstra muito bem o poder dessa tradição concretizado principalmente na obediência à figura masculina. No filme, os homens de uma aldeia africana em Burkina Faso, convocados pelas anciãs, não aceitam o fato de quatro meninas terem se negado a realizar a prática, pedindo proteção a Colle, uma mulher que não permitiu que a filha fosse mutilada. Colle as protege solicitando uma proteção sagrada, o *moolaadé*, indicada por uma corda colorida colocada na aldeia. Enquanto essa corda estiver lá, ninguém tocará nas meninas. O ponto alto do confronto narrativo se estabelece quando o marido de Colle, pressionado pelos outros homens, agride a mulher em praça pública solicitando que ela desfaça o *moolaadé* para que as meninas possam ser circuncidadas. No entanto, num ato de resistência, Colle nega-se a proferir o *moolaadé*, livrando as crianças da circuncisão e unindo-se a outras mulheres num ato de sororidade contra a prática de mutilação genital naquele local.

A polêmica em torno da circuncisão é justamente o fato desta prática ser vista pelos organismos internacionais como uma mutilação que atenta contra a dignidade da mulher e viola seu direito humano por afetá-la tanto física como psicologicamente. Segundo Tania Navarro-Swain (2017), no livro *Mulheres, Violências: Interseccionalidade*, a violência de gênero se dar de duas formas, material e simbólica. A violência material é efetivada por meio das diversas agressões físicas, incluído aí a prática excisão e infibulação, e a simbólica diz respeito a:

Todas as formas de inferiorização social ou institucional cujo o fundamento é “ser mulher”. Quer seja no domínio do imaginário – imagens produzidas com e sobre as mulheres, expondo e explorando seus corpos ou nas hierarquias econômicas e sociais, a violência se exprime de diversas maneiras para assegurar a dominação masculina. (SWAIN, 2017, p. 50)

A mutilação genital feminina (MGF) é tanto um ato de violência material como simbólica, pois sua realização está associada à imagem que se tem da mulher como um ser subjugado ao homem, resultando a partir daí o controle do seu corpo.

Alice Walker, escritora afro-americana e ativista na luta contra a mutilação genital feminina em países africanos, teve conhecimento desta prática quando tinha apenas 26 anos, em uma viagem feita ao Quênia. Como essa situação lhe causou um grande impacto, ela levou algum tempo para conseguir escrever sobre o assunto. A vontade surgiu durante as gravações de *The Color Purple* (1982), quando ela pensou com mais clareza sobre Tashi, personagem mutilada nesse romance. Quando Walker decidiu contar a história de Tashi, não considerou a história iniciada em *The Color Purple*, ela deu origem à outra história de ficção intitulada de *Possessing the Secret of Joy* (1992). Nesse romance, através da multiplicidade de vozes dos personagens, Walker expõe seu posicionamento contrário à prática ancestral africana, pois não manifesta uma visão intercultural, de entendimento a cultura do outro. Sua narrativa dialoga mais com as questões de direitos humanos que defende a dignidade humana em detrimento de aspectos culturais.

Tal posicionamento, conforme o artigo *Direitos Humanos e Literatura: Realidade dos Direitos da Mulher em “Possessing the Secret of Joy”, de Alice Walker* (2017), contribui para que ela fosse denominada de “imperialista cultural”, pois sua postura foi interpretada como uma imposição de valores ocidentais à cultura africana. É preciso considerar que o debate levantado pela escritora foi essencial para a conscientização dos males referente à prática, na criação de leis e na realização de campanhas de prevenção. A autora com a ajuda da cineasta Pratibha Parmar lançou, em Nova York, o filme intitulado *Warrior Marks: Female Genital Mutilation and the Sexual Blinding of Women* (1993), resultado de várias entrevistas feitas com mulheres africanas que realizavam a prática e as que foram mutiladas. Esse trabalho deu origem ainda a um livro homônimo escrito em parceria com Parmar, composto pelas impressões e experiências das duas autoras na África. No periódico *Annual Review of Anthropology* (2004),<sup>7</sup> o livro *Possessing the Secret of Joy* e o filme *Warrior Marks* receberam reconhecimento por serem importantes na conscientização da mutilação genital, levando as pessoas a refletirem sobre uma prática ainda vista como um tabu, algo proibido de ser mencionado, como é mostrado no romance de Walker.

Considerando que a cultura é definida por um sistema de significações construídos e partilhados que são coerentes para determinado grupo social, bem como se constitui a partir da relação de diferença que se estabelece com outra cultura, Kathryn Woodward (2014, p. 42) afirma que:

---

<sup>7</sup> ANTHROPOLOGY and Circumcision. *Annual Review of Anthropology*. Palo Alto, Calif, US, n°33, p.419-45, 2004.

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação são, na verdade, o que se entende por “cultura”. (WOODWARD, 2014, p.42)

Woodward (2014) entende que o sujeito fala sempre a partir de uma posição histórica e cultural específica. Podemos explicar isto através da postura de Walker que, ao se posicionar contra a prática de mutilação genital, repercute valores e tradições que dizem respeito ao seu ambiente cultural e que não discursam com os valores e tradições de comunidades africanas a qual ela buscou uma maior proximidade em narrativas anteriores. Para Bhabha (1998) as culturas, em decorrência de fatores como a globalização e as migrações, são na contemporaneidade consideradas hibridizadas, dessa forma somos constantemente atravessados pelas experiências do outro e de sua cultura. É improvável que a cultura não se modifique, pois a própria perspectiva do outro, com suas experiências e visões de mundo diferentes, pode implicar em transformações da nossa própria realidade.

Woodward (2014) define as identidades em essencialista e não essencialista; para ela a identidade essencialista constitui-se de um conjunto de características partilhadas que não se modificam com o tempo. Já a perspectiva não essencialista foca nas diferenças, naquilo que determina as transformações das identidades ao longo dos anos. A identidade é moldada dentro de determinada cultura que exerce poder sobre sua construção.

Assim a mutilação genital feminina como prática cultural é responsável por moldar uma identidade que não condiz com identidades femininas de outros países. A construção da identidade africana comporta significados que são inteligíveis e compartilhados dentro daquela comunidade cultural. Evidentemente nem todos, veem a mutilação genital como uma prática violenta que fere a dignidade da mulher na medida que dispõe do seu corpo. Os africanos consideram a prática como um ritual de feminilidade, assim ela se constitui em um benefício uma vez que a mulher é purificada, livrando-se de algo que é considerado ruim.

O fato de se preservar essa tradição, mesmo como muitos debates se posicionando contra, diz respeito à visão essencialista de que a cultura e a tradição devem ser preservadas em prol da manutenção de uma identidade. Essa visão já disputa lugar com outra que concebe a identidade como resultado das transformações globais. Hall (2014), por exemplo, desenvolve um conceito de identidade que não é essencialista, mas posicional — no seu entendimento a identidade é fluida— não permanece estática do início ao fim, sem qualquer mudança. A própria história lhe impõe mudanças.

Sabemos que a cultura africana foi ressignificada por meio dos diversos contatos estabelecidos com a cultura ocidental no passado, transformando-se, apesar da resistência em manter certos aspectos culturais, em sociedades hibridizadas. Referente à mutilação genital não é diferente, já que a prática passou a ser questionada principalmente devido à intensidade do fluxo das imigrações que a difundiu para outros territórios, tornando-a uma questão global e de direitos humanos que visa proteger a integridade física da mulher. Tal questão, de forma semelhante, é reivindicada pelo movimento feminista que luta pelo direito das mulheres defenderem seus corpos de abusos e atitudes sexistas, ainda mais nessa situação em que as meninas são submetidas ao procedimento durante a infância, quando são totalmente indefesas. Nesse sentido, Walker foi uma interlocutora e difusora desse conhecimento na perspectiva feminista negra.

O filme *Flor do Deserto* (2009), baseado na vida de Waris Dirie, modelo e ativista, nascida na Somália, mostra o confronto de Dirie com sua cultura a partir do momento que ela descobre que as mulheres de Londres não são circuncidadas, passando então por um processo de transculturação ao perceber que a circuncisão refere-se às características de sua cultura, não sendo uma realidade inerente à vida de todas as mulheres. Dirie foi mutilada com quatro anos de idade, fugindo na adolescência da sua aldeia para não se casar com um homem de 60 anos, do qual seria a quarta esposa. A descoberta fez com que Dirie entendesse a prática como uma mutilação, tornando-se então uma defensora da luta contra a mutilação genital feminina e embaixadora da Organização das Nações Unidas (1997-2003).

Os conflitos identitários põem em debate a tensão entre o universal e o fundacional, a igualdade e o reconhecimento da diferença. O caráter universal caracteriza-se pelo que se impõe independente do contexto, sendo válido em qualquer tempo ou lugar. Já o caráter relativo ou fundacional, diz respeito ao cultural, regional, que tem importância na conservação de uma tradição e identidade. No artigo: *Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências*, Boaventura de Sousa Santos (2002, p.248) afirma que “as entidades ou realidades definidas como particulares, ou locais, estão aprisionadas em escalas que as incapacitam de serem alternativas credíveis ao que existe de modo universal ou global”. Há nessa afirmação um impasse, visto que a perspectiva ocidental tornou-se universal sendo que no passado ela era fundacional. Fato que ocorreu devido ao poder hegemônico exercido durante muito tempo sobre outras culturas, influenciando-as com sua visão monolítica de mundo. A Conferência de Viena (1993) é considerada um marco na discussão entre universalidade e relativização dos direitos humanos.

Apesar do universalismo se estabelecer de cima para baixo à particularidade e a diferença principalmente no que se refere à questão dos direitos humanos, segundo Boaventura Santos (2013, p.79), “a ideia do fundacional/identitário passou a disputar o monopólio da ideia do universal/igualitário até então incontestado”. Na concepção de Hall

Por outro lado, não podemos avaliar as pretensões de culturas e normas comunitárias em detrimentos dos indivíduos sem ao mesmo tempo ampliar – não apenas em teoria, mas na prática – os direitos dos indivíduos ao dissenso, ao abandono ou, se necessário, à oposição a suas comunidades de origem. (HALL, 2003, p. 88)

As políticas governamentais devem ser pensadas para beneficiar os indivíduos, sobrepondo-se nesse caso as questões culturais que não devem ser desconsideradas, mas repensadas. Hall (2003) da mesma forma esclarece que as tradições são responsáveis por nos moldar quando exerce influência sobre nós, alimentando-nos, e quando nos forçam a romper com elas para que possamos sobreviver, pois impede a liberdade plena do indivíduo. A tradição pode ser perigosa na medida em que torna absoluta a diferença, legitimando muitas vezes totalitarismo e radicalidades.

A Organização das Nações Unidas define os direitos humanos como inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. O Direito Internacional dos Direitos Humanos estabelece as obrigações dos governos de agirem de determinadas maneiras ou de se absterem de certos atos, a fim de promover e proteger os direitos e as liberdades de grupos ou indivíduos. Boaventura (2013) acrescenta ainda que o objetivo de adotar declarações internacionais de direitos humanos é proteger o direito de pertença a uma coletividade para evitar sua violação.

Colocando em pauta as questões dos direitos humanos, como então proceder a um diálogo intercultural no que diz respeito à mutilação genital feminina? Já que os direitos humanos tratam de uma concepção ocidental de mundo e na atualidade a compreensão do mundo excede essa visão. Acredito que o melhor caminho é a negociação e não a imposição de valores. O conhecimento cultural se faz fundamental para conhecer a prática como um todo e esclarecer a população sobre os males causados à saúde física e psicológica da mulher. Se a prática não traz benefício à saúde não tem então uma justificativa plausível para a sua continuidade. Os investimentos em educação e campanhas de conscientização são importantes para diminuir a ocorrência, pois a eliminação é mais difícil por se tratar de uma questão cultural. A conscientização contribui para a autoafirmação da mulher enquanto sujeito preparado para reivindicar seus direitos, estabelecendo redes de relacionamentos para fortalecer a luta em termos de coletividade. Muitas mulheres atualmente não querem que suas filhas sejam

mutiladas por causa da violência submetida aos seus corpos e pelos problemas causados à saúde. Os benefícios da conscientização já estão sendo observados nas gerações presentes. Portanto, os direitos humanos estão protegendo a integridade física e sexual dessas mulheres que têm o direito de decidir pela realização ou não da prática, usando a lei como suporte para garantir e preservar seus direitos.



#### 4 PROJETO TRADUTÓRIO

Nas seções anteriores, abordamos a forma como a tradução era vista por uma comunidade interpretativa que, acreditando na existência de um significado transcendental, assegurava a possibilidade de reproduzir totalmente o significado de um texto em outra língua. O texto como produto de uma cultura, obviamente, abordará questões que, direta ou indiretamente, estão relacionadas com as tradições e os costumes do grupo que se pretende representar. Nesse sentido, para traduzir *Possessing the Secret of Joy*, a pesquisa foi fundamental para conhecer a temática central da obra — mutilação genital — e entender seu significado nas comunidades em que ela ocorre. O conhecimento da temática facilitou o processo tradutório, pois muitas partes foram elucidadas após o aprofundamento do estudo.

A mutilação genital, apesar de ter um significado simbólico de purificação para as culturas africanas que as praticam, é vista por outras culturas como uma prática violenta e atentatória ao corpo da mulher. Por isso, existem muitas reivindicações para que ela seja definitivamente abolida. Não nego que tal questão também me causou um grande choque, porém, como tradutora, acredito que o meu papel não é julgar acirradamente outras culturas. Apesar de ser contrária a essa prática, meu objetivo é aproximar o(a) leitor(a) da temática do romance. Assim, a partir da tradução do prefácio e do primeiro capítulo, pretendo estimulá-lo(a) a desenvolver suas reflexões iniciais sobre a temática e despertá-lo(a) para o conhecimento completo da obra e a possibilidades de novas pesquisas sobre a temática. O prefácio foi traduzido, pois ele traz informações cruciais sobre o contato inicial da autora com a mutilação e o desenvolvimento de sua escrita, além de evidenciar seu posicionamento referente à importância do romance como instrumento de denúncia.

Walker afirma que por ser muito jovem ignorava o controle patriarcal sobre o corpo da mulher e por isso teve dificuldade de entender inicialmente o que havia escutado sobre a mutilação. Segundo a autora, isso ocorreu antes dela se tornar empoderada pelo estudo, viagens, conversas com mulheres mutiladas e de se tornar editora da *Ms. Magazine*, revista que encorajou a discussão pública sobre a mutilação. O empoderamento é um neologismo muito utilizado na atualidade no sentido de “dar poder”. Porém sabemos que o termo como instrumento de emancipação política e social tem uma força representativa significativa considerando o embate que os grupos minoritários desenvolveram socialmente para se estabelecer como espaço discursivo de conhecimento e de poder contrários à força dominante, ou seja, para empoderar-se. Em virtude disso, houve a necessidade de detalhar mais o

significado desse termo através da nota da tradutora, utilizando as discussões teóricas trazidas pelo livro *Empoderamento* (2019) de Joice Berth. O empoderamento foi muito importante para que Walker se tornasse ativista da mutilação e falasse com propriedade sobre o assunto, partindo de uma epistemologia feminista negra para mostrar como os valores patriarcais são materializados nas sociedades africanas.

A tradução inédita do romance não visa apagar as marcas culturais que aparecem aí, pois são traços que marcam identitariamente um povo e aproxima o(a) leitor(a) dos aspectos culturais do texto de partida. Pensando na tradução como trabalho ético (VENUTI, 2002) e de ensino, utilizamos como metodologia a tradução densa, conceito definido pelo filósofo ganês Kwame Anthony Appiah. No livro *Traduzindo no Atlântico Negro* (2017), no capítulo intitulado *Descobrimo uma Tradutora ou por uma Tradução Responsável e Ética*, de Paula Campos, a tradução densa é vista como conceito operatório, no sentido de instruir o(a) leitor(a) sobre aspectos culturais, sociais, linguísticos e políticos que o texto produz. Os comentários e as notas da tradutora (N.T.) têm a finalidade de aproximar o(a) leitor(a) dos aspectos culturais do texto de partida, atingindo o objetivo da pedagogia intercultural definido por Appiah.

A tradução densa aproxima-se muito da tradução comentada. É o que observamos no artigo de Marie-Hélène Torres (2017) *Por que e como Pesquisar a Tradução Comentada?* Apesar de a autora ver essa tradução como um gênero acadêmico, suas ideias são semelhantes à de Appiah quando afirma que a tradução comentada explica o processo e as escolhas tradutórias, auxiliando assim na interpretação da obra. Segundo sua visão, não é possível analisar tudo, por isso o(a) tradutor(a) deve fazer escolhas em função dos objetivos prefixados e prioridades estabelecidas. Levando isso em conta, optamos inicialmente pelas notas da tradutora para esclarecer os aspectos culturais do romance em uma leitura paralela com a tradução, utilizando depois os comentários para esclarecer as escolhas tradutórias feitas em virtude das diferenças linguísticas entre os dois idiomas.

Considerando o conceito de tarefa tradutória de Walter Benjamin como algo que vai restituir o sentido do texto, é importante salientar que a tradução densa, apesar de nos aproximar do texto de partida, não é uma tradução literal. Logo, o que será feito é uma leitura produtiva, a interpretação da obra a partir do seu contexto. A tradução como tarefa introduz uma ideia de cuidado e atenção. É algo que se desenvolve em passos pequenos para desembocar em um todo maior e significativo que é a tradução. Um desses cuidados mencionados por Britto (2020), citando Henri Meschonnic, é traduzir o marcado pelo marcado, o não marcado pelo não marcado. Dessa forma, todos os elementos do texto de partida que o(a) leitor(a) nativo considera

como convencional, normal, devem ser percebidos da mesma forma pelo(a) leitor (a) da cultura de chegada. Por outro lado, se o(a) autor(a) utiliza de algum recurso estilístico que cause estranhamento no(a) leitor(a) nativo —o que é chamado de marcado— cabe ao/à tradutor(a) utilizar um recurso que cause efeito semelhante no leitor da língua-meta. É recomendável que o(a) tradutor(a) não crie uma estranheza que não existe ou que simplifique algo marcado no texto.

#### 4.1 ANÁLISE DO PRIMEIRO CAPÍTULO

O romance *Possessing the Secret of Joy* tem como tema central a mutilação genital e os efeitos nefastos dessa prática na vida da personagem africana Tashi. O livro é dividido em 21 capítulos em que ouvimos as vozes de Tashi, Adam (marido de Tashi que é irmão de Olívia), Olívia (amiga), Mzee (terapeuta), Lisette (amante de Adam), Benny (filho de Tashi e Adam), Pierre (filho de Adam com Lisette) e de M'Lissa (excisadora). Walker apresenta a temática do livro através das várias perspectivas dos personagens narradores que se manifestam.

A tristeza experimentada por Tashi é percebida logo no primeiro capítulo com a seguinte frase que inicia a narrativa: “Não percebi por muito tempo que estava morta” (Walker, 1992, p.3, tradução nossa). Tashi parte dessa premissa para associar sua realidade a uma fábula que conta a história de uma jovem pantera chamada Lara, que passou a ser preterida pelo marido quando ele arrumou uma outra esposa. Por causa da inserção da outra esposa no casamento, Lara tornou-se infeliz, o que culminou em suas alucinações. Ela começou a ouvir vozes que pediam para que se deitasse sob o sol e de frente para a lua a fim de respectivamente ser beijada e amada por esses elementos, o que lhe proporcionava um certo prazer e equilíbrio como fica evidente em passagens do texto. Esse fato pode ser associado às informações trazidas pelo artigo: “*A Visão Africana em Relação à Natureza*”, de Luis Tomas, em que o autor afirma que segundo a cosmogonia africana tudo está interligado. O africano se reconhece como parte do universo e se relaciona de forma respeitosa e profunda com a natureza por meio de seus rituais, buscando também o equilíbrio. A fábula representa esse equilíbrio por meio do contato que Lara estabelece com o sol e a lua.

Clyde W. Ford, autor do livro *O Herói com Rosto Africano, Mito da África* (1999), afirma que, apesar dos mitos não terem veracidade comprovada, eles retratam por meio de metáforas a realidade humana e seus desafios como: nascimento, amadurecimento, dificuldades, conquistas, envelhecimento e morte. Ainda segundo Ford:

Os mitos são, realmente, as histórias sociais que curam. Isso porque nos dão mais que o desfecho moral que aprendemos a associar há muito tempo às quadrinhas infantis e aos contos de fadas. Lidados apropriadamente, os mitos nos deixam harmonizados com eternos mistérios do ser, nos ajudam a lidar com inevitáveis transições da vida e fornecem modelos para o nosso relacionamento com as sociedades em que vivemos e para o relacionamento dessas sociedades com o mundo que partilhamos com toda as formas de vida. Quando enfrentamos um trauma, individual ou coletivamente, as lendas e os mitos são uma maneira de estabelecer a harmonia à beira do caos (FORD, 1999, p. 9).

Percebemos que a fábula narrada tem a finalidade de mostrar um pouco do mundo de Tashi, cheio de inquietações e angústias. Ao contar essa história para o terapeuta, ela encontra um meio de fugir da realidade e de colocar para fora sua dor a partir da expressão do seu *self*. No final da fábula ocorre o encontro de Lara com seu ser disperso e fragmentado, uma vez que a jovem pantera admira e beija seu reflexo nas águas do riacho—que parece bastante agradável depois de ser beijada pelo sol e amada pela lua — nos levando a supor que seu encontro simboliza o de Tashi— representado no final do romance quando Tashi mata a propulsora de todo seu sofrimento— M'Lissa.

Tashi passa por um processo de transculturação, observado através da modificação sofrida pelo seu nome durante a narrativa. No primeiro capítulo é Tashi, já que essa parte retrata seu cotidiano, as tradições da comunidade de Olinka, seus questionamentos sobre a morte de sua irmã Dura e reflete o respeito que ela tem por suas tradições como vemos nesse trecho: “Fomos despojados de tudo, exceto de nossa pele negra. Aqui e ali, um rosto desafiador trazia a marca murcha de nossa tribo. Essas marcas me deram coragem. Queria uma marca dessa para mim” (WALKER, 1992, p. 24, tradução nossa). Do terceiro capítulo em diante, Tashi passará a se chamar Evelyn—há partes em que é denominada de Evelyn-Tashi, Tashi-Evelyn— demonstrando a transição sofrida pela personagem ao estabelecer contato com a cultura americana, como mostra a citação: “Às vezes sonho com os Estados Unidos. Amo-o profundamente e sinto muita falta, para o aborrecimento de alguns que conheço”<sup>8</sup> (WALKER, 1992, p. 55, tradução nossa).

É dever dos membros de Olinka dar continuidades às tradições e aos valores africanos que é algo muito forte nesta comunidade. O respeito às tradições é algo que pode ser observado na tese do intelectual Tiganá Neves Santos: *A Cosmologia Africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: Tradução Negra, Reflexões e Diálogos a partir do Brasil* (2019), em que ele traduz provérbios extraídos do inédito Dicionários de Nomes e Provérbio Kongo. Em uma dessas traduções percebemos o papel influente da comunidade nas relações com seus membros, vejamos: “a comunidade existia antes de você; a comunidade conduz tudo, pois ela é a cabeça. O que é bom para comunidade é bom para os seus membros. Todo mundo é produto social. Aceita-se a comunidade como ela é e não como quer que seja” (NEVES, 2019, p. 74).

---

<sup>8</sup> Sometimes I dream of the United States. I love it deeply and miss it terribly, much to the annoyance of some people I know (WALKER, 1992, p.55).

Os provérbios segundo Neves (2019) são considerados leis, normas e valores para o povo africano; usados para justificar o que foi dito ou que será dito. Ou seja, representam ensinamentos prescritivos que devem ser obedecidos pela comunidade. Podemos observar como exemplo o trecho seguinte do romance: “Eles sempre diziam você não deve chorar! Essas são as novas pessoas que vêm morar com a gente, encontrá-las em lágrimas é trazer azar para nós”. (WALKER, 1992, p. 15, tradução nossa). Percebe-se a influência da comunidade sobre o comportamento de Tashi. Nesse caso, houve a intenção de moldar o comportamento da personagem, pois para evitar que algo de ruim acontecesse por causa do seu choro, ela vai embora com sua mãe para a fazenda.

Nesse provérbio traduzido por Neves, é nítido o poder da comunidade sobre seus membros que devem aceitar suas normas sem muitos questionamentos. Com base nisso, podemos supor que a prática da circuncisão é imposta à mulher levando em conta uma tradição cultivada pela comunidade, estabelecendo-se aí uma Ditadura cultural, pois os costumes devem ser preservados acima de tudo. O romance de Walker mostra isso quando Tashi sai do acampamento e vai em busca da marca que o povo de Olinka carrega no rosto e da marca que as mulheres carregam em seu corpo. Para ela, a opção pela “operação” como mostra o terceiro capítulo através da narrativa de seu marido é a única marca definitiva remanescente da tradição de Olinka. Só depois, é que ela vai sentir no corpo os efeitos dessa marca que segundo Olívia confere a ela o clássico andar da mulher de Olinka.

A mutilação genital é baseada em um mito — explicado praticamente no final do livro— em que o Deus Amma com um pouco de argila deu origem à terra de origem feminina. Seu órgão sexual era um formigueiro e o clitóris um cupinzeiro. Com a aproximação de Deus, o cupinzeiro subiu bloqueando sua passagem e exibindo sua masculinidade. Deus, todo poderoso, cortou o cupinzeiro e teve relação sexual com a terra, afetando todo curso da história. Segundo Tashi, essas informações encontram-se no livro *Conversations with Ogotemmêli*, do antropólogo francês Marcel Griaule, que Pierre está lendo para ela. Tashi consegue ver ainda uma passagem do livro que diz que cada ser humano foi dotado de duas almas de sexos diferentes. Como o homem não era capaz de sustentar os dois seres, cada pessoa fundiu-se ao sexo que parecia mais adequado. No homem, a alma feminina está localizada no prepúcio, na mulher, a alma masculina está no clitóris. A mulher é circuncidada então para livrar-se da masculinidade, pois a alma dual é um perigo, a mulher deve ser mulher. A circuncisão e a excisão são os remédios (WALKER, 1992). Apesar desse mito moldar um comportamento cultural, a autora não deixa de questionar a mutilação e seus fundamentos sexistas em vários

trechos. É o que ocorre quando a personagem Lisette afirma que a mutilação genital está na raiz da dominação das mulheres do mundo e quando Adam, no julgamento de Tashi, questiona qual seria a reação dos homens ali presentes se tivessem seus pênis removidos, será que nessa situação eles entenderiam melhor a condição da mulher.

Sabemos que determinadas normas são importantes para organizar a vida em comunidade e constituir relações saudáveis, mantendo assim a ordem social. Todavia a mutilação fundamenta-se em uma tradição onde o poder da figura masculina prevalece sobre a feminina causando-lhe danos, já que é uma prática prejudicial à saúde da mulher. Uma dessas consequências é mostrada no romance com o aborto espontâneo sofrido por Tashi e por meio da sua gravidez. Ela sente muita dor durante o parto e seu filho nasce com deficiência por causa de complicações relacionadas ao parto de uma mulher circuncidada.

O fluxo de consciência que aparece em itálico no livro é uma característica presente na narrativa. Segundo Britto (2020), a técnica do discurso indireto livre quando utilizada de forma radical, combina elementos do diálogo com a descrição e o relato num texto indiferenciado que culmina no fluxo de consciência. Em um desses fluxos, Tashi faz associações com o evento da mutilação referindo-se à sua irmã Dura, vejamos: “Isso foi muito antes do meu nascimento, mas soube disso por causa da história que sempre contavam: Dura ficou confusa com o galho preso em seu lábio. Em vez de jogá-lo fora, chorou copiosamente com seus braços estendidos pedindo ajuda” (WALKER, 1992, p.10, tradução nossa). Nesse trecho os pensamentos parecem confusos e misturados. Quem conhece a prática de mutilação sabe que devido à falta de instrumentos apropriados, muitas vezes, são utilizados pedaços de galhos, ou espinhos, na sutura do procedimento. Fato observado no filme *A Flor do Deserto* e no próprio romance.

Tashi também tem sonhos muito estranhos que são narrados pelo seu marido Adam ao terapeuta, pois ela não tem coragem de falar sobre eles. Os sonhos narrados indicam o caminho para a descoberta do trauma, pois de forma simbólica falam de coisas que a atormentam em seu cotidiano. Em uma das conversas de Tashi com o terapeuta, ele declara que as mulheres africanas são difíceis de analisar porque não culpam as mães. Entretanto, percebemos que Tashi tem consciência da culpa de sua mãe pela morte de Dura ao declarar que sente o peso da morte da irmã pesando sobre o espírito de sua mãe.

Em uma entrevista concedida por Walker ao *XIV Fórum Pró-Igualdade Racial e Inclusão Social do Recôncavo* (2020), realizado na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), ela fala da importância da arte como remédio para curar as dores do povo negro submetido durante anos às violências. A utilidade da arte como remédio, é muito visível em *Possessing*

*the Secret of Joy*, pois é também através dos seus desenhos e pinturas que Tashi externa suas emoções negativas, tentando assim aliviar e se curar da dor.

O primeiro capítulo encerra-se com duas cenas importantes. A primeira narra o desentendimento de Tashi com Olívia que tenta impedi-la de ir em busca da marca de seu povo quando estavam em Olinka. E na segunda Adam conta como conheceu Lisette, sua futura amante. Ele menciona a simpatia instantânea que sentiu por ela desde o primeiro momento. O fato dela ser uma mulher solteira despertou curiosidade a respeito de sua vida sexual. Essa postura evidencia o início de um interesse que é confirmado nas páginas seguintes.

Em suma, a análise do primeiro capítulo visa situar o(a) leitor(a) dentro do universo conflituoso de Tashi, além de mostrar como as tradições de Olinka influenciaram a vida da personagem, que desde o início já se mostra infeliz. A partir da autodeclaração de sua tristeza e com o desenvolvimento da narrativa, é possível perceber que a personagem vivenciou algo que culminou em um trauma.



## 4.2 DECISÕES TRADUTÓRIAS

O romance *Possessing the Secret of Joy* apresenta uma estrutura textual fluida com frases curtas. Não existe uma preocupação excessiva da autora com a pontuação, um exemplo é a omissão do uso das aspas nas falas das personagens. Walker também utiliza poucas frases subordinadas, optando pelas coordenadas, fazendo largo uso das conjunções “and” e “but”, remetendo-nos, assim, à coloquialidade dos atos da fala. A repetição dessas conjunções coordenadas causa uma intensa repetição de pronomes, o que podemos identificar com uma característica da própria língua inglesa, mas que também compõe a sintaxe do registro coloquial das orações coordenadas.

Levando essas características em consideração, algumas partes do texto precisaram ser organizadas na tradução, reduzindo-se o uso dos pronomes pessoais do caso reto, principalmente daqueles que indicavam a primeira pessoa. Em português as desinências verbais são suficientes para evitarmos o uso excessivo dos pronomes. Já os conectivos “and” e “but”, assim como a não indicação das aspas nas falas dos personagens, foram mantidos por serem considerados características do registro coloquial que a autora empregou. A repetição de alguns conectivos foi retirada quando desordenava a sintaxe do contexto de chegada. Quanto aos antropônimos e topônimos, decidimos mantê-los na língua de partida respeitando as marcas culturais do romance.

Vejamos alguns trechos com pontuação e conectivos em que mantivemos a estrutura do texto de partida para evidenciar as marcas da oralidade e do coloquialismo:

Texto de partida	Tradução
<p><b>But</b> she forgot why the sight of her own blood terrified her. <b>And</b> this became one of the things the other children teased her about. <b>And</b> about which she would cry.</p>	<p><b>Mas</b> ela se esqueceu porque a visão do seu próprio sangue lhe causava tanto medo. <b>E</b> isso foi uma das razões pelas quais outras crianças a provocavam. <b>E</b> ela chorava por causa disso.</p>

Um fato que causou dúvidas quanto à tradução foi a repetição de palavras com o sentido de percepção como “saw”, por exemplo:

Texto de partida	Tradução
<p>I <b>saw</b> the children, potbellied and with dying eyes, which made them look very wise. I <b>saw</b> old people laid out in the shades of the rocks, barely moving on their piles of rags. I <b>saw</b> the women making stew out of bones.</p>	<p>Durante o trajeto, <b>vi</b> crianças barrigudas e com olhos moribundos que faziam com que parecessem sábias. <b>Vi</b> os velhos deitados nas sombras das pedras, mal se moviam em suas pilhas de trapos. <b>Vi</b> também as mulheres fazendo ensopado de ossos.</p>

Baseando-se na afirmação de Britto (2020) de que a língua inglesa é mais redundante que o português, inicialmente, pensei em adequar as frases ao português, evitando a repetição sucessiva do verbo “*saw*”. Porém, notei que essa característica está relacionada à oralidade referente à fala dos personagens. Como é muito comum ocorrer repetições nesse ato de enunciação, optei por manter esse traço. Esse trecho também foi prolongado com o acréscimo da frase “durante o trajeto” para sinalizar que a personagem visualizou essas imagens durante o seu percurso fora do acampamento.

Walker utiliza uma linguagem sofisticada — representada por meio da narrativa fluida e da oralidade dos personagens — como estratégia para se aproximar dos leitores e proporcionar uma narrativa um pouco menos opressiva de uma temática tão impactante. Ao mesmo tempo, isso nos remete à própria importância que a oralidade tem para cultura africana referente à transmissão dos valores e saberes ancestrais, pois segundo o filósofo africano Amadou Hampâté Bâ (2010, p. 169):

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhes descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhe de acordo com entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar a Unidade primordial. (HAMPÂTÈ BA, 2010, p.169)

Diante da afirmação, percebemos a estratégia da autora que coaduna com a ideia de ‘falar para o entendimento humano’ e de ‘transmitir o conhecimento sobre uma cultura’, além de mostrar a profundidade de sua obra, sua sensibilidade de escritora e todo um quadro de imagens e associações que ela constrói para dar sentido à narrativa.

Como já foi visto na análise do romance, Lara, personagem criada por meio de uma fábula, é amada pelo sol e beijada pela lua. Com o objetivo de evidenciar a satisfação proporcionada por este ato, decidimos por fazer uma redução do trecho seguinte.

Texto de partida	Tradução
When Baba saw the smiling, well kissed, well made love to Lara, of course he could hardly wait to get his paws on her!	Quando Baba viu seu sorriso de satisfação, mal podia esperar para colocar as patas nela!

Na tradução a expressão “*well kissed, well made love to Lara*” foi substituída pelo léxico “satisfação”, evitando a redundância, pois essa expressão é repetida com uma certa constância. Para isso, utilizamos a estratégia de clarificação mencionada por Berman no livro *Tradução e a Letra ou Albergue do Longínquo* (2007), a fim de deixar claro o resultado das ações de ser amada pela lua e beijada pelo sol.

A pesquisa sobre a temática me ajudou a entender melhor o assunto para enveredar pela tarefa tradutória, facilitando o entendimento de trechos que antes estavam ininteligíveis. Um dos exemplos foi o fato de Dura, irmã de Tashi, ter sido presenteada dias antes de sua morte provocada pelo sangramento decorrente da mutilação. Em uma das sessões com o terapeuta, Olivia se lembrou do que Tashi havia lhe contado.

Texto de partida	Tradução
That she had been very excited during the period leading up to her death. Suddenly she had become the center of everyone’s attention; every day there were gifts. Decorative items mainly: beads, bracelets, a bundle of dried henna for reddening hair and palms, but the odd pencil and tablet as well. Bright remnants of cloth for a headscarf and dress. The promise of shoes!	Ela estava muito animada antes de sua morte. De repente havia se tornado o centro das atenções; todo dia ganhava presentes. A maior parte era itens decorativos como: colar, pulseiras, um pacote de hena seca para colorir o cabelo e as palmas, além de uma caneta estranha e caderno. Trouxeram também restos de tecidos brilhantes para fazer um lenço e um vestido. Alguém lhe prometeu sapatos!

Dura recebeu vários presentes porque estava prestes a passar pelo ritual de circuncisão. O ritual ocorreu antes dela morrer por causa do sangramento.

O sintagma *decorative items mainly* passou por uma adequação, assim, a palavra “*mainly*” que significa principalmente foi desdobrada na frase: “a maior parte era itens decorativos”. Fato que ocorreu também na última expressão *The promise of shoes!* Acrescentamos o pronome

indefinido “alguém” ocupando a posição de sujeito e do pronome pessoal oblíquo “lhe”, completando o sentido do verbo prometer. Berman (2007) nomeia essas adequações de racionalização, pois organiza o discurso dando certa linearidade ao texto, o que, muitas vezes, exige um alongamento do que está no texto de partida. Porém, o teórico chama a atenção sobre o risco que racionalização pode causar: “A racionalização e clarificação exigem um alongamento, um desdobramento do que está, no original, ‘dobrado’. Mas este alongamento, do ponto de vista do texto, pode ser designado como ‘vazio’, e coexistir com diversas formas quantitativas de empobrecimento” (BERMAN, 2007, p. 51). Isto é, ao racionalizar ou alongar, temos que ter cuidado para não destruir os ritmos, as rimas ou o próprio estilo do(a) autor(a).

A próxima decisão de tradução refere-se a uma das histórias inventadas por Tashi que é narrada por Olívia. Ao final da história, segundo Olívia, Tashi emite uma expressão—interjeição— que denota aborrecimento diante de um fato ocorrido. Por isso, optamos por traduzir a expressão “*why-dash*” equivalentemente para “que droga!”. Segundo o dicionário online Cambridge “*dash*” é uma expressão utilizada também para expressar aborrecimento.

Texto de partida	Tradução
[...] why- dash! No more penny!	[...] que droga! Lá se foram os centavos!

Para Heloisa Gonçalves Barbosa (2007, p.13), “a tradução equivalente é utilizada para tradução do fraseológico, dos idiotismos, clichés, provérbios, interjeições e onomatopéias. Nesse caso, as duas línguas dão conta da mesma situação usando meios estilísticos e estruturais diversos”.

O projeto tradutório é uma etapa importante de todo um processo pensando antes, durante e depois da tradução. Além de tecer considerações importantes a respeito da obra — personagens, enredo e tema — aqui estão registradas algumas das minhas escolhas tradutórias; o que fundamenta e explica o trabalho de tradução pensado como escrevivência. Outras explicações referentes às características e traços culturais da obra estão disponíveis em notas da tradutor(a) na própria tradução. Dessa forma, acredito que a tradução densa esclarece as dúvidas que os (as) leitores(as) possam ter. Numa situação de publicação das traduções, caso seja permitido pelos editores, os projetos tradutórios podem ser resumidos e se constituírem em prefácio do(a) tradutor(a). Atualmente, há um pouco mais de visibilidade do trabalho feito pelo(a) tradutor(a) e às vezes encontramos prefácios em que eles relatam as escolhas das estratégias e o processo tradutório.

### 4.3 TRADUÇÃO DO PREFÁCIO: ASSUNTOS DE MÃE

<p>I like to tell this story because it sounds unlikely. There we were, filmmaker Pratibha Parmar and I, on a plane from Tamale to Accra, in Ghana, West Africa. We had boarded this plane because there was no other, and the alternative to flying to the capital was a seven-hour drive over so rough a road that on our way to Tamale by car a few days earlier we experienced every imaginable discomfort. We had arrived at our destination faint from heat and hunger and covered in red dust.</p> <p>The plane was an old army transport, painted in brown and dull green camouflage; Pratibha mentioned on entering that it seemed to be made of tin. Inside the plane there were no seats. We found places on the floor for our parcels and her various cameras, and found ourselves surrounded by other adults who had also impassively entered the plane, attached to their children, their chickens, and their goats. Actually the feeling of being a village flying through the air was quite restful.</p>	<p>Gosto de contar esta história, pois ela parece surreal. Estávamos eu e a cineasta Pratibha no avião de Tamale para Acra, em Gana, na África Ocidental. Embarcamos nesse avião porque não havia outro. A alternativa para se chegar à capital seria dirigir sete horas por um caminho tão acidentado que nos trouxe à memória a experiência do trajeto para Temale, alguns dias antes, bastante desconfortável. Chegamos ao nosso destino fracas devido ao calor e à fome, além de estarmos cobertas de poeira vermelha.</p> <p>O avião era um transporte antigo do exército, pintado de marrom e verde bem discretos; Pratibha disse logo na entrada que ele parecia ser feito de lata. Dentro do avião não havia assentos, então colocamos nossas bagagens e as câmeras no chão e ficamos rodeadas de outras pessoas que entravam tranquilamente no avião, carregando seus filhos, suas galinhas e cabras. Na realidade, a sensação de uma aldeia voando pelo ar era bastante agradável.</p>
--	--

<p>What struck us as the plane took off, however, was that it had no windows. Rather, there were window holes but no panes of glass or plastic in them, just strips of rubber; we immediately stuck our hands right through. We also soon noticed that the plane didn't fly very high, cruising after climbing just a few hundred feet above the treetops.</p> <p>We didn't dare look toward the front of the plane to locate the pilot, whom we could hear joking with someone behind him. I think we prayed. As the plane lumbered along we looked each other in the eyes. One of us said: Well, here we are. This may well be our last flight together. Or, separately, the other no doubt replied: Is it worth it? Yes, said the other, for we are on the Mother's business; if we stand She supports us and however we fall She will catch us. We then turned our attention to our neighbors, exchanging greetings and smiles and passing out the Polaroids Pratibha took, and almonds, while accepting bananas and groundnuts<sup>9</sup>. It was a short flight.</p>	<p>Quando o avião decolou ficamos impressionadas, pois ele não tinha janelas. Em vez disso havia buracos, mas sem painéis de vidro ou plástico, apenas tiras de borracha onde seguramos nossas mãos. Percebemos que o avião não voava muito alto, alcançando uma velocidade constante depois de subir apenas algumas centenas de metros acima do topo das árvores.</p> <p>Não tivemos coragem de olhar para a frente do avião para localizar o piloto. Ouvimos que ele fazia piada com alguém atrás dele. Orávamos à medida que o avião avançava, olhando uma para a outra. Uma de nós falou: aqui estamos, talvez esse seja nosso último voo juntas. Ou separadas, a outra respondeu sem hesitar: isso vale a pena? Sim, disse a outra, pois estamos resolvendo os assuntos da mãe; se continuarmos ela nos apoiará, porém se cairmos ela nos sustentará. Voltamos então a atenção para nossos vizinhos, trocando cumprimentos, sorrisos, distribuindo as fotos que Pratibha tirou e as amêndoas, enquanto aceitávamos as bananas e os amendoins. Foi um voo rápido.</p>
---	---

<sup>9</sup> Nota da tradutora (N. da T.) Groundnuts: em sentido amplo é uma grande família de diferentes sementes oleaginosas. Ou seja, significa vários tipos de sementes secas (dura, saborosa e oleosa), o que inclui o amendoim. Peanut (amendoim) é um tipo de groundnuts.

<p>No doubt the presence of groundnuts reminded Pratibha of an earlier time she and I had traveled to Africa on the Mother's business, some years before when we were making our film, <i>Warrior Marks: Female Genital Mutilation and Sexual Blinding of Women</i>. Then too we had had a memorable experience. Traveling by van from the Gambia to Senegal on a road so treacherous most vehicles chose to bump alongside it rather than on it, we had come upon a huge lorry that had been piled impossibly high with groundnuts and had overturned. Pratibha could not believe my glee— not that the lorry had overturned; thankfully, no one was hurt — but to see so many groundnuts. For me, it was peanut heaven to sit and lie beside a veritable mountain of these nuts that I have adored since I was child.</p> <p>Now, half a decade later, we were returning from a meeting of Female Genital Mutilation abolitionists held in the tiny, dusty town of Bolgatanga, Ghana, a gathering attended by women and men dedicated to the eradication of the millennia-old practice in many African countries and cultures of genital cutting of female children and young women.</p>	<p>Sem dúvidas, a presença do amendoim fez Pratibha lembrar do passado quando viajamos para África para resolver os assuntos da mãe. Isso foi antes de fazer nosso filme, <i>Marcas de um Guerreiro: Mutilação Genital e Cegueira Sexual das Mulheres</i>. Tivemos uma experiência inesquecível, viajando da Gâmbia para o Senegal em uma estrada tão perigosa que a maioria dos carros escolhia ir pela lateral, tanto que encontramos um caminhão enorme virado com uma grande carga de amendoim. Pratibha não acreditou na minha satisfação — não porque o caminhão havia virado; felizmente, ninguém se machucou — mas por ver tanto amendoim. Para mim, foi maravilhoso poder sentar e deitar ao lado de uma montanha de amendoins que adoro desde criança.</p> <p>Agora, cinco anos depois, retornávamos de um encontro com abolicionistas da Mutilação Genital Feminina realizada na pequena empoeirada cidade de Bolgatanga, Gana. Um encontro que contou com a presença de mulheres e homens dedicados à erradicação desta prática milenar em muitos países africanos e em culturas em que a mutilação está presente na vida de crianças e mulheres jovens.</p>
--	--

<p>It had been three days of intense testimony, much sadness, anger, weeping. <i>Understanding</i>. Pratibha and I had been among the weepers several times during the gathering, because it was overwhelming to see that so many Africans, from many diverse places, had come to discuss ending something that so deeply scarred and undermined the health and well-being of the continent of African itself. We cried at everything, really. The anger of the young woman whose parents had thrown her out for refusing to be cut: holding her child in her arms, she challenged her parents and all parents to have the courage to support their daughters' right to be whole. The sorrow of our best friend at the gathering, a tall, thin, gentle Ghanaian man, head of the local Amnesty International, whose story of being facially cut as a child pierced our hearts. The regal, beautifully dressed woman, a judge from Mali, who spoke eloquently of her daughters' mutilation under the traditionalist eyes of her mother, their grandmother, while the judge was away from home.</p>	<p>Foram três dias de intenso testemunho, muita tristeza, raiva e choro. <i>Compreensão</i>. Pratibha e eu estivemos entre os chorões várias vezes durante a reunião, pois foi impressionante ver que muitos africanos, de vários lugares, vieram discutir o fim de algo que marcava profundamente e minava a saúde e o bem estar do continente africano. Choramos por tudo, na verdade. A raiva de uma jovem, segurando sua filha nos braços, que os pais haviam expulsado de casa por ter se recusado à mutilação. Ela desafiou seus pais e todos a terem coragem de apoiar o direito de suas filhas permanecerem inteiras. A tristeza de nosso melhor amigo, um ganês alto, magro e gentil, chefe da Anistia Internacional local, cuja história de ter sido cortado na face machucou nossos corações. A majestosa mulher, muito bem vestida, uma juíza de Mali, que falou eloquentemente sobre a mutilação de sua filha, observada pela sua avó tradicionalista enquanto ela estava fora de casa.</p>
---	--



<p>The awakened look on the faces of all who attended was well worth the journey to get there. To our great relief and happiness, we were welcomed and embraced by almost everyone. After Pratibha screened our film, there was the joyous feeling of being on a journey together, and sharing with the women in the film the certainty that, though probably not in our lifetimes, we will, through our descendents, see the end of it.</p>	<p>O olhar atento nos rostos de todos os presentes confirmou que valeu a pena a jornada. Para nosso grande alívio e felicidade, nós fomos bem recebidas e abraçadas por quase todos. Depois que Pratibha exibiu nosso filme, sentimos a alegria de estarmos juntas nesta jornada e compartilhar com as mulheres do filme a certeza de que provavelmente não em nossas vidas, mas nas dos nossos descendentes, veremos o fim desta prática.</p>
--	--

<p>I was just twenty when I first overheard something about female genital mutilation (FGM) while helping to build a school (out of sisal stalks, all that these very poor, dispossessed-by-British-colonialists people had) for children near Thikka, Kenya. I was then too young and ignorant of patriarchal control of women even to grasp what I had heard. Besides, what was there to be cut off? And why? It would be another twenty-odd years before I felt empowered<sup>10</sup>, by study, travel, conversations with mutilated women, and years of being an editor at <i>Ms. Magazine</i> — the feminist magazine that dared to encourage public discussion about FGM by occasionally publishing pieces that protested it — to begin the work that, in all honesty, felt like it was mine to do from the start. Even in that moment of overhearing “something” about the practice of cutting young girls. Why me? Because such information caught my ear, snagged my imagination, and never left me, not once, in all those years? I believe in such gifts.</p>	<p>Eu tinha apenas vinte anos quando ouvi pela primeira vez sobre a mutilação genital feminina (MGF) enquanto ajudava a construir uma escola para crianças perto de Thikka, Quênia (com caules de sisal, tudo o que essas pessoas muito pobres e espoliadas pelos colonialistas britânicos tinham). Era muito jovem e ignorava o controle patriarcal sobre as mulheres para entender o que tinha escutado. Além do mais, o que havia para ser cortado e por quê? Essas perguntas foram feitas vinte e poucos anos antes de me tornar empoderada pelo estudo, viagens, conversas com mulheres mutiladas e de ser editora da <i>Ms. Magazine</i> — revista feminista que encorajou a discussão pública sobre a MGF, publicando ocasionalmente artigos que protestavam contra isso—começando um trabalho que honestamente senti que era minha obrigação iniciá-lo. Mesmo naquele momento em que escutei “algo” sobre a prática de cortar jovens garotas. Mas por que eu? Porque essa informação me chamou atenção, prendeu meus pensamentos e não me deixou em todos esses anos. Eu acredito em tais dons.</p>
--	---

<sup>10</sup> N. da T. Poder a ser desenvolvido, ressignificado pelas diversas teorias do feminismo negro e interseccional que reconhecem as forças sistêmicas que oprimem grupos minoritários como as mulheres negras que lutam coletivamente para sua autoafirmação, autovalorização, autoreconhecimento e emancipação; atuando contra a hegemonia do poder existente.

And so, with the blessings of my Africans-in-America ancestors in the form of massive bestseller *The Color Purple*, and after writing *The Temple of My Familiar*—a long, loving, thank-you novel to said ancestors—I wrote the book that began the journey toward my seat on the floor of the Ghanaian plane, *Possessing the Secret of Joy*. I would have written this novel in any case, but what a delight to have enough money, space, and time to give it my complete attention. I did not have to teach or do speaking engagements, as I had done while writing *The Color Purple*. I did not have to worry about heating bills or car notes. Or school fees. Whether to buy winter boots this year or wait. Could I afford new glasses? It was heaven to feel the support of the women and men in this novel as they gathered themselves into flesh that walked around on the page after living for so long as shadows and tortured spirits in my consciousness.

E assim, com a benção de meus ancestrais africanos na América na forma de um grande best-seller *A Cor Púrpura*, e depois com o *Templo dos meus Familiares* — um romance longo, amoroso e de agradecimento aos ancestrais, — escrevi o livro que iniciou a jornada sentada no chão de um avião ganense: *Possuindo o Segredo da Alegria*. Teria escrito este romance de qualquer maneira, mas que alegria ter dinheiro, espaço e tempo suficientes para dedicar toda minha atenção. Não precisava ensinar ou fazer palestras, como ocorreu enquanto escrevia *A Cor Púrpura*. Também não me preocupei com contas de luz, prestações de carro ou mensalidades escolares. Se deveria comprar uma bota de inverno ou esperar, ou se compraria óculos novos. Foi maravilhoso sentir o apoio de mulheres e homens que se concretizou nas páginas deste romance depois deles viverem por tanto tempo como sombras e espíritos torturados em minha consciência.

The world is teaching us more every day of earth's hard realities; it seems that part of my mission is to encourage a closer look. Many who read this novel will not be prepared for the world that it exposes. I understand. I recall my own innocence at the age of twenty, with nowhere to put information about previously unheard-of-violence against women that so shocked me. However, for those who wish to feel *with* the people who are immersed in the suffering through and occasional triumph over female genital cutting, this book is a good place to start, if only to criticize my approach (which has been done by some readers, and which — understanding an instinctive need many feel to protect the people of Africa, battered for so long by misrepresentation and disdain — I accept without resentment. I have done the best that I could with a challenging subject; perhaps my writer's shortcomings might be viewed against the magnitude of the calamity).

O mundo está nos ensinando mais a cada dia sobre as duras realidades da terra, parece que parte da minha missão é encorajar um olhar mais atento. Muitos que leem o romance não estarão preparados para o mundo que veem. Entendo. Lembro-me da minha própria inocência aos vinte anos, sem nenhum lugar para publicar informações a respeito da violência desconhecida contra as mulheres que tanto me chocou. No entanto, para aqueles que se interessam pelas pessoas que estão imersas no sofrimento e no triunfo ocasional da mutilação genital feminina, este livro é um bom lugar para começar. Nem que seja apenas para criticar minha abordagem (que foi feita por alguns leitores(as), e que — compreendendo a necessidade instintiva que muitos sentem de proteger o povo da África, golpeado por tanta deturpação e desdém — aceito sem ressentimento. Fiz o melhor que pude com um assunto desafiador; talvez a dificuldade como escritora possa ser vista em comparação com a magnitude da calamidade).

<p>After writing <i>Possessing the Secret of Joy</i>, I asked Pratibha to make a film with me about the practice. <i>Warrior Marks</i> became a vigorous and fruitful adventure, as did our touring of it over several countries in Africa and Europe, and also in England, Japan, Cuba, and the United States. We talked ourselves hoarse on the subject in city after city for a couple of years. Going into my tenth year of giving the campaign against female genital cutting virtually all of my activist energy, I realized I needed to retreat. During the trial in Paris of a Gambian woman whose infant daughter bled to death after being cut by a “circumciser” she met in the park, the ongoing, increasingly global nature of the struggle impressed itself upon me. It wasn’t as simple as burnout; it was a deep recognition that, as with many of the planet’s urgent crises, it will take all of us working together to turn things around. It was also extremely draining to find that I, rather than the eradication of FGM, was becoming the subject of many people’s discourse.</p>	<p>Depois de escrever <i>Possuindo o Segredo da Alegria</i>, pedi a Pratibha para fazer um filme comigo sobre o assunto. <i>Marcas de Guerreiro</i> tornou-se uma aventura vigorosa e produtiva, assim como nossas viagens por vários países da África, Europa, Japão, Cuba e Estados Unidos. Conversamos até ficarmos roucas sobre o assunto de cidade em cidade por alguns anos. Entrando no décimo ano de campanha contra a mutilação genital feminina, em que dediquei toda minha energia ativista, percebi que precisava recuar. A natureza cada vez mais global da luta impressionou-me durante o julgamento, em Paris, de uma mulher gambiana cuja filha pequena sangrou até morrer depois de ser cortada por um “circuncidador” que ela conheceu no parque. Não foi tão simples quanto o esgotamento; foi um profundo reconhecimento de que, como muitas das crises urgentes do planeta, será necessário trabalharmos juntos para mudar as coisas. Foi extremamente desgastante descobrir que, em vez da erradicação da mutilação genital, eu havia me tornado o assunto dos discursos de muitas pessoas.</p>
---	---

<p>Years after I wrote and published <i>Possessing the Secret of Joy</i> there were those who claimed I made the whole FGM thing up, and protests met me at more than one college campus where I was accused of maligning Africa and men (and women of African descent). There were those who assumed I sought control of subject and jealously guarded their “turf” as the discussion became debate in some places. Two doctors whom I was later told had performed female genital cutting procedures in the United States were some of my most persistent critics. One of them sent me a photograph of a child whose incision had healed to show me how smoothly and “cleanly” it was done.</p>	<p>Anos depois que escrevi e publiquei <i>Possuindo o Segredo da Alegria</i>, algumas pessoas diziam que inventei a história da mutilação genital. Elas protestaram em mais de um campus universitário onde fui acusada de difamar a África e os povos de ascendência africana. Houve aqueles que disseram que eu estava controlando o assunto, então tentaram proteger seu “território” enquanto a discussão acontecia em outros lugares. Dois médicos que haviam realizado o procedimento de corte genital nos Estados Unidos foram alguns dos críticos mais persistentes. Um deles me enviou uma fotografia de uma criança com o corte que havia cicatrizado para me mostrar como foi feito com cuidado e “limpeza”.</p>
---	---

Although I have removed myself from the FGM arena in recent years, the reader will sense that all of my love remains with the characters in this novel, just as all of it moved forward to embrace characters to come. The everlasting elasticity of love is what makes creativity possible. Pratibha and I have tried, unsuccessfully so far, to interest a major American filmmaker in making a film based on the novel. We are convinced it could halt the practice of genital cutting in many places — in cities in the West and in Africa, for example, overnight. Such is the power of cinema in people’s lives, especially in the lives of people who do not read. We will continue to hold the belief that this collaborative venture is possible, and when it arises, we will be ready for it.

Embora tenha me afastado recentemente do campo da MGF, o(a) leitor(a) sentirá todo amor que permanece com os personagens deste romance, assim tudo caminhou para abraçar os próximos que virão. A elasticidade eterna do amor é o que torna a criatividade possível. Pratibha e eu tentamos, sem sucesso, contratar um grande cineasta americano e fazer um filme baseado no romance. Estamos convencidas de que isso pode impedir a prática da mutilação genital em muitos lugares — nas cidades do Ocidente e na África, por exemplo, de um dia para o outro. Esse é o poder do cinema na vida das pessoas, especialmente daquelas que não sabem ler. Continuaremos a acreditar que esse empreendimento colaborativo é possível e quando isto ocorrer estaremos prontas para isso.

<p>What does it mean to possess the secret of joy? Where is the secret to be found? Where must we search for it? Looking back on my life I see moments when the secret of joy became plain to me and I began to dance its dance. In <i>Possessing the Secret of Joy</i>, I pass this on. Human beings do terrible things to each other, yet we are healers, too. In the midst of my darkest ruminations about a practice that affects over a hundred million women and girls, with more becoming its victim every day, I leaned on the wisdom and grace of many a psychiatrist and psychologist. One of them, Dr. Carl Jung, entered the novel as Mzee, “the old man,” who tenderly begins to guide Tashi,<sup>11</sup> the character who was mutilated, back to mental health. My favorite thought most days about the suffering of our planet is that some of us, many of us, recognize the perilous journey we are on and its unexpectedly thrilling allies and joys — and we are preparing ourselves, of necessity, to withstand many a shock, as we continue on our way.</p>	<p>O que significa possuir o segredo da alegria? Onde ele pode ser encontrado? Onde devemos procurar? Olhando para meu passado, vejo momentos onde o segredo da alegria ficou evidente para mim e comecei a dançar sua dança. Em <i>Possuindo o Segredo da Alegria</i>, passo adiante. Os seres humanos fazem coisas terríveis uns com os outros, mas também somos curadores. Em meio aos meus pensamentos mais sombrios sobre a prática que afeta mais de cem milhões de mulheres e meninas, com mais pessoas se tornando suas vítimas a cada dia; pude contar com a sabedoria e graça de muitos psiquiatras e psicólogos. Um deles, Dr. Carlos Jung, apareceu no romance como Mzee, “o ancião” que carinhosamente começou a orientar Tashi, personagem mutilada, à sua saúde mental. Meu pensamento favorito na maior parte do tempo sobre o sofrimento do nosso planeta é que alguns de nós, muitos de nós, reconhecemos a jornada perigosa em que estamos, seus aliados e alegrias inesperadamente emocionantes — e estamos nos preparando, necessariamente, para suportar muito choque enquanto continuamos nosso caminho.</p>
---	---

Alice Walker

Temple Jook House

Mendocino, California Fall, 2007.

---

<sup>11</sup> The lover and later wife of Adam, in *The Color Purple*.



#### 4.4 TRADUÇÃO: POSSUINDO O SEGREDO DA ALEGRIA

##### TASHI

<p>I did not realize for a long time that I was dead. And that reminds me of a story: There was once a beautiful young panther who had a co-wife and a husband. Her name was Lara and she was unhappy because her husband and her co-wife <sup>12</sup>were really in love; being nice to her was merely a duty panther society imposed on them. They had not even wanted to take her into their marriage as co-wife, since they were already perfectly happy. But she was an “extra” female in the group and that would not do. Her husband sometimes sniffed her breath and other emanations. He even, sometimes, made love to her. But whenever this happened, the co-wife, whose name was Lala, became upset. She and the husband, Baba, would argue, then fight, snarling and biting and whipping at each other’s eyes with their tails. Pretty soon they’d become sick of this and would lie clutched in each other’s paws, weeping.</p>	<p>Não percebi por muito tempo que estava morta. E isso me lembra uma história: havia uma bela e jovem pantera que vivia com o marido e sua outra esposa. Seu nome era Lara e estava triste porque o marido e a outra esposa estavam muito apaixonados; ser legal com ela era apenas uma obrigação imposta pela sociedade das panteras. Inicialmente, eles nem a queriam em seu casamento, pois eram muito felizes. Mas, ela era uma fêmea “extra” no grupo e isso não poderia ocorrer. Às vezes, seu marido cheirava sua respiração e outras emanções. Ainda fazia amor com ela algumas vezes. Mas quando isso acontecia a outra esposa Lala ficava chateada. Então, ela brigava com o marido Baba, discutiam, rosnando, mordendo e chicoteando os olhos um do outro com os rabos. Logo cansavam dessa situação e se deitavam agarrados nas patas um do outro, chorando.</p>
--	---

<sup>12</sup> N. da T. Co-wife não é um termo corrente em nossa cultura, ele está associado ao contexto de algumas regiões africanas. Em certos lugares da África, por causa da religião muçumana que pratica a poligamia, é permitido ao homem ter até quatro mulheres. Co-wife, de acordo com dicionário porto editora, é aquela que juntamente com as outras é esposa do mesmo marido. Por isso, a expressão foi traduzida por “a outra esposa”.

<p>I am supposed to make love to her, Baba would say to Lala, his heartchosen mate. She is my wife just as you are. I did not plan things this way. This is the arrangement that came down to me.</p> <p>I know it, dearest, said Lala, through her tears. And this pain that I feel is what has come down to me. Surely it can't be right?</p> <p>These two sat on a rock in the forest and were miserable enough. But Lara, the unwanted, pregnant by now and ill, was devastated. Everyone knew she was unloved, and no other female panther wanted to share her own husband with her. Days went by when the only voice she heard was her inner one.</p> <p>Soon, she began to listen to it.</p> <p>Lara, it said, sit here, where the sun may kiss you. And she did.</p> <p>Lara, it said, lie here, where the moon can make love to you all night long. And she did.</p> <p>Lara, it said, one bright morning when she knew herself to have been well kissed and well loved: sit here on this stone and look at your beautiful self in the still waters of this stream.</p>	<p>Tenho que fazer amor com ela, Baba dizia a Lala, sua companheira do coração. Ela é minha esposa, assim como você. Não queria que as coisas fossem desse jeito, mas aconteceram assim.</p> <p>Sei disso querido, ela disse chorando. E esta dor que sinto que me deixa infeliz. É certo isso?</p> <p>Ambos se sentaram em uma pedra na floresta, desolados. Mas Lara, a indesejável, grávida e enjoada, estava devastada. Todos sabiam que não era amada e nenhuma outra pantera fêmea queria compartilhar seu marido com ela. Os dias se passaram e a única voz que ouvia era a interior.</p> <p>Logo, começou a escutar:</p> <p>Lara, sente-se aqui onde o sol pode beijá-la. E ela o fez.</p> <p>Lara, deite-se aqui onde a lua pode fazer amor com você a noite toda. E ela o fez.</p> <p>Lara, disse, numa manhã ensolarada quando sabia que ela tinha sido beijada e muito amada: sente-se aqui nessa pedra e olhe sua bela imagem nas águas tranquilas desse riacho.</p>
--	---

Calmed by guidance offered by her inner voice, Lara sat down on the stone and leaned over the water. She took in her smooth, aubergine little snout, her delicate, pointed ears, her sleek, gleaming black fur. She was beautiful! And she was well kissed by the sun and well made love to by the moon.

For one whole day, Lara was content. When her co-wife asked her fearfully why she was smiling, Lara only opened her mouth wider, in a grin. The poor co-wife ran trembling off and found their husband, Baba, and dragged him back to look at Lara.

When Baba saw the smiling, well kissed, well made love to Lara, of course he could hardly wait to get his paws on her! He could tell she was in love with someone else, and this aroused all his passion.

Tranquila, guiada pela voz interior, Lara se sentou na pedra e se inclinou sobre a água. Apreciou o focinho macio como berinjela, a orelha delicada e pontuda, seu pelo negro macio e brilhante. Era linda! E foi muito beijada pelo sol e amada pela lua.

Por um dia inteiro, Lara ficou feliz. Quando a outra esposa lhe perguntou receosamente por que estava sorrindo, Lara apenas abriu um largo sorriso. A coitada correu trêmula e chamou o marido, arrastando-o para ver Lara.

Quando Baba viu seu sorriso de satisfação, mal podia esperar para colocar as patas nela! Ele achou que ela estava apaixonada por alguém e isso despertou toda sua paixão.

<p>While Lala wept, Baba possessed Lara, who was looking over his shoulder at the moon.</p> <p>Each day it seemed to Lara that the Lara in the stream was the only Lara worth having — so beautiful, so well kissed, and so well made love to. And her inner voice assured her this was true.</p> <p>So, one hot day when she could not tolerate the shrieks and groans of Baba and Lala as they tried to tear each other's ears off because of her, Lara, who by now was quite indifferent to them both, leaned over and kissed her own serene reflection in the water, and held the kiss all the way to the bottom of the stream.</p>	<p>Enquanto Lala chorava, Baba possuía Lara, que olhava a lua por cima do ombro.</p> <p>A cada dia ela percebia que a Lara refletida no riacho era a única que tinha valor — tão bonita, muito beijada e amada. E a voz interior lhe assegurava que era verdade.</p> <p>Então num dia quente quando não conseguiu tolerar os gritos e gemidos de Baba e Lala, que tentavam arrancar a orelha um do outro por causa dela, Lara, que já estava completamente indiferente a eles, inclinou-se e beijou seu calmo reflexo na água. Seu beijo se espalhou na imensidão do riacho.</p>
---	--

## OLIVIA

<p>This is the way Tashi expressed herself. The way she talked and evaded the issue, even as a child. Her mother, Catherine, whose tribal name was Nafa, used to send her to the village shop for matches, which were a penny each. Tashi would be given three pennies. She would lose at least one of them. The story she would tell about the lost penny might go like this: That a giant bird, noticing the shimmer of the coin in the glass of water in which she'd temporarily stored the pennies for safekeeping and for aesthetic enjoyment, had swooped down from the sky, flapped its wings so boldly that the glass of water fell from her hand, and when next she looked, having hidden her face from the creature for fear of its large beak and outspread wings, why—dash! No more penny!</p>	<p>Essa é a forma como Tashi se expressava.</p> <p>A maneira como falava e disfarçava o problema desde criança. Sua mãe Catherine, cujo nome tribal era Nafa<sup>13</sup>, mandava-a comprar fósforos na vila que custava um centavo cada. Tashi recebia três centavos, porém perdia pelo menos uma moeda. A história que contava sobre o dinheiro perdido era assim: um pássaro gigante, percebendo o brilho das moedas dentro do copo de água onde as havia guardado por segurança para apreciá-las, desceu do céu batendo suas asas vigorosamente e derrubou o copo de sua mão. Quando ela olhou, depois de ter escondido o rosto por medo da criatura de bico grande e asas volumosas, que droga! Lá se foram os centavos!</p>
--	--

---

<sup>13</sup> N da T. Optamos por manter os topônimos e antropônimos no original.

Her mother would scold, or she'd put her hands on her hips, shake her head sadly and make a self-pitying cry to the neighbors about this incorrigible little liar, her daughter.

We were about the same age, Tashi and I, six or seven. I remember, as if it were yesterday, my first glimpse of her. She was weeping, and the tears made a track through the dust on her face. For the villagers, in gathering to meet us, the new missionaries, had raised a cloud of it, reddish and sticky in the humidity. Tashi was standing behind Catherine, her mother, a small, swaybacked woman with an obdurate expression on her dark, lined face, and at first there was only Tashi's hand—a small dark hand and arm, like that of a monkey, reaching around her mother's lower body and clutching at her long, hibiscus-colored skirts. Then, as we drew nearer, my father and mother and Adam and myself, more of her became visible as she peeked around her mother's body to stare at us.

A mãe reclamava ou colocava as mãos nos quadris, balançando a cabeça triste e chorando as pitangas para os vizinhos a respeito da filha incorrigível e mentirosa.

Tínhamos quase a mesma idade, Tashi e eu, seis ou sete anos. Lembro-me como se fosse ontem, minhas primeiras recordações. Ela estava chorando e as lágrimas abriam um caminho na poeira do seu rosto. Para os moradores da aldeia reunidos para nos encontrar, os novos missionários haviam levantado uma poeira vermelha e pegajosa em meio à umidade. Tashi estava em pé atrás de Catherine, sua mãe, uma mulher pequena e curvada com um ar altivo em seu rosto escuro, enrugado. No início só vimos a mão de Tashi—sua pequena mão e braço escuros como as de um macaco, abraçando a parte inferior do corpo da mãe e segurando-se em sua longa saia cor de hibisco. Então, à medida que nos aproximávamos, meu pai, minha mãe, Adam e eu, mais ela se tornava visível a nos espiar por trás de sua mãe, encarando-nos.

We must have been quite a sight. We had been weeks on the march that brought us to Tashi's village and were ourselves covered with the dust and bruises of the journey. I remember looking up at my father and thinking what a miracle it was that we'd somehow—through jungle, grassland, across rivers and whole countries of animals—arrived in the village of the Olinka that he'd spoken so much about.

I saw that he too took note of Tashi. He was sensitive to children, and often stated as fact that there could be no happy community in which there was one unhappy child. Not one! he used to say, slapping his knee for emphasis. One crying child is the rotten apple in the barrel of the tribe! It would have been difficult to ignore Tashi. Because though many of the faces that greeted us seemed sad, she was the only person weeping. Yet she uttered not a sound. The whole of her little cropped head and reddened brown face bulged with the effort to control her emotions, and except for the tears, which were so plentiful they cascaded down her cheeks, she was successful. It was a remarkable performance.

Deve ter sido uma visão e tanto. Havíamos passado semanas no caminho para a aldeia de Tashi e chegamos cobertos de poeira e machucados da viagem. Lembro-me de olhar para meu pai e pensar que aquilo era um milagre, pois de alguma forma—atravessamos floresta, pastagens, rios e países inteiros de animais—até chegarmos à aldeia de Olinka que ele havia falado tanto.

Percebi que ele também observou Tashi. Era sensível quando se tratava de crianças e costumava afirmar que uma comunidade não seria feliz onde existisse uma criança infeliz. Uma! Costumava dizer isso batendo no joelho para enfatizar. Uma criança que chora é uma maçã podre no barril de uma tribo! Não tinha como ignorar Tashi. Embora vários rostos que nos cumprimentavam pareciam tristes, ela era a única que estava chorando. No entanto, não emitia som. Toda a sua cabecinha cortada e seu rosto negro corado inchavam devido ao esforço para controlar as emoções, e exceto por suas lágrimas, que eram tão abundantes descendo como cascata sobre o seu rosto, ela conseguiu. Foi um desempenho notável.

In the course of our daylong welcome, Tashi and her mother disappeared. Even so, my father inquired after them. Why was the little girl crying? he asked, in his stiff, newly learned Olinka. The elders seemed not to understand him. They shifted their robes, looked genially at him and at us and at each other and replied, looking about now over the heads of those assembled, What little girl, Pastor? There is no little crying girl here.

And Tashi and her mother did seem gone forever. We didn't see them for a long time, after they'd spent several weeks on Catherine's farm, a day's walk from the village. They turned up at vespers one evening, both Tashi and her mother dressed in new pink gingham Mother Hubbards with high collars and large flowered pockets, their faces similarly set in the look of perplexed, instinctive wariness that characterized Catherine's face whenever she encountered "the Pastor," as they all called my father, or "Mama Pastor," as they called my mother.

No decorrer de um dia inteiro de recepção, Tashi e sua mãe desapareceram. Ainda assim, meu pai perguntou por elas. Por que a menina estava chorando? Questionava com seu firme e recém aprendido de Olinka. Os mais velhos pareciam não o compreender. Trocaram seus trajes, olhando cordialmente para meu pai, para nós e se entreolhando. Espiando sobre as cabeças daqueles reunidos, responderam: que menina, Pastor? Não tem nenhuma menina chorando aqui.

E Tashi e sua mãe pareciam ter sumido para sempre. Não as vimos por um bom tempo depois delas terem ficado na fazenda de Catherine, distante um dia de caminhada da aldeia. Uma noite apareceram vestidas em suas novas batas compridas com estampa rosa xadrez de gola alta e grandes bolsos floridos. Pareciam assustadas, uma desconfiança instintiva que marcava o rosto de Catherine sempre que encontrava "o pastor", como todos chamavam meu pai, ou "mãe pastora", como chamavam minha mãe.



<p>We did not know that on the morning we arrived in the village one of Tashi's sisters had died. Her name was Dura, and she had bled to death. That was all Tashi had been told; all she knew. So that if, while we were playing, she pricked her finger on a thorn or scraped her knee and glimpsed the sight of her own blood, she fell into a panic, until, gradually, she played in such a way as to take no risks and even learned to sew in an exaggeratedly careful way, using two thimbles.</p> <p>But she forgot why the sight of her own blood terrified her. And this became one of the things the other children teased her about. And about which she would cry.</p>	<p>Não sabíamos que uma das irmãs de Tashi havia morrido na manhã em que chegamos à aldeia. Seu nome era Dura e sangrou até morrer. Isto foi tudo que disseram a Tashi, tudo que sabia. Tanto que, quando brincávamos, se ela espetasse o dedo no espinho ou arranhasse seu joelho e visse seu próprio sangue entrava em pânico. Até que aos poucos aprendeu a não correr riscos e a costurar cuidadosamente usando dois dedais.</p> <p>Mas ela esqueceu porque a visão do seu próprio sangue lhe causava tanto medo. E isso foi uma das razões pelas quais outras crianças a provocavam. E ela chorava por causa disso.</p>
--	--

Years later, in the United States, she would begin to remember some of the things she'd told me over the years of our growing up. That Dura had been her favorite sister. That she had been headstrong and boisterous and liked honey in her porridge so much she'd sometimes stolen a portion of Tashi's share. That she had been very excited during the period leading up to her death. Suddenly she had become the center of everyone's attention; every day there were gifts. Decorative items mainly: beads, bracelets, a bundle of dried henna for reddening hair and palms, but the odd pencil and tablet as well. Bright remnants of cloth for a headscarf and dress. The promise of shoes!

Anos depois nos Estados Unidos, ela começou a se lembrar de algumas coisas que havia me contado quando éramos crianças. Dura era sua irmã favorita. Teimosa e agitada, ela gostava tanto de mel no mingau que às vezes pegava a porção de Tashi. Ela estava muito animada antes de sua morte. De repente havia se tornado o centro das atenções; todo dia ganhava presentes.<sup>14</sup> A maior parte era itens decorativos como: colar, pulseiras, um pacote de hena seca para colorir o cabelo e as palmas, além de uma caneta estranha e caderno. Trouxeram também restos de tecidos brilhantes para fazer um lenço e um vestido. Alguém lhe prometeu sapatos!

---

<sup>14</sup> N. da. T. A circuncisão, apesar de ser um ato de violência contra o corpo da mulher, é considerada um ritual de purificação. Segundo o depoimento da ativista Ashaismail, no documentário *Eve's apple*, essa prática é vista como um fato de grande importância na vida da mulher, pois é também um pré-requisito para o casamento. Assim, os presentes recebidos pela irmã de Tashi representam a importância simbólica desse ritual de passagem.

## TASHI

*There was a scar at the corner of her mouth. Oh, very small and faint, like a shadow. Shaped like a miniature plantain, or like the moon when it is new. A sickle shape with the points toward her ear; when she smiled, the little shadow seemed to slide back into her cheek, above her teeth, which were very white. While she was crawling, she'd picked up a burning twig that protruded from the fire and attempted to put it into her mouth.*

*This was long before I was born, but I knew about it from the story that was often told: how bewildered Dura had looked, as the twig stuck to her lip, and how she, instead of knocking it away, cried piteously, her arms outstretched, looking about for help. No, they laughed, telling this story, not simply for help, for deliverance.*

*Havia uma cicatriz no canto de sua boca. Oh, tão pequena e discreta como uma sombra. Tinha o formato de uma pequena banana da terra ou de uma lua nova. O formato de foice com as pontas voltadas para a orelha; quando ela sorria parecia deslizar para dentro de suas bochechas, sobre seus dentes, que eram muito brancos. Enquanto gatinhava, pegou um galho queimado que se projetava da fogueira e tentou colocá-lo dentro da boca.*

*Isso foi muito antes do meu nascimento, mas soube disso por causa da história que sempre contavam: Dura ficou confusa com o galho preso em seu lábio. Em vez de jogá-lo fora, chorou copiosamente com seus braços estendidos pedindo ajuda. Não, eles riam quando contavam essa história, não simplesmente para ajudar, por libertação.*

Did anyone help her?

This white witch doctor scribbles, only a little, behind his desk, on which there are small stone and clay figures of African gods and goddesses from Ancient Egypt. I noticed them before lying down on his couch, which is covered by a tribal rug.

I think and think, but I can not think of the rest of the story. The sound of laughter stops me before I can come to the part about the rescue of my sister Dura. I know that the twig, ashen, finally dropped away, having burned through the skin. But did my mother or a co-wife leap to gather the crying child in her arms? Was my father anywhere near? I am frustrated because I can not answer the doctor's questions. And I feel him, there behind my head, pen poised to at last capture on paper an African woman's psychosis for the greater glory of his profession. Olivia has brought me here. Not to the father of psychoanalysis, for he has died, a tired, persecuted man. But to one of his sons, whose imitation of him—including dark hair and beard, Egyptian statuettes on his desk, the tribal-rug-covered couch and the cigar, which smells of bitterness— will perhaps cure me.

Alguém a ajudou?

O curandeiro branco rabisca um pouco atrás da sua mesa onde há pequenas pedras e deuses e deusas africanos de argila do antigo Egito. Os observei antes de me deitar no sofá coberto por um tapete tribal.

Penso e penso, mas não consigo me lembrar do resto da história. O som da risada me paralisa antes que comece a falar do resgate da minha irmã Dura. Lembro que o galho cinzento caiu, mas queimou a sua pele. Mas será que minha mãe ou a outra esposa correram para pegar a criança que chorava em seus braços? Meu pai estava por perto? Fico frustrada porque não consigo responder as perguntas do médico. E sinto a presença dele atrás de minha cabeça, caneta posicionada para anotar a psicose de uma mulher africana para a grande glória de sua profissão. Olivia me trouxe aqui. Não para o pai da psicanálise, pois ele está morto, um homem cansado e atormentado. Mas para um dos seus filhos que se parece com ele—incluindo o cabelo e a barba escuros, as estatuetas egípcias sobre sua mesa, o tapete tribal cobrindo o sofá e o cigarro que cheira amargura — talvez possa me curar.

## OLIVIA

You have to keep us in mind, Tashi would say. And we would laugh, because it was so easy to forget Africa in America. What most people remembered was strange, because unlike the two of us, they have never been there.

Não se esqueça de nós, Tashi dizia. E ríamos, porque era tão fácil esquecer da África na América. O que a maioria das pessoas lembrava era estranho porque, ao contrário de nós, nunca estiveram lá.

## ADAM

Perhaps it is odd, but I do not recall my first meeting with Tashi. But children don't exactly "meet," do they? Unless it is a formal occasion; which, to think of it, our arrival in Olinka certainly must have been. The villagers were smiling anxiously at us, when we arrived, and were dressed in their colorful and scanty best. There was food cooking in pots and roasting on spits. There was even a warmish melon-flavored drink that made me think, longingly, of lemonade. I noticed the small boys my own age, their knobby kness and shaved heads. Their near nakedness. I noticed the men: the seedlike\_tribal markings on their cheeks and the greasy amulets they wore around their necks. I noticed the dust and the heat. The flies. I noticed the long flat breasts of the women who worked barebreasted, babies on their back, as they swept and tidied up the village as if in expectation of inspection. I was too young to be embarrassed by their partial nudity. And so I stared, mouth open, until MaMa Nettie poked me firmly in the back with her parasol.

Talvez seja estranho, mas não me recordo do primeiro encontro com Tashi. Mas crianças não se "encontram" exatamente, não é? A menos que seja uma ocasião formal; mas, pensando bem, nossa chegada a Olinka certamente deve ter sido. Os moradores estavam sorrindo ansiosamente quando chegamos e vestiam suas melhores roupas coloridas e pobres. Havia comida cozinhando em panelas e assando em espetos. Havia ainda uma bebida morna com sabor de melão que me fez lembrar com saudades da limonada. Observei uns meninos da minha idade, de joelhos enrugados e cabeças raspadas, quase nus. Observei os homens: as marcas tribais em forma de sementes em suas bochechas e os amuletos gordurosos em torno dos pescoços. Observei a poeira e o calor. As moscas. Observei os seios longos e lisos das mulheres que trabalhavam de seios nus com os bebês nas costas, enquanto varriam e arrumavam a aldeia na expectativa de uma inspeção. Eu era muito jovem para ficar envergonhado com aquela nudez parcial. E então encarei, de boca aberta, até que mãe Nettie me cutucou bruscamente nas costas com a sombrinha.

<p>And now when Olivia says, But don't you remember, Adam, Tashi was weeping when we met her! I am at a loss. For that is not the little girl I remember. The Tashi I remember was always laughing, and making up stories, or flitting cheerfully about the place on errands for her mother.</p> <p>Sometimes I think Olivia and I remember two entirely different people, and now, because Tashi and I have lived together for so many years, I think my recollection of her as a child is sure to be the correct one. But what if it is not.</p>	<p>E agora, quando Olivia diz, mas você não se lembra, Adam, Tashi estava chorando quando a conhecemos! Eu fico confuso, porque não é dessa menininha de que me lembro. Tashi, pra mim, estava sempre sorrindo e contando histórias ou correndo alegremente para fazer coisas para a mãe.</p> <p>Às vezes acho que Olivia e eu lembramos de duas pessoas completamente diferentes. E agora que vivemos juntos há tantos anos, acho que minha lembrança com certeza é a mais correta. Mas se não for.</p>
--	--

## TASHI

<p>They were always saying You mustn't cry!</p> <p>These are new people coming to live among us, and to meet them in tears is to bring bad luck to us. They'll think we beat you! Yes, we understand your sister is dead, but ...time now to put on a good face and make foreigners welcome. If you can't behave, we will have to ask your mother to take you elsewhere.</p> <p>How could I believe these were the same women I'd known all my life? The same women who'd known Dura? And whom Dura had known? She'd gone to buy matches or snuff for them nearly every day. She'd carried their water jugs on her head.</p>	<p>Eles sempre diziam você não deve chorar!</p> <p>Essas são as novas pessoas que vêm morar com a gente, encontrá-las em lágrimas é trazer azar para nós<sup>15</sup>. Eles vão achar que batemos em você! Sim, entendemos sua irmã está morta, mas... é hora de pôr um sorriso no rosto e dar as boas-vindas aos estrangeiros. Se você não se comportar, teremos que pedir a sua mãe para levá-la a outro lugar.</p> <p>Como eu poderia imaginar que eram as mesmas mulheres que conheci em toda minha vida? As mesmas que conheceram Dura? E as quais Dura conheceu? Ela costumava comprar fósforos ou rapé para elas quase todos os dias e carregava seus baldes de água na cabeça.</p>
--	--

<sup>15</sup> N. da T. Os provérbios são frequentes na cultura africana. Eles costumam moldar a vida das pessoas que cumprem suas determinações para que algo não aconteça. Por exemplo, como veremos mais adiante, Tashi vai embora da aldeia por causa do azar que seu choro pode trazer para a comunidade.



It was a nightmare. Suddenly it was not acceptable to speak of my sister. Or to cry for her.

Let us leave here, Mama, I finally said in despair. And my mother, her face stern, took my hand in hers and walked off with me toward our farm.

We stayed there seven weeks; long after our crops had been tended. Besides, there was a boy who lived on the farms who would have looked after our plots if we had decided to go back to the village. But my mother and I stayed, until even the groundnuts had been pulled up, placed on racks — the round ones that from a distance look like little hats— and dried. Then we stripped the nuts from their shriveled yellow stems and carried loads of them home to the village on our backs.

Foi um pesadelo. De repente não se podia mais falar de minha irmã ou chorar por ela.

Vamos embora daqui, mãe, finalmente disse em desespero. E minha mãe, com seu rosto sério, segurou minha mão e caminhamos para a fazenda.

Ficamos lá sete semanas; muito depois de termos cuidado de nossas colheitas. Além disso, havia um garoto que morava na fazenda e que teria cuidado das terras se voltássemos para aldeia. Mas nós decidimos ficar, até os amendoins nascerem e serem colocados em prateleiras — os amendoins redondos que de longe pareciam pequenos chapéus—e secos. Depois arrancamos os amendoins de seus caules amarelos e murchos, carregando muitos deles para aldeia em nossas costas.

<p>How small I felt, especially since Dura was no longer around to measure myself against. Not there to tease me that I had grown perhaps the thickness of a coin but still had not caught up with her...And there was my mother, trudging along the path in front of me, her load of groundnuts forcing her nearly double.</p> <p>I have never seen anyone work as hard as my mother, or pull her share of the work with a more resigned dignity.</p> <p>Tashi, she would say, it is only hard work that fills the emptiness.</p> <p>But I had not previously understood her.</p>	<p>Como me sentia pequena principalmente porque Dura não estava mais por perto para me comparar a ela. Não estava lá para me provocar dizendo que eu tinha crescido do tamanho de uma moeda e ainda não a tinha alcançado... E lá estava minha mãe, arrastando-se ao longo do caminho praticamente curvada com o peso do amendoim.</p> <p>Nunca vi ninguém trabalhar tão pesado quanto minha mãe ou levar o trabalho com uma dignidade resignada.</p> <p>Tashi, dizia, somente o trabalho pesado preenche o vazio.</p> <p>Mas inicialmente eu não a compreendia.</p>
--	--

Now I watched the backs of her legs and noted how they sometimes quivered with effort to ascend a steep hill; for there were many hills between our farm and the village. Indeed, the farm was in a completely different climate from that of the village: hot but moist, because there was a river and still a bit of forest, whereas the village was hot and dry, with few trees. I studied the white rinds of my mother's heels, and felt in my own heart the weight of Dura's death settling upon her spirit, like the groundnuts that bent her back. As she staggered under her load, I half expected her footprints, into which I was careful to step, to stain my own feet with tears and blood. But my mother never wept, though like the rest of the women, when called upon to salute the power of the chief and his counselors she could let out a cry that assaulted the very heavens with its praising pain.

Nesse momento, olhei as suas pernas e notei como tremiam com o esforço de subir a colina; pois havia muitas delas entre a nossa fazenda e a vila. Na verdade, o clima da fazenda era totalmente diferente da aldeia: quente e úmido, pois havia um rio e ainda um pouco de floresta. Enquanto a vila era quente e seca, com poucas árvores. Observei detalhadamente a pele branca do calcanhar da minha mãe e senti no meu coração a morte de Dura pesando sobre o seu espírito, como os amendoins que a curvaram. Enquanto cambaleava sob o peso dos amendoins, esperava que suas pegadas, que eu tinha o cuidado de pisar, manchassem meus pés com lágrimas e sangue. Mas minha mãe nunca chorava. Porém, como outras mulheres, quando era convidada a saudar o poder dos chefes e seus conselheiros, ela dava um grito tão alto que assustava os céus com sua louvável dor.

## TASHI

Negro women, said the doctor, are considered the most difficult of all people to be effectively analyzed. Do you know why?

Since I was not a Negro woman I hesitated before hazarding an answer. I felt negated by the realization that even my psychiatrist could not see I was African. That to him all black people were Negroes.

I had been coming to see him now for several months. Some days I talked; some days I did not. There was a primary school across the street from his office. I would listen to the faint sound of the children playing and often forget where I was, forget why I was there.

He'd been taken aback by the fact that I had only one child. He thought this unusual for a colored woman, married or unmarried. Your people like lots of kids, he allowed.

But how could I talk to this stranger of my lost children? And of how they were lost? One was left speechless by all such a person couldn't know.

Negro women, the doctor says into my silence, can never be analyzed effectively because they can never bring themselves to blame their mothers.

As mulheres negras, disse o médico, são as mais difíceis de serem analisadas com eficácia. Você sabe por quê?

Como não era uma mulher negra, não arrisquei um palpite. Fiquei ofendida, pois nem meu psiquiatra percebeu que eu era africana. Para ele todas as pessoas negras eram Negras.

Já vinha me consultando com ele há meses. Às vezes eu falava, outras não. Havia uma escola primária do outro lado da rua do seu escritório. Ouvia distante o som das crianças brincando e frequentemente esquecia onde estava e por que estava lá.

Ele ficou surpreso de eu ter apenas um filho. Achou que era incomum para mulheres africanas, casadas ou não. Pessoas como vocês gostam de muitos filhos, admitiu.

Mas como poderia falar com um estranho sobre a perda dos meus filhos? E como os perdi. Permaneci calada, pois ele não podia saber de tudo.

Mulheres negras, o médico disse observando o meu silêncio, não podem ser analisadas corretamente porque nunca conseguem culpar suas mães.

<p>Blame them for what? I asked. Blame them for anything, said he. It is quite a new thought. And, surprisingly, sets off a kind of explosion in the soft, dense cotton wool of my mind. But I do not say anything. Those bark-hard, ashen heels trudge before me on the path. The dress above them barely clothing, a piece of rag. The basket of groundnuts suspended from a strap that fits a groove that has been worn into her forehead. When she lifts the basket down, the groove in her forehead remains. On Sundays she will wear her scarf low in an attempt to conceal it. African women like my mother give harsh meaning to the expression “furrowed brow.” Still, the basket itself is lovely and well made, with a red and ochre “sisters elbow” design that no one weaves more neatly than she. That is all I care to think about. But not all that I will.</p>	<p>Culpá-las pelo que? Perguntei. Por qualquer coisa. Nunca tinha pensado nisso. E, surpreendentemente, isso gerou uma certa explosão no algodão denso e macio da minha mente. Mas não digo nada. Aquelas peles duras e cinzentas dos calcanhares arrastando-se diante de mim no caminho. O vestido malmente os cobriam, era um pedaço de pano. A cesta de amendoim era suspensa por uma alça que se encaixava num sulco em sua testa. Quando ela tira a cesta, o sulco permanece na testa. No domingo, ela vai usar um lenço para tentar esconder a marca. Mulheres africanas como minha mãe dão um sentido pesado para a expressão “testa franzida”. Ainda assim, a cesta é bonita e bem feita, tem um desenho vermelho e ocre de “braços dados de irmãs” que ninguém tece mais perfeitamente do que ela. Isso é tudo que quero me lembrar. Mas não é só disso que me lembro.</p>
---	---

<p>I did not carry you to term, she has told me, because one day when I was coming back from bathing I was frightened by a leopard. She was acting strangely, and charged me.</p> <p>I try to imagine a leopard on the path between our farm and the village. Now there are wild dogs and jackals, but nothing so beautiful as a leopard.</p> <p>M'Lissa came to look after me. And was I an easy birth?</p> <p>But she will only look over my head, to the side of my ear. Of course, she murmurs. Of course you were.</p> <p>Later we discovered someone had shot and skinned her mate and her cubs, my mother sighs.</p> <p>And that was the official story of my birth.</p>	<p>Não te carreguei até o final, ela me disse porque um dia quando retornava do banho um leopardo me assustou. O animal estava agindo de maneira estranha e me atacou.</p> <p>Tento imaginar um leopardo no caminho entre a fazenda e a aldeia. Atualmente, há cachorros selvagens e chacais, mas nada é tão bonito como um leopardo.</p> <p>M'Lissa veio para cuidar de mim.</p> <p>E foi um parto tranquilo? Mas ela só olha por cima de minha cabeça, do lado da minha orelha. Claro, murmurou. Claro que foi.</p> <p>Depois descobrimos que alguém tinha atirado e arrancado a pele do companheiro e dos filhotes do leopardo, minha mãe suspira.</p> <p>E essa era a história oficial do meu nascimento.</p>
---	---

*So that my mind too veered away from myself and my mother's ordeal and went off into the world of the leopard. Soon enough I could see her clearly, licking down her cubs, or having intercourse with her mate. There in the dappled shade of the acacias. Then, the sound of thunder cracking, and all her loved ones down in a flash. And she, to her shame, forced to run away in fear, even as she smelled the blood and saw the bodies sprawled ungracefully. And later, coming back, she would discover all those she loved, just as she'd left them, but stiffly dead and without their skins.*

*And I could feel the horror in the leopard's heart, and the rage. And now I see a pregnant human appearing on the path, and I leap for her throat.*

The other children used to laugh at me. Look at her! they cried. Come see how Tashi has left our world. You can tell because her eyes have glazed over!

*Então minha mente também se desviou de mim e do infortúnio de minha mãe e foi para o mundo do leopardo. Logo eu pude imaginá-la lambendo a barriga dos seus filhotes ou tendo relações com seu companheiro. Lá na sombra manchada pelas acácias. Então, como um estouro de trovão, todos seus amados caíram repentinamente. E ela, para sua vergonha, foi forçada a fugir com medo mesmo sentindo o cheiro de sangue e vendo seus corpos terrivelmente espalhados. E depois, no seu retorno, descobriria que todos seus amados, assim como os havia deixado, estavam mortos e sem peles.*

*E pude sentir o terror e a raiva no coração do leopardo. E agora, vejo uma mulher grávida no caminho e aí eu pulo em sua garganta.*

As outras crianças riam de mim. Olhe para ela! Gritavam. Venham ver como Tashi saiu de si. Diziam isso por causa dos olhos vidrados!

## TASHI

<p>Olivia begged me not to go. But she did not understand.</p> <p>There was a bird that always cried when friends were parting forever, though the missionaries never believed this. It was called Ochoma, the bird of parting. I heard it as Olivia pleaded with me. I was arrogant, and the Mbeles had sent a captured donkey for me to ride.</p> <p>I listened to Olivia trying to control her breathing as she held on to the rope bridle. She was crying and there was a part of me that longed to trample her.</p> <p>She was like a lover.</p> <p>Tell me to do anything, and I will do it, she said.</p> <p>Tell me to go anywhere, and I will go, she said.</p> <p>Only, don't do this to yourself, please, Tashi.</p> <p>The foreigners were so much more melodramatic than Africans ever dared to be. It made one feel contempt for them.</p>	<p>Olivia implorou para que eu não fosse. Mas ela não entendeu.</p> <p>Havia um pássaro que sempre chorava quando seus amigos partiam para sempre, embora os missionários não acreditassem nisso. Chamava-se Ochoma, o pássaro da partida. Ouvi o pássaro quando Olivia implorou. Eu era arrogante e os Mbeles<sup>16</sup> haviam me enviado um burro capturado para cavalgar.</p> <p>Escutei Olivia tentando controlar a respiração enquanto eu segurava o freio da corda. Ela chorava e tinha uma parte de mim que desejava pisoteá-la.</p> <p>Parecia uma amante.</p> <p>Diga-me para fazer qualquer coisa e eu o farei, ela dizia.</p> <p>Diga-me para ir a qualquer lugar e eu irei.</p> <p>Só não faça isso consigo mesma, por favor, Tashi.</p> <p>Os estrangeiros eram muito mais melodramáticos que os africanos. Por isso sentíamos desprezo por eles.</p>
--	---

<sup>16</sup> N. da T. Segundo a própria narrativa, os Mbeles são grupos de diferentes partes da África que lutam pela liberdade.



We've been friends almost all our live, she said. Don't do this to us.

She hiccuped, like a child.

Don't do it to Adam.

I had in my mind some outlandish, outsized image of myself. I sat astride the donkey in the pose of a chief, a warrior. We who had once owned our village and hectares and hectares of land now owned nothing. We were reduced to the position of beggars — except that there was no one near enough to beg from, in the desert we were in.

They are right, I said to her from my great height astride the donkey, who say you and your family are the white people's wedge.

She stopped weeping. Wiped her eyes with the back of her hand, and nearly laughed.

Tashi, she said, are you crazy?

Somos amigas desde sempre. Não faça isso conosco, disse.

Ela soluçava como criança.

Não faça isso com Adam.

Existia em minha mente uma imagem estranha e descomunal de mim. Montei no burro com pose de chefe, uma guerreira. Nós que éramos donos da nossa aldeia e de hectares e hectares de terra, agora, não possuímos nada, pois fomos reduzidos à situação de mendigos— exceto pelo fato de que não havia ninguém por perto a quem mendigar no deserto que estávamos.

Eles estão certos, disse montada no burro, quando dizem que você e sua família são cunhas<sup>17</sup> dos brancos.

Ela parou de chorar. Enxugou os olhos com a palma da mão e quase riu.

Tashi, você está ficando maluca?

<sup>17</sup> N. da T. Cunha aqui está sendo utilizado no sentido de apadrinhamento, coligação.

I was crazy. For why could I not look at her? I stole glances down alongside her face and let my eyes slide over the top of her head. Her thick hair was braided in two plaits that crossed at the nape of her neck, just as she always wore it. Never would she wear the mealie row fan hairstyle that was traditional with Olinka women.

I had taken off my gingham Mother Hubbard. My breasts were bare. What was left of my dress now rode negligently about my loins. I did not have a rifle or a spear, but I had found a long stick, and with this I jabbed at the ground near her feet.

All I care about now is the struggle for our people, I said. You are a foreigner. Any day you like, you and your family can ship yourselves back home.

Jesus, she said, exasperated.

Also a foreigner, I sneered. I finally looked her in the eye. I hated the way her hair was done.

Eu estava maluca. Por que não olhei para ela? Olhei para baixo, ao lado do seu rosto, e deixei meus olhos correrem por cima de sua cabeça. O cabelo grosso estava trançado em duas partes que se cruzavam na nuca como de costume. Ela nunca usaria um penteado de leque de milho<sup>18</sup> que era tradicional entre as mulheres de Olinka.

Tirei a bata comprida<sup>19</sup>. Meus seios estavam nus. O vestido agora caía, descuidadamente, pelos meus quadris. Não tinha um rifle, nem uma lança, mas achei uma vara e o espetei perto dos seus pés.

Tudo o que me importa agora é a luta do nosso povo. Você é uma estrangeira. Qualquer dia, quando quiserem, você e sua família podem embarcar de volta para casa.

Jesus! disse, irritada.

Também uma estrangeira, zombei. Finalmente olhei em seus olhos e odiei a forma como seu cabelo estava arrumado.

<sup>18</sup> N. da T. A expressão “*the mealie row fan hairstyle*” foi traduzida por penteado de leque de milho que é um tipo de penteado classificado na categoria de “*Cornrows*”, ou seja, trancinhas, que consiste em dividir o cabelo em duas partes iguais e fazer fileiras de tranças contínuas e bem próximas ao couro cabeludo cruzando-se na nuca formando a imagem de um “V”, o que lembra um leque aberto. Essas tranças foram nomeadas como “*Cornrows*” por sua semelhança visual com os campos de milhos. Na época do colonialismo, os escravizados usavam trancinhas para homenagear o lugar de onde vieram e como uma forma prática de arrumar o cabelo. Pesquisa realizada em: <https://www.history.com/news/black-hairstyles-visual-history-in-photos>.

<sup>19</sup> A expressão “*Gingham Mother Hubbard*” foi traduzida por bata comprida por causa da sua semelhança com essa vestimenta. Segundo as pesquisas feitas nos dicionários online Cambridge e Oxford, a palavra “*gingham*” refere-se a um tecido de algodão. Enquanto que “*mother hubbard*” é um vestido muitas vezes estampado com padrões florais e cores vivas, longo, folgado de mangas compridas e gola alta que cobre todo corpo. Essa vestimenta foi introduzida por missionários na Polinésia para “civilizar” os selvagens seminus das ilhas dos mares do sul, sendo distribuído também na África. Pesquisa realizada em <https://www.definitions.net/definition/mother+hubbard+dress> [https://stringfixer.com/pt/Mother\\_Hubbard\\_dress](https://stringfixer.com/pt/Mother_Hubbard_dress)

Who are you and your people never to accept us as we are? Never to imitate any of our ways? It is always we who have to change.

I spat on the ground. It was an expression of contempt only very old Olinkans had known how to use to full effect.

Olivia, who knew the gesture, seemed to wilt, there in the heat.

You want to change us, I said, so that we are like you. And who are you like? Do you even know?

I spat in the dust again, though I only made the sound of spitting; my mouth and throat were dry.

You are black, but you are not like us. We look at you and your people with pity, I said. You barely have your own black skin, and it is fading.

Quem é você e seu povo que nunca nos aceitam como somos? Nunca seguem nossos caminhos? Sempre nós que temos que mudar.

Cuspi no chão. Era uma expressão de desprezo que só os mais velhos de Olinka sabiam usá-la de uma forma a causar maior efeito.

Olívia, que conhecia o gesto, parecia murchar ali no calor.

Você quer nos mudar para que sejamos como você. E quem é você? Você ao menos sabe?

Cuspi no chão novamente, embora só fizesse o som do cuspe, minha boca e garganta estavam secas.

Você é negra, mas não é como a gente. Temos pena de você e do seu povo. Você malmente tem a pele negra e está desbotando.

<p>I said this because her skin was mahogany while mine was ebony. In happier times I had thought only of how beautiful our arms looked when we, admiring our grass bracelets, held them up together.</p> <p>But she was suddenly stepping back from the donkey. Her hands at her sides.</p> <p>I laughed.</p> <p>You don't even know what you've lost! And the nerve of you, to bring us a God someone else chose for you! He is the same as those two stupid braids you wear, and that long hot dress with its stupid high collar!</p> <p>Finally, she spoke.</p> <p>Go, she said, and raised her chin sadly. I did not understand you hated me.</p> <p>She said it with the quietness of defeat.</p>	<p>Disse isso porque sua pela era da cor de mogno<sup>20</sup>, enquanto a minha da cor de ébano. Em tempos felizes, nossos braços pareciam bonitos quando os segurávamos juntos admirando as pulseiras de grammas.</p> <p>Mas ela subitamente se afastou do burro. Suas mãos ao lado do corpo.</p> <p>Ri.</p> <p>Você nem sabe o que perdeu! E que coragem de nos trazer um Deus que alguém escolheu para você! Ele é igual às duas tranças ridículas que você usa e aquele vestido longo e quente de gola alta horroroso!</p> <p>Finalmente, ela respondeu:</p> <p>Vá embora, disse, e levantou o queixo com tristeza. Não sabia que você me odiava.</p> <p>Ela disse isso tranquilamente vencida.</p>
---	--

---

<sup>20</sup> N da. T. A cor de mogno não é muito conhecida em nosso contexto, pois refere-se a cor de uma madeira de origem tropical com coloração castanho-avermelhado, da mesma forma ocorre com o ébano que é uma árvore de madeira muito escura, negra.

I dug my heels into the flanks of the donkey and we trotted out of the encampment. I saw the children, potbellied and with dying eyes, which made them look very wise. I saw the old people laid out in the shade of the rocks, barely moving on their piles of rags. I saw the women making stew out of bones. We had been stripped of everything but our black skins. Here and there a defiant cheek bore the mark of our withered tribe. These marks gave me courage. I wanted such a mark for myself.

My people had once been whole, pregnant with life.

I turned my back on the sister of my heart, and rushed away from her stricken face. I recognized myself as the leopard in her path.

Bati os pés no burro e seguimos para fora do acampamento. Durante o trajeto<sup>21</sup>, vi crianças barrigudas e com olhos moribundos que faziam com que parecessem sábias. Vi os velhos deitados nas sombras das pedras, mal se moviam em suas pilhas de trapos. Vi também as mulheres fazendo ensopado de ossos. Fomos despojados de tudo, exceto de nossa pele negra. Aqui e ali, um rosto desafiador trazia a marca murcha de nossa tribo. Essas marcas me deram coragem. Queria uma marca dessa para mim.

Meu povo já foi inteiro, cheio de vida.

Virei as costas para minha irmã de coração e me desviei do seu rosto ferido. Eu me reconheci como o leopardo em seu caminho.

---

<sup>21</sup> N. da T. Esse trecho relata a saída de Tashi do seu acampamento para ir em busca da marca identitária do seu povo, marca facial e corporal (circuncisão).

## TASHI

<p>And what about your dreams? the doctor one day asks me.</p> <p>I tell him I do not dream.</p> <p>I do not dare tell him about the dream I have every night that terrifies me.</p>	<p>E quanto aos seus sonhos? Um dia o médico pergunta.</p> <p>Digo a ele que não sonho.</p> <p>Não tenho coragem de falar sobre o sonho que tenho todas as noites e que me apavora.</p>
--	---

## ADAM

Your wife refuses to talk about her dreams, the doctor says, mysteriously. Above the couch, on which I imagine Evelyn lying, there is a blue, overarching figure of Nut. The body of woman as night sky. I sit uneasily in my chair, as if I am being interrogated as a spy, my damp palms resting on top of talons that end the chair's, arms.

I shrug. I certainly cannot speak of them.

But I am instantly back in our bed, sharing the night and its terrors with my wife. She is upright, clutching her pillow. Her eyes are enormous. She is shaking with fear.

Sua esposa se recusa a falar sobre os sonhos, o médico disse com um ar misterioso. Sobre o sofá onde imagino Evelyn deitada, há uma grande imagem de uma mulher atormentada<sup>22</sup>. O corpo da mulher é como o céu da noite. Sento-me inquieto, como se fosse interrogado como um espião, minhas mãos úmidas apoiadas nas garras na ponta dos braços da cadeira.

Encolho os ombros. Certamente não posso falar deles.

Mas repentinamente volto para nossa cama, compartilhando a noite e os terrores com minha esposa. Ela está de pé segurando o travesseiro. Seus olhos estão enormes. Ela está tremendo de medo.

---

<sup>22</sup> N. da T. O significado de “Nut” pode ser noz, castanha ou amêndoa, já que se refere a uma semente de casca dura. Como gíria de acordo com o dicionário Oxford pode significar também uma pessoa atormentada, louca. Então por conta do próprio contexto e da frase que vem logo após: “The body of woman as night sky”, a palavra “Nut” foi traduzida por mulher atormentada.

There is a tower, she says. I think it is a tower. It is tall, but I am inside. I don't really ever know what it looks like from outside. It is cool at first, and as you descend lower and lower to where I'm kept, it becomes dank and cold, as well. It's dark. There is an endless repetitive sound that is like the faint scratch of baby's fingernails on paper. And there are millions of things moving about me in the dark. I can not see them. And they've broken my wings! I see them lying crossed in a corner like discarded oars. Oh, and they're forcing something in one end of me, and from the other they are busy pulling something out. I am long and fat and the color of tobacco spit. Gross! And I can not move.

Existe uma torre, ela diz. Acho que é uma torre. Ela é alta e estou dentro dela. Nem sei como ela é por fora. Inicialmente é fresco e se você desce mais e mais até onde estou, torna-se úmido e frio. Está escuro. Há um som repetitivo que não para e que parece um bebê arranhando levemente o papel. E há milhões de coisas se movendo ao meu redor no escuro. Não consigo vê-las. E elas quebraram as minhas asas! Elas estão pelos cantos como remos descartados. Oh, e estão forçando alguma coisa em meus pés de um lado e do outro estão ocupados puxando algo para fora. Sou grande e gordo e da cor do cuspe do tabaco. Que nojo! Não consigo me mover.



<p>I did not know I would finally marry Tashi. For many years she was like another sister to me; always about the parsonage, playing with my sister, Olivia, the two of them frequently going on outings with my mother. I teased her mercilessly, and tried to boss her about. Like Olivia, she always stood her ground. I liked her mealie row fan hairstyle and her impish, darting ways. I liked her self-possession. And her passion for storytelling.</p> <p>We became lovers partly because we were so used to each other.</p> <p>In Olinka society the strongest taboo was against making love in the fields. So strong was this taboo that no one in living memory had broken it. And yet, we did. And because no one in the society could imagine us capable of such an offense—lovemaking in the fields jeopardized the crops; indeed, it was declared that if there was any fornication whatsoever in the fields the crops definitely would not grow — no one ever saw us, and the fields produced their harvests as before.</p>	<p>Não imaginava que me casaria com Tashi. Por muito tempo ela foi como uma irmã para mim; sempre brincando na casa paroquial com Olívia, minha irmã, as duas saiam frequentemente com minha mãe. Eu a provocava sem piedade e tentava mandar nela. Assim como Olívia, ela sempre manteve a postura. Eu gostava de seu penteado de leque de milho, de seu modo travesso e arrogante, do seu autodomínio e de sua paixão por contar histórias.</p> <p>Nos tornamos amantes principalmente porque estávamos acostumados um com o outro.</p> <p>Na sociedade de Olinka havia um tabu<sup>23</sup> que proibia fazer amor nos campos. Tão forte era esse tabu que ninguém na vida o havia quebrado. E ainda assim, nós o quebramos. E ninguém poderia imaginar que fôssemos capazes de tal ofensa—fazer amor nos campos prejudicava as colheitas, na verdade, disseram que se houvesse qualquer fornicação as colheitas não cresceriam—ninguém nunca nos viu e os campos produziram suas colheitas como antes.</p>
--	--

<sup>23</sup> N. da. T. Segundo o dicionário online da língua portuguesa, tabu é instituição religiosa que, atribuindo caráter sagrado a um objeto ou ser, proíbe qualquer contato com eles e até mesmo referência a eles. Pode significar também ação, objeto ou lugar proibidos por uma lei ou cultura. Dessa forma, os campos de Olinka eram considerados locais sagrados para a comunidade.

<p>I am thinking of our lovemaking, as the doctor waits for more of a response about Evelyn's dreaming.</p> <p>She dreams they have imprisoned her and broken her wings, I say into suspense.</p> <p>They, who? The doctor asks.</p> <p>But this, I say, I do not know.</p> <p>She was like a fleshy, succulent fruit; and when I was not with her I dreamed of the time I would next lie on my belly between her legs, my cheeks caressed by the gentle rhythms of her thighs. My tongue bringing us no babies, and to both of us delight. This way of loving, among her people, the greatest taboo of all.</p>	<p>Estou recordando os nossos momentos de amor enquanto o médico espera por mais resposta sobre o sonho de Evelyn<sup>24</sup>.</p> <p>Ela sonha que a aprisionaram e quebraram suas asas, digo assustado.</p> <p>Quem? O médico pergunta.</p> <p>Não sei, respondo.</p> <p>Ela era como uma fruta carnuda e succulenta e quando não estava com ela, sonhava com o momento que poderia deitar minha barriga entre suas pernas, meu rosto sendo acariciado pelos movimentos suaves de suas coxas. Minha língua não nos traz bebês e proporciona prazer para ambos. Esse jeito de amar entre o seu povo é um grande tabu.</p>
--	---

---

<sup>24</sup> Evelyn é o nome que Tashi adota nos Estados Unidos por não se identificar mais com a prática de circuncisão.

## ADAM

I could not bear the happiness of my father and aunt, who had decided they would be married during our visit to London. Nor could I stand the solicitude of Olivia, who empathized with me as I thrashed about, missing Tashi, though furious with her. I pounded the streets of London until my feet, in new hard leather shoes, were bruised. Only the weather made the days bearable. It was spring, and the beauty of the city was formidable. There were lilacs everywhere, and the air was filled with the sound of singing birds.

Não aguentei a felicidade de meu pai e de minha tia que decidiram se casar durante nossa visita a Londres. Nem o cuidado de Olivia, que estava preocupado comigo enquanto me debatia sentido falta de Tashi, apesar de estar aborrecido com ela. Andei pelas ruas de Londres até meus pés, com os sapatos novos de couro reforçado, ficarem machucados. Apenas o tempo tornava os dias suportáveis. Era primavera e a beleza da cidade incrível. Havia lilases em todos os lugares, e o ar enchia-se com o canto dos pássaros.

The Missionary Society had put us up in spacious rooms near St. James's Park, and Olivia and I spent hours underneath the ancient trees. We enjoyed watching the men and women who came out of their home promptly at quarter to four, on their way to tea at other people's homes, and who crossed in front of us, reservedly whispering. My window looked out right into the trees, and there was so much sky I often woke up thinking I was still in Africa.

After the wedding, I took the boat train to Paris, hoping that the change of scenery would do me good. There was also a young woman I hoped to see, whose name was Lisette.

A Sociedade Missionária nos colocou em quartos espaçosos perto do parque St. James. Olivia e eu passamos horas embaixo das árvores antigas. Gostávamos de ver homens e mulheres que saíam de suas casas, pontualmente, às quinze para quatro, a caminho de outras casas para tomar chá e que passavam em nossa frente sussurrando reservadamente. Minha janela direcionava-se para as árvores e havia tanto céu que às vezes acordava pensando ainda estar na África.

Depois do casamento, peguei o trem para Paris, esperando que a mudança de cenário me fizesse bem. Havia também uma jovem mulher que eu esperava ver, seu nome era Lisette.

Lisette had visited us in Olinka as part of the youth group of her church. We often entertained visitors, from all over the world, and this was rather perfunctory, even predictable and boring, but she and I had struck up a lively conversation about some of her family's experiences as colonialists in Algeria, where she had lived the earlier part of her life, and had had the opportunity to spend several hours alone in each other's company. This was possible because I was then tending an elderly parishioner who lived on the outskirts of the village. There was no one else to feed and clothe him during the last weeks of his life, and so my father had assigned this task to me, in the hope, I suppose, that it would increase my feelings of humility. I was bored to distraction, and actively prayed for my patient to lose his feeble hold on life and die, which he eventually did.

Lisette nos visitou em Olinka como membro do grupo jovem da igreja. Costumávamos receber visitantes de todo mundo que era um pouco superficial, até previsível e chato, mas nós tivemos uma conversa animada sobre a experiência de sua família como colonialista na Argélia onde ela viveu inicialmente parte de sua vida. Tivemos a oportunidade de passar horas sozinhos na companhia um do outro. Isso foi possível porque eu cuidava de um paroquiano idoso que vivia nos arredores da vila. Não havia ninguém para alimentá-lo e vesti-lo nas últimas semanas de sua vida, então meu pai me atribuiu essa tarefa, na esperança, suponho, de aumentar meus sentimentos de humanidade. Eu estava bastante entediado e orava muito para meu paciente perder seu fraco controle sobre a vida e morrer, o que ocorreu.

It was to this post, Torabe's hut, that Lisette followed me. She stood by, chestnut-haired and pale, very pretty in the startling white people's way that seems something of a clash at times with natural surroundings, as I fed and washed him and dressed his sores—for he had lain on his rags for a long time—and she chattered on about the charms of Paris. She spoke English with an accent that embellished it.

I could not believe I'd found her so easily. But soon we were cozily sipping coffee in her tiny doll's house near the train station, a house that had been left her by her grandmother, and she was telling me about her career as a teacher. In her surroundings I felt it was I who clashed.

Foi até este posto, a cabana de Torabe, que Lisette me seguiu. Parada, cabelos castanhos e pálida, muito bonita em uma surpreendente brancura que parecia às vezes confrontar o ambiente natural. Enquanto eu o alimentava, banhava e cuidava de suas feridas—pois estava deitado em trapos velhos por muito tempo—ela conversava sobre os encantos de Paris. Falava inglês com um sotaque que o embelezava.

Não acreditei que a encontrei tão facilmente. Logo estávamos tomando café confortavelmente em sua casa de boneca perto da estação de trem, uma casa deixada por sua avó. Ela me contava a respeito de sua carreira como professora. No seu mundo, senti que eu era destoante.

<p>But you did not come all this way to hear about French high school students, she said, passing me a dainty slice of cake.</p> <p>You seem troubled, no? What is the use?</p> <p>It was a minor slip, charming, and made me laugh. It was just how I felt.</p> <p>You live alone here, and no one bothers you? I said.</p> <p>She shrugged.</p> <p>And no one cares that you are not married and that you make your own living?</p> <p><i>Mais non</i>, she said. Women are no longer chattel, she sniffed. Even if it is only very recently that French-women got the vote. Now, she said, frowning, we get to vote for one man after another.</p> <p>I smiled sadly.</p>	<p>Mas você não veio até aqui para ouvir falar de estudantes de ensino médio francês, ela disse, passando-me uma fatia saborosa de bolo.</p> <p>Você parece preocupado, não? Qual é o problema?</p> <p>Foi um pequeno deslize, encantador, e me fez rir. Era exatamente como me sentia.</p> <p>Você vive sozinha aqui e ninguém te incomoda?</p> <p>Ela encolheu o ombro</p> <p>E ninguém se importa que você não seja casada e tenha sua própria vida.</p> <p><i>Mais non</i>, disse. Mulheres não são mais bens móveis, suspirou. Ainda que só muito recentemente as mulheres francesas tiveram direito ao voto. Agora, disse franzindo a testa, podemos votar em um homem após o outro.</p> <p>Sorri tristemente.</p>
--	--

<p>I wanted so much to ask her about her sex life. When, whether, to whom she made love. How the act of lovemaking felt to her. Whether she knew and practiced the ways to make love without making babies.</p> <p>I asked instead about her church. Whether she was still active in it. Whether it still sent youth groups to Africa.</p> <p>Well, to tell the truth, she said, I have lost the faith. I look and look in this religion of mine and I am nowhere in it. When I was younger I thought the church was there because it helped everybody enlarge their spirit, but really, people around here appear to be more meanspirited than ever.</p>	<p>Queria muito perguntá-la sobre sua vida sexual. Quando, se, com quem fazia amor. Como se sentiu ao fazer amor. Se conhecia e praticava o jeito de fazer amor sem fazer bebês.</p> <p>Em vez disso, perguntei sobre a igreja. Se ainda estava ativa e enviava grupos de jovens para África.</p> <p>Bem, para falar a verdade perdi a fé, disse. Olho e olho para essa minha religião e não estou em lugar nenhum. Quando era jovem achava que a igreja estava lá para ajudar todos a ampliarem seus espíritos, mas na realidade as pessoas ao redor parecem mais mesquinha do que nunca.</p>
---	--



<p>She stopped suddenly.</p> <p>Don't get me started. What happened was I could not reconcile the word "obedience" that the bride says in the church wedding with any kind of spiritual or physical expansion for myself. I felt tricked by that word.</p> <p>I thought of my father and of Mama Nettie. Had "obey" been word used in their marriage ceremony? And would Mama Nettie "obey" my father? I knew them well enough to know they'd strive to please each other; they already did so. Neither he nor she would have the last word. But why did the word exist, in a ceremony between equals and loved ones? Well, obviously because the woman, who was required to obey, was not considered equal.</p>	<p>Ela parou de repente.</p> <p>Não me faça começar. Acontece que não consegui conciliar a palavra "obediência", dita pela noiva no casamento, com algum tipo de expansão espiritual ou física para mim. Eu me senti enganada por essa palavra.</p> <p>Pensei no meu pai e na mãe Nettie. "Obedecer" foi a palavra usada em sua cerimônia de casamento? E a mãe Nettie "obedeceria" ao meu pai? Eu os conhecia o suficiente para saber que se esforçariam para agradar um ao outro; e foi o que fizeram. Nem ele e nem ela teriam a última palavra. Mas, por que essa palavra existe em uma cerimônia entre iguais e que se amam? Bem, obviamente porque a mulher, que é obrigada a obedecer, não era considerada igual.</p>
--	--

I thought of Tashi. Each time we made love, she'd wanted me as much as I'd wanted her. She had engineered most of our meetings. Whenever we held each other she was breathless in anticipation. Once, she claimed her heart nearly stopped. Such pleasure as ours was difficult for us to believe. Was it a pleasure of which others knew? we often asked ourselves. The faces of our elders in the village bore no hint of it.

Pensei em Tashi. Quando fazíamos amor ela me queria tanto quanto eu a queria. A maioria dos nossos encontros foi planejado por ela. Sempre que nos abraçávamos ela ficava logo sem fôlego. Uma vez afirmou que seu coração quase parou. Um prazer assim era difícil de acreditar. Era um prazer que outros conheciam? Frequentemente perguntávamos. Os rostos de nossos anciões na aldeia não davam nenhuma pista sobre isso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concretização deste trabalho significou uma trajetória de aprendizado. A tarefa de traduzir muitas vezes desencadeou dúvidas, questionamentos e inquietações que me motivaram a buscar soluções. Inicialmente, não foi fácil traduzir um texto com uma temática que não faz parte da nossa cultura e que, por outro lado, causou um desconforto devido à violência e o sofrimento que vivenciei junto com a personagem que tem seu corpo mutilado. As dificuldades encontradas durante este percurso foram solucionadas através do estudo e do conhecimento da própria temática em questão. Isso deixou mais claro que a tradutora, no seu papel de mediadora, deve atentar-se principalmente às questões culturais e conhecer os aspectos linguísticos da língua que traduz, pois os significados das palavras frequentemente se ressignificam em outra cultura. Cada cultura faz parte de um sistema de significações diferentes no qual o mundo é entendido e definido — por isso conhecer seus mecanismos e aspectos linguísticos servem para evitar uma compreensão ambígua e interpretações equivocadas — obtendo assim um bom nível de compreensão do texto.

Quando comecei a tradução do romance sem me aprofundar na temática, o texto apresentou-se de forma descontextualizada, alguns trechos não eram compreensíveis e a história parecia não fazer muito sentido. Essa experiência me mostrou, por meio da prática, que as palavras estão associadas a um contexto — por isso a tradução literal — o simples transporte de uma língua, pode produzir um texto confuso se a tradutora não tem conhecimento suficiente para interpretar as palavras dentro de um contexto específico. Por exemplo, a palavra “banhar” no romance aparece com um sentido diferente do definido no dicionário. Nesse caso, o léxico “banhar” refere-se à própria prática da mutilação; significa a retirada do clitóris, a limpeza simbólica associada à purificação que este ato representa na vida de algumas mulheres africanas. Vejamos o exemplo disso no seguinte trecho: “Então por que a vulva da mulher é destruída? Pergunto. “Banhada” como eles dizem “limpa””<sup>25</sup> (WALKER, 1992, p.240, tradução nossa). Portanto, não podemos traduzir essa palavra considerando apenas seu sentido literal, o significado dela é ampliado a partir da análise do contexto.

Ficou claro que não é suficiente entender a tradução como um processo de equivalência. A tradução envolve culturas, aspectos linguísticos, identidade e perpassa a subjetividade da

---

<sup>25</sup> “Then why is that it is a woman’s vulva that is destroyed? I ask. “Bathed”, as they say, “cleaned off”. (WALKER, 1992, p.240)

tradutora. A subjetividade diz respeito ao repertório de experiências que a tradutora mobiliza e que irá motivar suas escolhas tradutórias num ato de escrevivência que representa o seu lugar de fala; conseqüentemente sua voz pode se conectar com narrativas em outros pontos da diáspora africana através de um processo de ancestralidade, identificação e representação marcados nos corpos e nas subjetividades de pessoas negras.

Nesta dissertação, a tradução é vista como uma reescritura, porque acredito na responsabilidade que tem a tradutora — considerando as normas da comunidade interpretativa da qual faz parte e atentando-se ao contexto da obra — para pensar e interpretar o texto sem necessariamente tentar reproduzi-lo mecanicamente. Na tradução ocorrem algumas perdas por causa das diferenças linguísticas e ainda temos que lidar com a questão do intraduzível — partes que não são facilmente comunicáveis. Frequentemente a tradutora precisa fazer algumas interferências como: adaptações, acréscimos, omissões e clarificações para que o texto se torne mais compreensível ou adequado sintaticamente ao(à) leitor(a). Essas soluções tradutórias fazem parte do procedimento técnico da tradução e, ao aplicá-las, devemos ter cuidado para não interferimos nas rimas, no estilo e na dicção do(a) autor(a) para não automatizar demais o texto. Tudo isso movimenta o texto de partida que ora se afasta ou se aproxima do texto traduzido.

Considerando as ideias discutidas até aqui, realizamos uma tradução com o objetivo de ressaltar a oralidade presente na dicção da autora e os demais traços afrodiaspóricos do texto. A tradução densa foi utilizada como metodologia para destacar os traços afrodiaspóricos, visando esclarecer o(a) leitor(a) sobre aspectos culturais que aparecem no romance, os quais não deixam de transferir para a cultura de chegada valores, costumes e tradições que dizem respeito à cultura africana, visibilizando-a. Ao trazer as características da oralidade para a tradução, temos, paralelamente, uma estratégia que valoriza o estilo da autora e não invisibiliza as marcas culturais do texto de origem; assim o(a) leitor(a) tem acesso ao que a cultura tem a oferecer, não ficando restrito ao seu universo de significados, podendo refletir sobre outras culturas. A tradução pode destacar aspectos culturais do texto pensando na perspectiva da hospitalidade ou sobrepor os valores da cultura de chegada aos valores da cultura de partida, causando uma subserviência cultural, o que tentei evitar nesta tradução.

Partindo ainda da proposta de destacar elementos afrodiaspóricos, na análise do primeiro capítulo, utilizei textos que tratavam de assuntos relacionados às tradições e aos costumes africanos para explicar e analisar trechos do romance. Como já foi dito, esse tipo de tradução pode ser visto com um ato político de resistência, no sentido de trazer para discussão conhecimentos que antes eram invisibilizados devido à hegemonia cultural eurocentrada. O

empoderamento de grupos minoritários (negros, mulheres, indígenas) foi fundamental para que eles se estabelecessem como agentes de transformação social e política, reivindicando o respeito a sua identidade por meio da luta por inclusão. Nesse sentido, o meu lugar de fala representada o meu empoderamento como mulher negra tradutora.

No papel de tradutora foi importante compreender que a mutilação genital está intrinsecamente relacionada com a questão cultural, fato que foi fundamental para entender o porquê da continuidade de algo que é tão violento ao corpo da mulher. No romance percebemos que M'Lissa, a excisadora de Tashi, é vista como ícone, alguém de muito valor dentro da comunidade, já que ela é responsável por perpetuar uma tradição. A realização dessa prática também reflete o poder da figura masculina nessas sociedades, o que ficou notório principalmente através do filme africano *Moolaadé* do escritor e diretor Ousmane Sembène. O filme mostrou o posicionamento das mulheres que na atualidade lutam pelo direito de preservar a integridade física de suas filhas, além de dialogar com o romance de Walker no sentido de denunciar a prática como algo ruim e violento ao corpo da mulher. A própria Walker trata da temática do romance enfatizando também a perspectiva cultural, ou seja, a influência da cultura sobre o comportamento humano e como um marcador de identidade que motiva a personagem Tashi a optar pela prática. Por esse viés a autora não deixou de mostrar as consequências desse ato na vida da personagem, desde um andar diferenciado ao sofrimento psicológico e a perda de um filho, dentre outros.

A importância da resistência também se faz presente na temática trazida pela autora. No prefácio Walker questiona o que significa possuir o segredo da alegria, onde se pode encontrá-lo e onde devemos procurá-lo. Ela admite que o segredo da alegria já esteve evidente muitas vezes em sua vida. Tal segredo é revelado pela autora no final do livro quando Tashi, condenada por matar M'Lissa, segue para sua sentença final, a morte. No caminho, ela vê uma bandeira segurada por Adam, Olivia, Benny e Pierre que diz em letras maiúsculas: Resistência é o Segredo da Alegria. A resistência faz parte da trajetória de pessoas negras que tiveram que resistir à escravidão, à violência, ao racismo, à desvalorização cultural e à invisibilidade no campo do conhecimento. No romance em questão, Tashi resistiu ao sofrimento que a mutilação causou em sua vida, porém por causa desse sofrimento e para a libertação do seu *self* ela precisou assassinar M'Lissa.

Finalizando toda uma trajetória de pesquisa e estudo no que diz respeito ao romance e ao conhecimento sobre teorias de tradução, afirmo a importância deste trabalho como uma ato político de resistência no campo da linguagem e da representação, principalmente no que se

refere à tradução, um campo que aos poucos está se abrindo a tradução de autorias negras como vimos recentemente com a publicação dos livros: *Mulheres, Raça e Classe* (2016), de Angela Davis, *Pensamento Feminista Negro* (2019), de Patricia Hill Collins e *Olhares Negros, Raça e Representação*, de bell hooks (2019); livros que foram publicados nos Estados Unidos na década de 80 e 90, e que só atualmente foram traduzidos para o português, o que nos ajuda a pensar sobre a condição social da mulher negra e o movimento feminista negro relacionando com o nosso contexto. É necessário continuar incentivando essas traduções— não só de autoras americanas, mas também de africanas e de mulheres de outras localidades — pois, como um espaço de representação, elas servem para questionar e desestabilizar as forças sexistas e racistas, além de contribuir para expansão do nosso repertório cultural, dialogar com outras culturas e dar espaço a outros lugares de falas.

## REFERÊNCIAS

- AGRA, Klondy. **A integração da língua e da cultura no processo de tradução.** Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf>. Acessado: 29/02/2020
- \_\_\_\_\_. **A teoria pós-colonial na tradução: caminhos à descolonização através da arte e educação.** Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/agra-klondy-2013-teoria-pos-colonial-pos-traducao.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2020
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.
- AMORIM, L. M. **O (não) engajamento em traduções da literatura afro-americana no Brasil: o caso do filho nativo, de Richard Wright.** *Tradterm*, v. 24, p 293-262, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/96565>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- \_\_\_\_\_. O papel da tradução na construção da identidade da literatura afro-americana no Brasil. **Revista do Gel.** São Paulo, v.9, n.1, p. 107-32.2012b.
- ARAUJO, C. de. G. S; SILVA-REIS, D. **Tradução e diásporas negras: o percurso da graúna metafísica.** *Revista Translatio*, n. 13, p 1-19, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/74386/42060> Acesso em: 12 mar. 2020.
- ARROJO, Rosemary (org.). **O signo desconstruído: implicações para tradução, a leitura e o ensino.** Campinas-SP: 2ª edição Pontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Oficina de tradução: a teoria na prática.** 5ª ed. São Paulo: Ática, 2007
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta.** Rio de Janeiro: Pontes, 2004.
- BASTOS, Camila Rodrigues; JÚNIOR, Elias Lopes da Silva; PINTO, Divino José. **Direitos humanos e literaturas: realidade dos direitos da Mulher em Possessing the Secret of Joy, de Alice Walker,** 2017. Disponível: <https://pensar2015.ndh.ufg.br/p/20055-3-direitos-humanos-e-literatura-realidade-dos-direitos-da-mulher-em-possessing-the-secret-of-joy-de-alice-walker>. Acesso em 18 de maio de 2020.
- \_\_\_\_\_. Alice Walker: história e narrativa pós-colonial. In: BASTOS, Camila R **Tradução, transcrição e feminismo negro em Alice Walker.** Goiânia, 2017. Cap. 1. P.11-85.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue longínquo.** Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- BERTH, Joice. **Empoderamento.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BHABHA, Homi. K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BORDINI, M. da G. **Estudos Culturais e Estudos Literários.** Disponível em: [revistaseletronicas.pucrs.br/fzva/ojs/index.php/fale/article/view/610](http://revistaseletronicas.pucrs.br/fzva/ojs/index.php/fale/article/view/610). Acessado em 11/04/2020
- BRITTO, Paulo Henrique. **A tradução literária.** 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CAMPOS, Paula. Descobrimo uma tradutora ou por uma tradução responsável e ética. In: CARRASCOSA, Denise. **Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas Náuticas**

**Afrodiaspóricas para Travessias Literárias.** Salvador – Bahia: Ogums Toques Negros, 2017.

CARRASCOSA, Denise (Org.). **Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas Náuticas Afrodiaspóricas para Travessias Literárias.** Salvador: Ogums Toques Negros, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política do emponderamento;** tradução Jamille Pinheiro Dias. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

\_\_\_\_\_. **O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso.** Campinas. 18 de dez. de 2017, Disponível em: <http://doi.org/10.1590/18094449201700510018>. Acesso em: 15 de jun. de 2020

DALCASTAGNÉ, Regina. **O lugar de fala.** In: \_\_\_\_\_ Literatura brasileira Contemporânea: um território contestado. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2012. P. 17-48.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe;** tradução Heice Regina Candiani. 1.ed. São Paulo. Boitempo, 2016.

DOMINGOS, Luis Tomas. A visão africana em relação à natureza. **Revista Brasileira de História das Religiões.** Maringá (PR), V.III, n.9, jan./2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de Literatura Afro-Brasileira. **Terceira Margem.** Rio de Janeiro, V. 14, nº 23. 2010. P 113-138.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa;** tradução de Eliana Aguiar; revisão técnica de Rafaela Quental. - Rio de Janeiro: Record, 2007.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA,** Belo Horizonte, v. 13, n.25, 2º sem.2009.

EVE` apple. Direção: José Manuel Colón. Roteiro: José Manuel. Espanha: Alquimistas producciones audiovisuales, 2017. DVD 90 min.

FANON, Frantz. **Pele negra e máscaras brancas;** tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARANI, Ana M. S. L. **Traduzindo a Comunidade Afro-americana de Toni Morrison em Sula.** 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

FELINTO, Marilene. Feminismo em prosa. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 24 de maio de 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs24059817.htm>. Acesso em 05 dez. 2019

\_\_\_\_\_. Vítimas da mutilação genital. **Folha de São Paulo,** 20 de jul. de 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/7/20/mais!9.html>. Acesso em: 15 de jun. 2020

FLOR DO DESERTO. Direção: Sherry Hormann. Autoras: Waries Dirie, Cathleen Miller, 2010, DVD (127 min).

FORD, Clyde W. **O herói com rosto africano: mitos da África.** Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. Selo Negro –SP, 1999.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos/** organização Flavia Rios, Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. Diáspora, ou a lógica da tradução cultural. **MATRIZES,** p. 47-58. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/124647>. Acesso em 20 de jan.2020



\_\_\_\_\_. **Da diáspora identidades e mediações culturais**. Tradução Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Ecosteguy, Cláudia Alvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Editora UFMG-Belo Horizonte. Pg 131- 199.

HAMPÂTE BA, Amadou. A tradição viva. In:KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2ªed.Brasília: UNESCO,2010, p.167-206.

HOOK, Bell **Olhares negros raça e representação**, tradução Stephanie Borges. São Paulo. Elefante, 2019.

\_\_\_\_\_. Intelectuais negras. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 3, n.2, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 15 de jun.de 2020

\_\_\_\_\_. **Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo**. Tradução livre para plataforma gueto. Janeiro de 2014.1ª edição, 1981.

JOB, S. M. **Cânone, feminismo, literatura: Relações e implicações**. *Falas Breves*, n. 2, p. 59-70, 2015. Disponível em: <https://www.falabreves.ufpa.br/index.php/revista-falabreves/article/view/31/37> Acesso em: 10 jan. 2020.

LEFEVERE, André. **A tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução Claudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007.

LITERATURA E IDEOLOGIA: uma entrevista com Alice Walker. **Portal Geledés**. 14 ago. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/literatura-e-ideologia-uma-entrevista-com-alice-walker/> Acesso em: 10 de maio 2020.

MAZZOLA, R. B. A formação do cânone literários e visuais. In: **O cânone visual: as belas em discurso (online)**. São Paulo Editora UNESP, Cultura Acadêmica, 2015, p.29-68.

M OOLAADÉ. Direção e Produção: Ousmane Sembène. Cinematografia: Dominique Gentil. Elenco: Fatoumata Coulibaly, Salimata Traore, Animata Dao, Dominique Zeida, Mah Compaore e outros. Senegal: Filmi Doomireew, 2004. DVD. (124min)

MUNIZ, Sodré. **A verdade seduzida: Por um conceito de cultura no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro. Editora DP&A, 2005. P.10-35.

ONU PEDE ELIMINAÇÃO DE “PRÁTICA VIOLENTA” DA MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA ATÉ 2030. **Nações Unidas Brasil**. 11 fev.2016. Disponível em: [acoesunidas.org/onu-pede-eliminacao-de-pratica-violenta-da-mutilacao-genital-feminina-ate-2030](https://acoesunidas.org/onu-pede-eliminacao-de-pratica-violenta-da-mutilacao-genital-feminina-ate-2030).Acesso em: 26 abr.2020.

PYM, Anthony. Incerteza. In: PYM, Anthony. **Explorando teorias da tradução**. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri, Juliana Steil. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. p.175-228.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Traição versus transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade**. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4284>. Acessado: 10/01/2020

REIS, Luciana. Entendendo a Travessia: por uma tradução escrevivente. In: CARRASCOSA, Denise. **Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas Náuticas Afrodiáspóricas para Travessias Literárias**. Salvador – Bahia: Ogums Toques Negros, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e diferença**- São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza; Chauí, Marilena. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2013

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergência. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, 2002, p.237-280.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. Provérbios utilizados dentro da comunidade acerca da comunidade. In: \_\_\_\_\_ **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. São Paulo, 2019, p.70-86.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA.5, 2011, Santa Catarina. **Mutilação Genital Feminina na literatura de ficção de Alice Walker**. Santa Catarina, 2011. Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura

SILVA-REIS, D; AMORIM, L. M. Negritude e tradução no Brasil: o legado do Barão de Jacuecanga. **Cadernos de Literatura em Tradução**, 2016, p.7-18.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2014.

SOW, Fatou. As mutilações genitais femininas: estado atual da África. Tradução Tania Navarro Swain. **LABRYS – estudos feministas**, 2004. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys5/textoscondensados/sowbr.htm>. Acesso em: 03 jun. 2020

STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Suzane; ZANELLO, Valeska; SILVA, Edilene; PORTELA, Cristiane (orgs). **Mulheres e violências: interseccionalidade**. Brasília, DF: Technopolitiki, 2017.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (orgs.). **Literatura traduzida tradução comentada e comentários de tradução**, v.2. Fortaleza: substância, 2017, p. 15-35.

VENUTI, L. **Os escândalos da tradução**. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: Edusc, 2002.

\_\_\_\_\_. **Translation as cultural politics: regimes of domestication in English**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/09502369308582166>. Acessado: 17/02/2020.

WALKER, Alice. **Possessing the Secret of Joy**. New York: Simon e Schuster, 1993.

\_\_\_\_\_. **In Search of our mothers `gardens**. United States. New York: Harcourt e Company, 1983.